

# **Integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos na cidade de Bragança**

**José Micael Gonçalves Pereira**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para obtenção do  
Grau de Mestre em Educação Social- Educação e Intervenção ao Longo da Vida

Orientada por:

Professora Doutora Maria do Nascimento Esteves Mateus

Bragança

Maio, 2020

**Integração académica, social e cultural dos estudantes cabo –  
verdianos na cidade de Bragança**

**José Micael Gonçalves Pereira**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção do  
grau de Mestre em Educação Social: Educação e Intervenção ao Longo da Vida

Orientada por:

Professora Doutora Maria do Nascimento Esteves Mateus

Bragança

Maio, 2020



“Se és diferente de mim, meu irmão, em vez de me prejudicares, enriqueces-me.” (Saint-Exupéry, 2010, citado por Rodrigues, 2013, p. 24).

## **Dedicatória**

Ao Doutor Amílcar Loução e ao Professor Emanuel Semedo, porque sem o vosso apoio nunca viria para Europa realizar o melhor sonho da minha vida, que é poder experimentar outras vivências, valências da vida e experiência académica.

A uma família incondicional, Dra. Eduarda e Dr. David, que me abraçam como um filho.

Estarei grato a todos vós!

## **Agradecimentos**

Uma investigação científica não se alcança sem assistência, estímulo, colaboração, fé, boa iniciática, capacidade de decisão, autonomia intelectual ou coragem, vindos de pessoas indispensáveis e profissionais que merecem ser mencionados e destacados.

Em primeiro lugar agradeço a Deus e aos meus pais (Jesuína Lopes Gonçalves e Álvaro António Pereira), pela vida e coragem que me têm dado; por amarem-me e terem-me dado a conhecer o lado nobre da vida, que é a formação e o conhecimento, seja do senso-comum ou académico, e por serem sempre o meu guia em todos os momentos da minha vida.

A minha prestigiada orientadora, Doutora Maria de Nascimento Mateus, os meus sinceros votos de gratidão, não somente pela orientação na elaboração desta Tese, mas principalmente pela força, ânimo, ensinamentos, pragmatismo, pela sincera amizade e sobretudo por ter-me dado oportunidade que nunca tive no meu País.

Ao Doutor Carlos Morais em especial e a todos os professores do IPB que contribuíram para que a minha formação seja de êxitos.

Esta dedicação não deixa de fora os meus queridos irmãos (Minerzick, Ginquel, Janice e Clanice), a minha prima querida Alice Matilde e tio Zé Mendes.

Agradeço à minha namorada (mulher), Andreia Varela, que amo por toda vida.

Aos estimados e carismáticos familiares portugueses que me acolheram como uma família: Dona Eduarda, Doutor David, António Padrão, presidente da turma, contabilista Carlos, Doutor Amílcar, chefe Alypios, um muito obrigado pelo apoio, presença, oportunidades, incentivos, proteção e carinho.

Palavras de apreço a meu primo Rogério, amiga Iliana Martins, Katy, Espínola, Isais, Lídia, Nuno, João, Joana, Alexandro, Nelson, João Semedo, Diza e Euclides que desde sempre batalhámos juntos, meus caros padrinhos (Maria, Ângela e António) e a todos, que de uma forma ou de outra, contribuíram para a concretização deste êxito.

Aos meus professores da licenciatura que admiro bastante: Nardi Sousa, Emanuel Semedo, António Gonçalves, Odair Varela, Gabriel Fernandes, Fátima Alves, Carlos Santos, Vítor Fortes, Aquilino Varela, Redy Lima e ao professor carismático e amigo Zé, uma palavra amiga pelos conhecimentos, educação e esforço, que me fizeram crescer imenso até hoje.

Também agradeço os meus colegas do Mestrado em Educação Social: Educação e Intervenção ao Longo da Vida pela atenção, partilha, discórdia e apoio em todos os momentos e em todas as tarefas durante dois anos maravilhosos de formação e a todos os profissionais da saúde de Bragança que me apoiaram numa altura difícil de saúde. “Somos uma família!”

**Obrigado a Todos!**

## Índice geral

|  |      |
|--|------|
| Dedicatória .....  | ii   |
| Agradecimentos .....   | iv   |
| Índice geral .....   | v    |
| Índice de figuras .....  | vii  |
| Índice de tabelas .....  | vii  |
| Siglas .....   | vii  |
| Resumo .....   | viii |
| Abstract .....   | ix   |
| Introdução .....   | 1    |
| Capítulo I – Enquadramento teórico .....   | 4    |
| 1. Portugal/Cabo-Verde – Um exemplo da internacionalização do ensino superior.....   | 4    |
| 2. Multiculturalidade/Multiculturalismo .....  | 7    |
| 2.1. Diversidade e multiculturalismo cultural .....  | 7    |
| 3. Interculturalidade entre os estudantes na cidade de Bragança .....  | 17   |
| 3.1. A diferença entre interculturalismo e multiculturalismo .....   | 18   |
| 3.2. Multiculturalismo e críticas em detrimento da interculturalidade .....  | 19   |
| 3.3. Juventude, estilos de vida, processos da identificação da cultura dos estudantes cabo – verdianos .....                                   | 21   |
| 4. Breve contexto histórico-social do arquipélago de Cabo Verde.....   | 23   |
| 5. A vivência dos estudantes cabo – verdianos em instituições de acolhimento em Portugal .....   | 24   |
| 6. O papel do IPB perante a diversidade cultural .....   | 27   |
| 6.1. A criação da AEAB em Bragança/Mirandela e a estratégia do IPB na implementação do projeto Banco Solidário .....                           | 30   |
| Capítulo II - Investigação empírica .....  | 34   |
| Contextualização do estudo, o problema, os objetivos, a amostra, metodologia, caracterização dos/das participantes e a recolha dos dados ..... | 34   |
| 1. Contextualização e relevância do estudo .....   | 34   |
| 2. Formulação do problema e dos objetivos .....  | 36   |
| 3. Seleção da amostra e procedimentos utilizados .....   | 37   |
| 4. Metodologia .....   | 38   |

|  |    |
|--|----|
| 4.1. Natureza da investigação .....  | 38 |
| 4.2. Instrumentos de recolha de dados .....  | 39 |
| 4.2.1. Inquérito por questionário .....  | 39 |
| 4.2.2. Entrevista com guião .....  | 40 |
| 5. Tratamento da informação .....  | 41 |
| 6. Questões éticas na recolha de dados .....   | 42 |
| Capítulo III - Apresentação, análise e discussão dos resultados .....  | 43 |
| 1. Caracterização sociodemográfica dos/as participantes .....  | 43 |
| 1.1. Caracterização dos/as inquiridos/as .....   | 43 |
| 2. Caracterização da AEAB .....  | 45 |
| 3. Resposta às questões sobre a integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos na cidade de Bragança .....  | 47 |
| 4. O educador social no auxílio económico, cultural e pessoal aos estudantes internacionais .....                                    | 59 |
| 5. Discussão dos dados .....   | 62 |
| Considerações finais .....   | 67 |
| Referências bibliográficas .....   | 69 |
| Anexos .....   | 75 |
| Anexo 1 – Inquérito por questionário e consentimento livre e esclarecido aos estudantes cabo - verdianos na cidade de Bragança ..... | 76 |
| Anexo 2 - Consentimento livre e esclarecido ao Sr. Diretor da ESE .....  | 82 |
| Anexo 3 - Guião da entrevista semiestruturada .....  | 83 |
| Anexo 4 - Consentimento livre e esclarecido à AEAB.....  | 85 |
| Anexo 5 - Análise de conteúdo .....  | 86 |

## **Índice de figuras**

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Fatores que levaram os inquiridos/as, a estudar no IPB .....                                | 48 |
| Figura 2 – Caraterização do comportamento de aceitação dos inquiridos/as<br>pela sociedade civil ..... | 52 |
| Figura 3 – Caraterização do comportamento de rejeição dos inquiridos/as .....                          | 53 |
| pela sociedade civil   |    |

## **Índice de tabelas**

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – Caraterização sociodemográfica dos/as inquiridos/as .....                                 | 44 |
| Tabela 2 – Caraterização do meio académico frequentado pelos inquiridos/as .....                     | 45 |
| Tabela 3 - Caraterização da escolha dos inquiridos/as para estudar no IPB .....                      | 47 |
| Tabela 4- Caraterização da integração dos inquiridos/as na instituição e na cidade ....              | 50 |
| Tabela 5 - Caraterização dado conhecimento pelos inquiridos/as da AEAB<br>e do Banco Solidário ..... | 54 |
| Tabela 6 - Caraterização dos sentimentos e vivência da experiência<br>dos/das inquiridos/as .....    | 56 |
| Tabela 7 - Caraterização das oportunidades e expectativas dos inquiridos/as .....                    | 57 |

## **Siglas**

AEAB - Associação Académica dos Estudantes Africanos

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal

B-ON - Biblioteca do Conhecimento Online

CE – Conselho da Europa

CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

ESA – Escola Superior Agrária

EsACT - Escola Superior de Comunicação, Administração e Turismo

ESE – Escola Superior de Educação

ESSa - Escola Superior de Saúde

ESTiG - Escola Superior de Tecnologia e Gestão

IPB – Instituto Politécnico de Bragança

OECD - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

PALOPs - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

## Resumo

O estudo sobre *Integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos na cidade de Bragança* tem como objetivo verificar, em que medida, a integração académica social e cultural dos estudantes cabo – verdianos a estudar no Instituto Politécnico de Bragança (IPB) é uma realidade, auscultando as suas dificuldades económicas e perspetivas de futuro.

Partimos da formulação do problema - *Será que os estudantes cabo – verdianos a estudar no IPB se sentem integrados académica, social e culturalmente?*

Com vista a dar resposta ao mesmo delineamos os seguintes objetivos: *identificar quais os fatores que levam os estudantes cabo – verdianos a virem estudar para o IPB; conhecer as dificuldades de integração em uma nova sociedade de acolhimento; verificar que tipos de apoios são prestados pela comunidade de origem e de acolhimento, para que sejam superadas as dificuldades de integração; analisar como é que estes estudantes vivem a experiência de estudar no IPB e compreender os desafios e as oportunidades proporcionados por esta experiência.*

O modelo de investigação assenta em uma metodologia de natureza mista, quantitativa, com base na aplicação de um inquérito por questionário, por administração direta, e qualitativa, pela aplicação de uma entrevista com guião, realizada ao presidente da Associação Académica dos Estudantes Africanos (AEAB), que através de uma análise de conteúdo permitiu compreender a narrativa do entrevistado.

A seleção dos/das participantes constituiu-se como uma amostra por conveniência, não probabilística, constituída por 56 estudantes a frequentarem diferentes cursos na Escola Superior de Educação de Bragança (ESE) e pelo presidente da AEAB.

Os resultados obtidos permitiram-nos verificar que os estudantes de Cabo Verde têm tido uma integração de modo considerável na cidade de Bragança e com outros jovens académicos de outras nacionalidades. Os fatores que levam os estudantes cabo-verdianos a virem estudar para o IPB devem-se à qualidade de ensino da instituição, mas também à informação que este veicula nos países de origem, os apoios que presta e a vivência numa cidade acolhedora, onde a multiculturalidade é uma evidência.

Palavras – chave: multiculturalidade, integração, jovens cabo – verdianos, apoios, expectativas.

## **Abstract**

The study on academic, social and cultural integration of Cape Verdean students in the City of Bragança aims to verify, to what extent, the academic, social and cultural integration of Cape Verdean students studying at Polytechnic Institute of Bragança (PIB) is a reality, listening to their economic difficulties and future plans.

We started from the problem statement - Do the Cape Verdean students studying at PIB feel academic, social and culturally integrated?

For the purpose of answering it, we set the following objectives: Identify what factors lead the Cape Verdean students to come to study at PIB; know the integration in a new host society, verify what type of support are provided by origin and host communities, so that the integration difficulties can be overcome, analyze how do these students live the experience of studying at PIB and understand the challenges and opportunities offered by this experience.

The research model is rooted in a mixed- based methodology, quantitative based on a questionnaire survey, by direct application and qualitative, by application of an interview with grid, to the President of African Students Association of Bragança (ASAB) which the content analysis allowed to understand the interviewee narrative.

The participants' selection was done through a non- probabilistic, convenience sample composed by 56 students that have different majors at Higher Education School of Bragança (HES) and by the President of ASAB.

The results obtained allowed us to verify that students from Cape Verde have had a considerable integration in the City of Bragança and with other young scholars from other nationalities. The factors that lead the Cape Verdean students to come to study at PIB are due to quality of instruction of the institution, but also because of the information that is conveyed in their home country, the support they provide and life quality in a welcoming city, where multiculturalism is an evidence.

Key-words: multiculturalism, cape verdean youth, support, expectations.



## **Introdução**

Pretende-se com este estudo sobre *Integração académica, social e cultural de estudantes cabo – verdianos em Bragança* verificar se os estudantes cabo – verdianos, a estudar na Escola Superior de Educação (ESE), do Instituto Politécnico de Bragança (IPB) se sentem integrados académica social e culturalmente.

A história da humanidade sempre foi assinalada como um universo das trajetórias humanas, fruto da grande diversidade cultural e do fluxo migratório que perpetuaram novas configurações sociais, políticas, económicas e culturais, nas mais diversas e distantes paragens. Cabo Verde sempre teve uma forte tradição de fluxo migratório de pessoas, bens e serviços, desde a sua independência, no ano de 1975, o que tem propiciado uma grande pujança cultural e uma imagem muito positiva de Cabo Verde e do seu povo.

A internacionalização do ensino superior impulsionou o aumento geral da mobilidade estudantil e a procura crescente de ensino superior a nível internacional, permitindo que os governos pudessem adotar políticas que visam promover essa mobilidade, apoiando áreas específicas que promovam o crescimento e desenvolvimento económico.

Esta mobilidade estudantil, vinda dos Países Africanos de Língua Oficial portuguesa (PALOP) para a realização dos estudos em diversas universidades em Portugal, quer sejam públicas, quer sejam privadas, tem trazido alguma felicidade a nível pessoal mas também ganhos irreversíveis quanto à convivência e cultura que, segundo Mendonça (2014), varia em função das diferenças culturais e das mudanças históricas.

Este estudo está organizado em três capítulos.

No capítulo I, o enquadramento teórico permite – nos posicionar face a aspetos globais sobre a internacionalização do ensino superior e a convivência nas diversidades, sendo pertinente uma breve abordagem sobre como os estudantes do IPB vivem a multiculturalidade, dado serem jovens com estilos de vida que os identificam com as várias culturas de onde são provenientes. Abordaremos, em especial os estudantes provenientes de Cabo – Verde, que apoios sentem quando são recebidos academicamente pelo IPB, como é promovida a sua integração, como reage a comunidade, qual o papel da Associação Académica dos Estudantes Africanos (AEAB).

Sendo o educador social um ator importante na mediação de fenómenos sociais, focaremos o seu papel, enquanto mediador de programas socioeducativos que visem, neste caso concreto, proporcionar uma integração na comunidade de acolhimento.

No capítulo II, será formulado o problema - *Será que os estudantes cabo – verdianos a estudar no IPB se sentem integrados académica, social e culturalmente?* e definidos os objetivos: *identificar quais os fatores que levam os estudantes cabo – verdianos a virem estudar para o IPB; conhecer as dificuldades de integração em uma nova sociedade de acolhimento; verificar que tipos de apoios são prestados pela comunidade de origem e de acolhimento, para que sejam superadas as dificuldades de integração; analisar como é que estes estudantes vivem a experiência de estudar no IPB e compreender os desafios e as oportunidades proporcionados por esta experiência.* Será feita a contextualização do estudo e os procedimentos utilizados para a seleção da amostra, não probabilística, por conveniência, constituída por 56 estudantes cabo – verdianos, a frequentarem os mais variados cursos na ESE. Será apresentada a metodologia utilizada, sendo esta de natureza mista, qualitativa e quantitativa e as técnicas de recolha de dados que tiveram por base um inquérito por questionário e uma entrevista aplicada ao presidente da AEAB. São ainda apresentadas as questões éticas tidas em conta para a obtenção de toda a informação.

No capítulo III, será feita a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos através da aplicação dos instrumentos de recolha de dados, que nos mostrará a caracterização sociodemográfica dos/as inquiridos/as e as respostas às questões sobre a integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos na cidade de Bragança, cruzados com os dados obtidos através da uma análise de conteúdo de uma entrevista com guião, aplicada ao presidente da AEAB.

Os resultados permitem-nos considerar que o IPB aposta em um ensino de qualidade e faz chegar aos estudantes de Cabo – Verde informação sobre como é viver em Bragança e num meio académico multicultural, criando apoios e permitindo igualdade de oportunidades, quer no ponto de vista social quer no ponto de vista cívico, envolvendo a sociedade civil, a comunidade educativa, a câmara municipal.

A AEAB tem como propósito orientar e esclarecer os estudantes, ajudando a resolver problemas e enfrentar os desafios a nível económico, social e cultural.

Nas considerações finais apresentaremos uma reflexão sobre a importância deste estudo, as suas limitações e potencialidades.

Por fim, apresentaremos as referências bibliográficas que fundamentam o enquadramento teórico e a investigação empírica e os anexos construídos para a realização deste estudo.

## Capítulo I

### Enquadramento teórico

Neste capítulo apresentaremos os fundamentos teóricos que servirão de base ao estudo *Integração académica, social e cultural de estudantes cabo – verdianos em Bragança*.

Apresentamos aspetos globais sobre a internacionalização do ensino superior e a convivência nas diversidades, clarificando conceitos sobre multiculturalidade multiculturalismo e interculturalismo, abordando a diversidade e o relativismo cultural. Torna-se pertinente uma breve abordagem a como os estudantes do IPB vivem essa interculturalidade, dado serem jovens com estilos de vida que os identificam com as várias culturas de onde são provenientes.

Como o nosso estudo incide sobre estudantes provenientes de Cabo – Verde torna-se pertinente apresentar uma breve caracterização deste arquipélago, sobre aspetos naturais e humanos da sua população, com vivências próprias que facilitarão ou não a sua integração em uma comunidade de acolhimento com outras características.

Recebidos, academicamente, no IPB abordaremos o papel que este desempenha, que estratégia utiliza, nomeadamente a criação do Banco Solidário, como promove a integração dos que o procuram e como reage a comunidade à chegada destes estudantes que constituem uma diversidade multicultural. Focamos também o papel da AEAB, em Bragança/Mirandela, criada para apoiar os estudantes internacionais quer a nível psicossocial quer económico, melhorando a sua integração socioeducativa.

Sendo o educador social um ator importante na mediação de fenómenos sociais, focaremos o seu papel enquanto mediador de programas socioeducativos que visem, neste caso concreto, proporcionar uma integração na comunidade de acolhimento.

Começamos por apresentar como a internacionalização do ensino superior promove a convivência nas diversidades.

#### **1. Portugal/Cabo-Verde – Um exemplo da internacionalização do ensino superior**

O desenvolvimento dos países tem sido impulsionado pela educação e pela formação académica e profissional dos seus habitantes. Como sugere a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) (2014), à medida que as

economias dos países se tornam mais interconectadas e a participação na educação se expande, os governos e os indivíduos procuraram o ensino superior para ampliar os horizontes dos estudantes e ajudá-los a entender melhor a língua, outras culturas e métodos de negócios do mundo.

O número de estudantes estrangeiros envolvidos em programas de educação superior em todo o mundo, segundo a OCDE (2018), explodiu nas últimas décadas, passando de 2 milhões em 1999 para 5 milhões, 17 anos depois. Estudar no exterior é uma oportunidade para aceder a uma educação de qualidade, adquirir competências e aproximar-se de mercados de trabalho que ofereçam maiores retornos. Os fatores que impulsionam o aumento geral da mobilidade estudantil são a procura crescente de ensino superior a nível mundial, o valor atribuído aos estudos em instituições de ensino superior de prestígio no estrangeiro, políticas que visam promover a mobilidade estudantil dentro de uma dada região geográfica e o esforço dos governos para apoiarem os estudantes em áreas específicas que promovam o crescimento e desenvolvimento económico.

Segundo Pedreira (2015) a internacionalização do ensino superior português constitui um objetivo, largamente partilhado, entre responsáveis políticos e dirigentes das instituições de ensino superior. Por razões demográficas e socioeconómicas verificam-se constrangimentos na procura nacional de formação superior, pelo que essa internacionalização assume muita importância. Os estudantes originários de países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) representam o grupo mais numeroso, entre os estudantes estrangeiros que frequentam o ensino superior em Portugal.

A internacionalização do ensino superior constitui um dos fenómenos que tem influenciado quer as instituições do ensino quer as localidades onde as instituições se situam. Assim, embora cada instituição de ensino superior, em Portugal, seja frequentada por estudantes de diversos países do mundo, é de salientar a grande quantidade de estudantes de Cabo Verde que, nos últimos anos, tem aumentado gradualmente, em que em 2019/2020 o número total era de 1232 alunos matriculados, e 287 estão a frequentar diferentes cursos na ESE, segundo as informações fornecidas pelos Serviços Académico do IPB, sendo estes o objeto desta investigação, tendo em conta a delimitação do nosso campo de estudo.

Esta mobilidade estudantil, vinda dos PALOPs para a realização dos estudos em diversas universidades em Portugal, quer sejam públicas, quer sejam privadas, tem

trazido alguma felicidade a nível pessoal mas também ganhos irreversíveis quanto à convivência e cultura, o que, segundo Mendonça (2014), varia em função das diferenças culturais e das mudanças históricas, tanto em termos de estados subjetivos, como em termos coletivos.

Por seu turno, O'Brien (2005, 2007), citado por Mendonça (2014), alerta para o facto de “a felicidade, além do bem-estar, tem de considerar, também, a sustentabilidade, caracterizando a felicidade sustentável como não egoísta e sendo aquela cuja prossecução não coloca em causa os demais indivíduos, o ambiente, nem as gerações futuras” (p. 23).

Apesar de estes estudantes se sentirem felizes por poderem estudar fora dos seus países de origem, reforçando a oralidade, escrita, convivências, conhecimentos científicos e quotidianos, pesa sobre eles uma certa “carga pessoal e emocional”, por estarem longe da família e pela exigência de custos adicionais avultantes para superar durante os anos de estudos/formação. Então, a alegria é manchada por condicionalismos devido a condições económicas precárias, impossibilitando - os de poderem prosseguir a sua estadia ao longo dos anos.

Nesta linha de pensamento, Oishi, Graham, Kesebir e Galinha (2013), citados por Mendonça, (2014), realçaram que “as condições económicas precárias podem estar associadas a uma visão frágil da vida, conduzindo a conceitos de felicidade assentes na “sorte” e não no papel ativo dos sujeitos” (p. 26).

Em muitas circunstâncias a felicidade torna-se tristeza e depressão, não por falta de interesse ou vontade mas porque as dificuldades económicas destroem sonhos e futuros, tornando quase impossível alcançar os objetivos.

A internacionalização dos estudantes traz novos ganhos no que concerne ao desenvolvimento e relação dos países. Por sua vez, a preocupação que existe com a cultura e o modo de viver e de estar dos jovens que se encontram em países diferentes dos seus constitui um ganho para os países de acolhimento, na medida que permite uma vivência multicultural.

Apresentamos a seguir conceitos sobre multiculturalidade, multiculturalismo, a sua diversidade e relativismo cultural, que nos ajudarão a uma melhor compreensão sobre o que é a vivência multicultural.

## 2. Multiculturalidade/Multiculturalismo

### 2.1 Diversidade e relativismo cultural

O multiculturalismo no contexto atual tem sido tema de grandes reflexões, discussões e investigações, pois a globalização tem permitido a abolição de obstáculos e tornado porosas as fronteiras entre os povos.

É evidente que a mobilidade estudantil, incentivada por vários programas nacionais e internacionais, nomeadamente o programa Erasmus, a emigração e o turismo enquanto afirmação da identidade e marcação da diferença, implica sempre que as operações de “incluir e excluir” sejam objetos de análises profundas e um ponto de viragem.

De salientar que,

Nas últimas décadas, Portugal tornou-se, tal como outros países da Europa comunitária, um país de imigração. Sucessivas vagas de imigrantes têm chegado à União Europeia e, de país de emigrantes, Portugal tem vindo a tornar-se terra de acolhimento de pessoas não só dos países africanos de língua oficial portuguesa, mas também de ucranianos, moldavos, romenos ou russos (Silva, 2010, p. 1).

Falar da cultura, obriga-nos a mencionar a corrente americana, com Boas e a corrente britânica, com Malinowski, que retrataram esta questão de forma diferente, mas que vieram reforçar o estatuto da antropologia como ciência, que permitia conhecer e compreender as particularidades de cada cultura relativizando o próprio conhecimento.

Perante inúmeros estudos “*in loco*” sobre o conhecer das culturas, Boas (1942), citado por Gusmão (2008), insistia em

(...) outro aspeto do relativismo cultural, que poderia talvez ser um princípio ético que afirma a dignidade de cada cultura e exalta o respeito e a tolerância em relação a culturas diferentes (...) na medida em que cada cultura exprime um modo único de ser do homem, ela tem o direito à estima e à proteção, se estiver ameaçada (p.63).

Tylor (1871), citado por Lopes (2013), definiu o conceito como um conjunto de elementos dos quais estão incluídos conhecimentos, arte, crenças, leis, moral, usos e outras práticas e costumes adotados pelos indivíduos pertencentes à cultura em consideração (p. 2).

A defesa da diversidade cultural, como património comum da humanidade, está patente na assunção pelo Ministério Público de Portugal dos princípios adotados na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) na sua 31.<sup>a</sup> sessão, ao afirmar que,

A cultura assume diversas formas ao longo do tempo e do espaço. Esta diversidade está inscrita no carácter único e na pluralidade das identidades dos grupos e das sociedades que formam a Humanidade. Enquanto fonte de intercâmbios, inovação e criatividade, a diversidade cultural é tão necessária para a Humanidade como a biodiversidade o é para a natureza. Neste sentido, constitui o património comum da Humanidade e deve ser reconhecida e afirmada em benefício das gerações presentes e futuras (Ministério Público de Portugal, 2001, p. 2).

Pronunciarmo-nos sobre diversidade cultural requer saber que patamares estão sendo construídos, que políticas públicas têm sido criadas e diversificadas numa perspectiva de localismos - globalizados, uma vez que ação humana nem sempre é pacífica na aceitação do outro tal como ela é, resultando desconfiança, xenofobia e racismo.

É neste sentido que Cunha (1998), citado por Gusmão (2008), tem chamado a atenção para o fato de que

(...) não são as culturas que criam as sociedades, mas são as sociedades que criam as culturas” (...) contudo, “as relações entre os homens, constitutivas da vida em sociedade, são, sempre, profundamente heterogêneas e marcadas por relações de poder socialmente construídas (...) a realidade das chamadas sociedades modernas, complexas e acentuadamente diversas, transforma-se num desafio ao pensamento, ao conhecimento e às práticas sociais que envolvem as diferenças sociais, de raça, étnicas, de gênero, econômicas, etárias e outras (p. 54).

Surgiram inúmeras definições em torno da diversidade cultural no sentido de dar uma resposta mais consensual e ampla. Pless e Maak (2004), citados por Correia (2016), referem que a diversidade é antes de mais nada, uma questão cultural e, assim, uma questão de normas, valores, crenças e expectativas (p. 11).

Segundo Barros (2007), do ponto de vista antropológico, “a diversidade cultural constitui o grande património da humanidade. (...) a diversidade cultural revelaria o que

de mais semelhante existe entre os homens, isto é, o fato de que a partir de uma unidade biológica tão perfeita produziu-se tanta diferença” (p. 8).

É perceptível defender, segundo Mendes (2010), que “A expressão *Diversidade cultural* remete para a multiplicidade das formas em que as culturas dos grupos e das sociedades encontram as suas expressões”. Concordamos que esta diversidade se manifesta “(...) não apenas nas variadas formas através das quais o património cultural da humanidade se exprime (...), mas igualmente nas diferentes formas de “(...) criação artística, de produção, difusão e distribuição, e de fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e as tecnologias utilizadas” (p. 33).

A Unesco (2002), citada por Ministério Público de Portugal (2001), no art.º1.º - A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural foca que a cultura adquire várias formas ao longo do tempo e em certo espaço, e manifesta-se pela singularidade e pluralidade de identidades que caracterizam os grupos sociais que formam a humanidade. Esta diversidade cultural é tão fundamental como a diversidade biológica.

Pensar sobre as diversidades culturais significa que temos de deixar uma visão binária de ver o mundo e saber conviver com os outros, promovendo uma ética que requer aceitação e troca recíproca e incutir nas pessoas que são necessários ter em conta o relativismo cultural. Perante esta situação, Matos (2013) afirma que “O relativismo cultural é uma teoria segundo a qual os diferentes tipos de culturas compõem entidades separadas (...) que não se comparam nem são proporcionais entre si. Este promove a coesão social e a tolerância entre desiguais sociedades” (p. 1).

Para Silva (2010), Cultura é “ (...) como tudo o que é aprendido e partilhado pelos indivíduos de um determinado grupo e que confere uma identidade dentro do seu grupo de pertença e que é transmitido de geração em geração” (p. 7).

Cuche (1999), citado por Gusmão (2008), chama-nos atenção de que “as culturas nascem de relações sociais que são sempre desiguais”, de modo que as hierarquias culturais resultam da hierarquia social existente e “(...) a cultura de um grupo não é independente de outro grupo que com ele se defronta, e nesse confronto criam um campo de tensão, às vezes de violência e de conflito, que expressa relações de poder imersas num campo político que deve ser considerado” (p. 57).

Por esta razão é que,

A verdadeira contribuição das culturas não consiste numa lista das suas invenções particulares mas na maneira diferenciada com que elas se apresentam. O sentimento de gratidão e de humildade de cada membro de uma cultura dada deve ter em relação a todas as demais não deve basear-se senão numa só convicção: a de que as outras culturas são diferentes, de uma maneira a mais variada e se a natureza última das suas diferenças nos escapa. Deve-se a que foram imperfeitamente penetradas. Se a nossa demonstração é válida não há nem pode haver uma civilização mundial no seu sentido absoluto, porque civilização implica na coexistência de culturas que oferecem o máximo de diversidade entre elas, consistindo mesmo nesta coexistência. A civilização mundial não será outra coisa que a coalizão de culturas em escala mundial, preservando cada uma delas a sua originalidade (Lévi-Strauss, 1980, citado por Barros, 2007, p. 8).

Mediante a partilha e trocas de ideias e saberes, estamos a construir um patamar baseado no diálogo comunicativo e na promoção de intercâmbios culturais. Sendo assim, a multiculturalidade, segundo Matos (2013), é reconhecida como sendo uma identidade cultural individual “(...) que se constrói através de diálogos coletivos e através do respeito, mesmo existindo diferenças culturais e/ou políticas, (...) é a existência de seres humanos com normas e hábitos culturais diversificados dentro do mesmo espaço” (p. 4).

O IPB vem progressivamente adquirindo uma imagem irreversível no contexto internacional, na medida em que vive a multiculturalidade, fruto da congregação de grupos culturais com identidades próprias e específicas, enriquecendo o próprio indivíduo e a sociedade de Bragança no seu todo.

Como tal, é neste contexto que, Silva (2010) nos diz que “A escola deve ser um espaço privilegiado para desenvolvimento da integração social, cultural e profissional das crianças e jovens recém-chegados (...)” e tem o dever de criar condições que assegurem a sua integração “(...) criando as condições necessárias para garantir o sucesso e a integração destes alunos, naquilo a que é entendido como uma educação multicultural” (p. 2).

Em muitas situações parece não haver uma aposta assertiva das escolas quanto à sua intervenção junto da sociedade civil, de modo que ela possa estar voltada para o

meio social e promover maior intercâmbio, facilitando a integração e inclusão dos indivíduos, mitigando assim a rejeição, discriminação e exclusão social.

Diante disso, sociólogos como Elias (2000) e Bourdieu (1992), citados por Sousa (2004), defenderam que a escola tem de estar ao serviço da sociedade civil, de modo a combater o estigma social, porque “ (...) leva à afetação da autoimagem do indivíduo que delas participam, colocando-o em situação desfavorável porque o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo” (s/p).

Podemos salientar que a escola apesar de ser esse espaço privilegiado para o desenvolvimento da integração social, cultural e profissional, exige sempre repensar o currículo da escola, saber até que ponto este se enquadra nas diretrizes do multiculturalismo. Neste sentido e corroborando a opinião de Souta (1997), citado por Rodrigues (2013), “(...) o papel do professor será crucial para uma inter-relação entre as diferentes culturas existentes na escola” e há que compreender a realidade na medida em que é urgente “(...) transformar o que for necessário, para a plena inclusão e êxito dos alunos, qualquer que seja o seu país natal, a sua etnia ou a sua origem social” (p. 11). Por sua vez, impõe-se refletir sobre

A necessidade, na escola, de uma pedagogia relativista, que seja “capaz de admitir e de reconhecer o multiculturalismo, isto é, a existência de culturas diferentes da cultura culta, legítima, dominante”, formalizada, sobretudo, pelo texto escrito, e que não se negue a acolher a autonomia simbólica das culturas populares, tratadas sempre de maneira negativa, “em termos de faltas”, defeitos em relação à norma. Lutando contra o etnocentrismo da escola “meritocrático-legitimista”, que “não conhece o livro de outras regras gramaticais, não sabe lê-lo, na realidade ignora até sua existência”. Não deve ser estabelecida na escola a injusta supremacia das culturas dominantes, cujos pressupostos passam pela negação de valor às origens das crianças das classes populares (Grignon, 1995, citado por Rosing, Rettenmaier & Weschenfelder, 2005, p. 75).

A era em que vivemos requer uma comunicação ativa nas escolas, ela exige vigilância e atenção e ajuda-nos a perceber se nos estamos a aproximar ou a afastar das pessoas. Portanto, a nossa relação de qualidade é construída baseada na qualidade da comunicação e para isso é preciso reflexão sobre a utilização do tom de vozes e gestos e o uso assertivo de técnicas comunicativas na promoção de uma comunicação integral e

aproximada. A escola tem de repensar o seu código que é regulador das relações de modo a fomentar uma educação marcada nas diferenças, reforçar a identidade do indivíduo, criar uma realidade mais humana, equitativa e igualitária em termos de oportunidade e acessos (reconhecimento do *self* = eu).

De acordo com Silva (2010), “a identidade vai-se construindo a partir das interações sociais que se estabelecem entre os naturais e os imigrantes” Por esta razão, a escola é um espaço precioso de inter-relações, de aprendizagens e de socializações múltiplas (p. 14).

Na conceção de Leite (2002), citado por Rodrigues (2013), (...) “não é possível pensar a educação sem, simultaneamente, pensar a cultura e as relações existentes entre ambas. A educação supõe necessariamente um contacto, uma transmissão e uma aquisição de conhecimentos, competências, hábitos e valores” (p.19).

Mas Silva (2010) realça que o Estado português se tem preocupado com a questão da diversidade cultural, nomeadamente com a publicação de legislação e normativos que apelam para as vantagens da modernização do sistema escolar português com base em políticas educativas multiculturais.

Perante disto podemos elencar várias definições/perspetivas em torno do termo multiculturalismo que, no entender de Carreira (2008), citado por Silva (2010), é um fenómeno resultante do contacto contínuo e direto entre grupos de culturas diferentes, “o termo não implica a ideia de interação entre as culturas, mas simplesmente a constatação da sua justaposição numa mesma sociedade” (p. 6).

Consideramos que,

Toda a política identitária não deveria ultrapassar a liberdade individual. Os indivíduos em geral são, no seu entender, únicos e não poderiam ser categorizados: “A nossa identidade é construída a partir do reconhecimento dos outros. O não reconhecimento ou o reconhecimento não adequado pode ser uma ofensa ou uma injustiça [...]”. Esta ideia traduz o princípio de que as diferenças culturais não podem colocar em causa os direitos do homem e do cidadão (Taylor, 1998, citado por Silva, 2010, p. 6).

Para Batista (2005) “O multiculturalismo (...) veio a reforçar a ética da responsabilidade, liberdade e contrariedade, valorizando alteridade, aceitação da vulnerabilidade humana” (p. 12). Do mesmo modo, Valente (1993), citado por Gusmão (2008), afirmou que “o multiculturalismo dirá, então, da necessidade do reconhecimento

das diferenças no interior de uma visão política comum e democrática, capaz de garantir as liberdades individuais e particulares” (p. 73).

Nesta linha de pensamento posso salientar que o ser humano precisa alargar os seus horizontes ou esfera da tolerância exigir posturas pessoais e sociais, com um alcance mais vasto marcada nas atitudes ética e mais aberta em função de nós e dos outros.

Vale destacar que a questão do multiculturalismo não nasceu nas universidades e no âmbito académico, mas nas lutas de grupos sociais discriminados e excluídos. De acordo com Candau (2008), citado por Romero (2017), “ (...) a sua penetração na universidade deu-se num segundo momento e somente recentemente tem sido incluído nas políticas e cursos de formação inicial e continuada” (p. 69).

Discordamos da afirmação de que o multiculturalismo não teve o seu início nas universidades, mas sim nos grupos sociais emergentes. Ora, estes grupos sociais nasceram dentro de um contexto académico a partir do qual se desenvolveu uma perspectiva crítica em torno desta problemática e se iniciou a difusão de ideias que permitiram uma mudança de paradigmas e perspectivas fazendo face as várias frentes, levando a quão importante é repensarmos o conceito de multiculturalismo.

As abordagens do multiculturalismo podem ser feitas de forma descritiva e propositiva em que,

A abordagem descritiva (liberal) do multiculturalismo, “afirma ser o mesmo uma característica das sociedades atuais, cada sociedade apresentando uma configuração, dependendo de cada contexto”. Já a abordagem propositiva (crítica) entende “o multiculturalismo não como dado da realidade, mas como uma maneira de atuar, de intervir, de transformar a dinâmica social (Candau, 2008, citado por Romero, 2017, p. 6).

Os movimentos sociais, no sentido de reconhecimento das diferenças étnicas e culturais apostam num paradigma educacional multicultural, em que a escola seja um espaço de diversidade sociocultural, de respeito e de tolerância e, segundo Dietz (2012), citado por Romero (2017), “agisse contra o modelo hegemônico de educação, que se esforçava para produzir uma homogeneização, linguística e cultural” (p. 11).

Ora o IPB tem sido uma referência neste processo, a que Foral (1989), citado por Matos (2013), chamou de educação multicultural, pois congrega no seu reduto vários indivíduos com identidades culturais próprias e singulares, contribuindo para que possa

existir uma igualdade de direitos a nível de educação, apesar da grande diversidade de culturas e/ou etnias.

Rodrigues (2013) refere que “(...) qualquer tipo de ensino, hoje em dia, se confronta, cada vez mais, com uma grande heterogeneidade social e cultural”, pelo que a educação para uma sociedade multicultural deverá ter “(...) como referência da nossa ação o desenvolvimento e atitudes baseadas no respeito, tolerância, justiça, igualdade” (p. 5). Hoje exige-se que a escola deve ter um papel preponderante na “assimilação e acomodação” dos indivíduos e criar um ambiente de “inclusão” que permita uma relação interpessoal baseada no diálogo comunicativo.

No dizer de Batista (2008) a aceitação do outro passa por alargar horizontes, apoiando-nos em valores éticos de modo a não criar anticorpos sociais difundidos pelo racismo e pela não-aceitação.

Por um lado, o IPB pode promover mais a “*inclusão participativa*”, convocando a sociedade civil nesta proclamação e não somente em ações isoladas, percebendo a razão da “aceitação do outro” e incluir no seu dossiê ou currículo aquilo que, Silva, (2003), citado por Oliveira; Hansel e Damiani (2017), chamou de “*currículo turístico*” que se debruça sobre diversidade e chama a atenção por uma educação reflexiva fazendo com que os alunos pertencentes às minorias, pudessem promover trocas culturais interessantes, que poderão ser incorporadas à cultura escolar local (p. 115).

Na era em que vivemos, Banks (2001), citado por (Silva, 2010) torna-se urgente que a escola faça “(...) uma reestruturação do currículo, das práticas e das relações da organização escolar entre esta e o mundo exterior (...)”, pois só assim se poderá criar uma pedagogia que promova “(...) a integração de conteúdo, construção do processo de conhecimento, redução dos preconceitos, (...) e aumento de poder da cultura escolar e das estruturas sociais” (p. 15).

Mediante esta promoção de trocas culturais, torna-se crucial preparar o indivíduo e diversificar o seu horizonte, de modo a não criar anticorpos sociais difundidos pelo racismo, xenofobia, preconceito, estereótipos e não-aceitação do outro, tal como ele é.

O multicultural é, para Hall (2013), citado por Romero (2017) “(...) qualificativo e serve para descrever as características sociais e os problemas (...) de qualquer sociedade na qual, diferentes grupos culturais convivem e tentam construir uma vida em comum”, mas sempre deixando algo da sua cultura de origem. Quando se refere ao multiculturalismo considera “(...) estratégias que são adotadas para governar ou

administrar os problemas de diversidade gerados pelas sociedades multiculturais” (p. 16).

Perante este cenário, verificam-se, em muitos casos, condutas dos indivíduos que coabitam no mesmo espaço a terem comportamentos “ditos inaceitáveis” relegando os costumes, a origem e os valores culturais do outro, considerando estes inferiores. Apesar de várias leis das Nações Unidas sobre Direitos Humanos, ainda assim existem indivíduos com comportamentos racistas e xenófobos, resultando anticorpos sociais com consequências nefastas para a emancipação social.

Vivemos numa era em que a diversidade é real e, segundo Silva (2010) “A escola é um dos espaços privilegiados para a socialização, (...) onde as culturas se (...) interpenetram, gerando subculturas, muitas vezes numa relação de tensão e de conflitos, apesar de se assistir, (...) a uma maior consciencialização dos direitos humanos” (p. 25).

É nesta linha de pensamento que Marsden, (1997), citado por Rodrigues (2013), referiu que “tanto o preconceito como a discriminação podem derivar dos atos e atitudes (...) ou mesmo das políticas e práticas de uma instituição” e podem, desta forma, afetar “(...) o acesso ao trabalho e a progressão das minorias, fragilizam a sua motivação, autoconfiança e produtividade” (p. 6).

Contendo a mesma visão, Rodrigues (2013) defendeu que “(...) pessoas, grupos e nações (...), são confrontados com problemas idênticos, cuja solução exige uma cooperação entre todos, tais como os problemas de ordem ecológica, económica, meteorológica, entre outros, que não terminam nas fronteiras nacionais” (p. 12).

Analisando a questão da cooperação entre todos, Rodrigues (2013) frisa que também é evidente esta cooperação de modo que haja melhor integração de diversas culturas a coabitarem no mesmo espaço, respeitando entre si os padrões culturais de cada indivíduo, promovendo assim a multiculturalidade.

Portanto a multiculturalidade, no dizer de Hall (2003), citado por Matos (2013), “Veio estabelecer mudanças de paradigmas, envolvendo assim toda a comunidade, para que se possa combater tanto o racismo como outras formas de discriminação na escola e/ou na sociedade (...)” (p.1).

Vivenciando uma sociedade completamente diferente, a assimilação e integração destes estudantes cabo-verdianos na cidade da Bragança requer análises de diferentes olhares. Ora, com a criação de estratégias bilaterais, foi permitido que estes jovens apostassem numa formação superior, fora do seu país de origem, enriquecendo assim

seus horizontes, conhecimentos em diversos campos de saberes e integração numa cultura com condutas/assimetrias distintas.

Estando a residir nesta cidade, estes jovens acadêmicos, na sua maioria, criam os seus próprios momentos de lazeres, promovendo festas privadas de modo a sentirem vivas as suas manifestações culturais e identidades, interagindo com outros colegas de países diferentes. Portanto, esta partilha, convivência e troca de ideias promove o intercâmbio cultural, tanto na sociedade de acolhimento como no contexto escolar.

É por esta razão que,

A diversidade cultural, por exemplo, está presente em cada região e quando as pessoas se movimentam no mundo levam a sua cultura. As diversidades a nível global, provocam exponencialmente a mobilidade das pessoas, produtos, tecnologia, investimentos, na procura de qualidade de vida, conhecimento e oportunidades de trabalho (EIMD, 2016, citado por Correia, 2016, p. 1).

Para Vieira (1995), citado por Rodrigues (2013), é preciso “ (...) ajudar a gerar a confiança nessas microculturas respeitando as tradições das mesmas, nunca deixando perder a sua identidade cultural ou local, (...) que nos enriquece como seres humanos” (p. 13).

De ressaltar que,

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras. (UNESCO, 2002, citada por Correia, 2016, p. 1).

Contudo, resta-nos salientar que a diversidade cultural nem sempre é pacífica, fruto do receio da aceitação/compreensão do outro e, por esta razão não podemos vê-la como um risco para a identidade. Só assim conseguiremos combater o estereótipo, a discriminação racial e a violência física e psicológica manifestada pelo racismo.

Dada a proveniência de estudantes de vários países, abordaremos, em seguida, a interculturalidade que não só enriquece como reforça a identidade do indivíduo.

### **3. Interculturalidade entre os estudantes na cidade de Bragança**

Hoje em dia vivemos numa sociedade acorrentada pelas segregações culturais que implicam certos desafios no sentido de não ficarmos excluídos do meio onde estamos circunscritos. É preciso perceber como tirar o proveito do meio de modo que a nossa integração tenha efeitos positivos.

Para Finuras (2016) os estudos interculturais são muito importantes, porque é através das comparações entre culturas que descobrimos a verdadeira natureza universal da nossa espécie e aquilo que constitui as nossas fundações.

Nota-se que o envolvimento entre culturas diferentes enriquece o indivíduo, permitindo uma vivência saudável e reforçando assim a identidade.

Com isso, Vieira (1995), citado por Rodrigues (2013), sugere que “numa sociedade multicultural há que procurar políticas e tipos de comunicação interculturais, não apenas multiculturais, pois caso contrário, reproduzem-se as diferenças fechadas em “*ghettos*”, que apesar das suas próprias singularidades e identidades não são colocadas “(...) em pé de igualdade ao acesso à cidadania europeia, mundial, transnacional, transcultural, etc., sem perder a identidade local” (p.13).

Analisando a realidade de Bragança, as vivências apontam para uma reação surpreendente da sociedade civil, num “*olhar de desconfiança*” perante a presença dos africanos na cidade e, por outras razões, notam-se comportamentos racistas da população quanto ao acesso à habitação e presença em alguns lugares ditos “*especiais*”. Contudo, tem de ser criado um elo de ligação entre o IPB e a sociedade civil para abraçar os estudantes estrangeiros e promover a sua inclusão e integração em diferentes domínios: saberes, política, economia, cultura.

Não devemos olhar o outro como ameaça mas sim ver o que tem a dar-nos ou o que tem de acréscimo, permitindo o enriquecimento e as boas relações interpessoais.

Mediante isto, Ramos (2003), citado por Rodrigues (2013), defendeu que os próprios programas escolares deveriam ser adaptados e compensatórios, visando eliminar casos de discriminação e prejuízos face às minorias na escola.

Nesta mesma linha de pensamento Cucho (1999), citado por Rodrigues (2013), defende que “uma cultura não deverá ser comparada, avaliada e rejeitada, devido a ser minoritária, porque isso só irá levar ao não reconhecimento de especificidades culturais diferentes”. (p. 20). Refere ainda que a educação intercultural “(...) propõe construir a relação recíproca entre indivíduos, uma relação que se dá, não abstratamente, mas entre

peças concretas, entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação” (p.38).

É por esta razão que,

O diálogo intercultural pode servir na promoção do respeito pelos direitos humanos, pela democracia e pelo Estado de Direito. (...) não deixa de ser um poderoso instrumento de mediação e de reconciliação: através de um compromisso essencial e construtivo que ultrapassa as clivagens culturais, ele responde às preocupações relativas à fragmentação social e à insegurança, favorecendo, ao mesmo tempo, a integração e a coesão social (Conselho da Europa, 2008, p. 21).

Nota-se que, hoje em dia, vivemos em uma sociedade constituída por diversidades culturais que implicam uma cultura mista na mesma esfera geográfica. Portanto, esta convivência de culturas mistas permite reforçar a capacidade de ver o outro como ser enriquecedor de nós mesmos e não ameaça a coexistência e o respeito mútuo.

Apresentados alguns conceitos sobre multi e interculturalismo e debruçar-nos-emos, em seguida, em apontar as suas diferenças.

### **3.1. A diferença entre o multiculturalismo e interculturalismo**

Quando falamos de multiculturalismo estamos a frisar políticas criadas no sentido de manter a preservação cultural, enquanto o interculturalismo tem a ver com a importância de várias culturas no mesmo espaço, ou seja,

O multiculturalismo é uma política baseada na noção de autonomia pessoal e a sua atuação “tende a” “preservar” a herança cultural ou seja, ela funciona num único sentido e é algo estático e conservador. Em contraste, o interculturalismo é dinâmico e possibilita as culturas terem circulação, efetuarem trocas, modificar e evoluir (Sze & Powell, 2004, citado por Fernandes, 2010, p. 78).

É neste âmbito, que ao abordar o multiculturalismo somos levados a interrogar as distintas, tal como diz Silva (2010), “(...) e heterogêneas formas de dominação que operam nas nossas sociedades e que são mantidas e reproduzidas como o resultado de estruturas económicas, de discursos e práticas que contribuem para a construção e definição das diferenças entre as culturas coexistentes” (p. 5).

Segundo Malheiros (2011) o multiculturalismo singulariza as diferenças étnico-culturais e promove uma sociedade de “grupos étnicos fragmentados”, uma vez que a “defesa” de cada grupo se sobrepõe à defesa da unidade global da sociedade, o que dificulta os objetivos da “coesão social” (p. 23). Por outra razão o conceito de multiculturalismo requer também o conceito de interculturalismo, que acabou por se afirmar sobretudo associado ao reforço prático das competências que permitem melhor comunicação e compreensão entre indivíduos de culturas diferentes, nas escolas e em outros domínios do espaço público.

Para Mendes (2010) “(...) a interculturalidade remete para a existência e para a interação equitativa de diversas culturas bem como para a possibilidade de gerar expressões culturais partilhadas pelo diálogo e pelo respeito mútuo” (p. 33) e defende que “o termo multiculturalismo designa uma atitude valorativa, traduzida, ou não, em militância cultural ou em ação política, e que se exprime na defesa dos benefícios da diversidade cultural e da multiculturalidade”. O “ismo” é uma atitude política (p. 35).

O Conselho da Europa (2008), no seu Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural “viver juntos em igual dignidade”, defende que o multiculturalismo tem a ver com uma abordagem política e que “(...) os termos *diversidade cultural* e *multiculturalidade* traduzem a existência empírica de diferentes culturas e a sua capacidade de interagirem num determinado espaço e no seio de uma determinada organização social” (p.13).

### **3.2 Multiculturalismo e críticas em detrimento da interculturalidade**

O multiculturalismo é conhecido como um conceito polissémico na medida em que diverge das várias posições/análises para perceber em que ponto é preferível usar este conceito em vez de interculturalidade, numa sociedade pós moderna e complexa.

Para Méndez (2013), citado por Weissmann (2018), torna-se mais conveniente falar da interculturalidade em vez de multiculturalismo, pois, “O interculturalismo veio a promover o diálogo em imanência, em paridade, um diálogo de confiança, criando uma estética de muitas vozes que falam e conversam, se sucedem, se contradizem e, às vezes, também se interrompem”. A interculturalidade trouxe o reconhecimento da “voz e vez” do indivíduo, permitindo assim a segregação de várias culturas a coabitarem no mesmo espaço geográfico, embora demonstre algumas fragilidades (p. 27).

É neste sentido que,

A globalização trouxesse uma certa uniformidade, mas apresenta um paradoxo, já que o produto é outro, porém, o que tem acontecido são diferenças e desigualdades. Todavia, a interculturalidade não pode propor que uma cultura seja superior à outra, apenas diferentes, em diálogo e em situação. Seria imperioso transitar pela descolonização, para conseguirmos deixar a pluralidade de culturas em paridade, em interculturalidade (Méndez, 2013, citado por Weissmann, 2018, p. 27).

Hoje, cabe-nos refletir/repensar o conceito de multiculturalismo, sabendo que hoje deparamos com aumento do racismo, xenofobia e um novo olhar perante a imagem e o historial do outro. Temos que refletir se esta convivência na diversidade significa uma mais-valia para o autoconhecimento do indivíduo e não um mero ameaça ao meio onde estamos inseridos.

É de referir a importância em falar,

(...) sobre a “ecologia de saberes” e uma definição intercultural dos direitos humanos ou seja, este cruzamento permite constituir uma ecologia de saberes, complementando outras ecologias fomentadas na diversidades e da multiplicidade das práticas sociais que preocupam com novas realidades e solidariedades, libertando assim das situações de ignorância. Repensar o multiculturalismo e o diálogo intercultural traz-nos a ideia da diversidade epistemológica do mundo e o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico (Santos, 2018).

A visão de Wolf (s/d), citado por D’Adesky (1997), realça que “(...) é preciso a necessidade de reconhecer a diversidade cultural nos contextos multiculturais, porque só assim haverá o reconhecimento e respeito de culturas e identidades enquanto tais” (p.175). Para o autor, o multiculturalismo está distante da postura mental do indivíduo que procura referências e traços culturais e as propostas multiculturais de igualdade de valores entre as culturas não encontram eco num universo intercultural que tende a isolar o indivíduo da influência das identidades coletivas organizadas (comunidade, etnia, nação).

A ideia de respeito entre as culturas não basta, pois é preciso mudar as políticas que valorizam as culturas consideradas menores, para melhor aceitação no contexto atual, diminuindo o legado racismo e maior abertura a outras tradições ou costumes.

Por esta razão,

A intercultural apesar de assumir certa heterogeneidade de valores não está apta a erradicar os preconceitos, sectarismos e racismos que subjagam os indivíduos. Não leva à tomada de consciência do necessário respeito incondicional dos grupos particulares em suas manifestações culturais, nem tampouco da exigência de recusa a toda escala de valores universais entre as culturas e os povos (d'Adesky, 1997, p. 179).

Para Candau e Moreira (2008), “a perspectiva intercultural possui características fulcrais: a promoção deliberada da inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes numa sociedade” e fala da “ (...) cultura como um processo de elaboração contínuo, de construção/reconstrução e as culturas não são puras, mas sim marcadas na história” (p. 22).

Na mesma lógica de raciocínio, Catherine Walsh (2001), citado por Candau e Moreira (2008) salientou que a interculturalidade é um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas, em condições de respeito e igualdade, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença.

Os jovens, de uma forma geral, hoje em dia, apresentam novos estilos de vida que se repercutem nas suas atitudes e comportamentos, pelo que apresentamos, em seguida a realidade dos estudantes cabo-verdianos.

### **3.3. Juventude, estilos de vida, processos de identificação da cultura dos estudantes cabo-verdianos**

Verifica-se que os novos estilos de vida não só mudaram a identidade dos jovens, como também influenciam as suas atitudes e os seus comportamentos.

As manifestações culturais não estão isoladas na sociedade, mas “ (...) estão ligadas às relações sociais, de forma que as novas condições socioculturais abrem múltiplas perspectivas para o comportamento individual e coletivo na vida em sociedade” (Leonel, 2008, p. 42).

Na perspectiva de Giddens (2008) não se pode falar das relações sociais sem antes falar da interação social. Assim sendo, *interação social* seria o processo pelo qual agimos face aos que nos rodeiam e reagimos a eles.

Segundo Duque (2007), no contexto social os jovens, em todas as sociedades, foram e continuam a ser uma mais-valia para a sociedade, são a vanguarda do progresso

social, económico e político. A sua contribuição intelectual e o seu poder de mobilização são veículos de perspectivas inovadoras.

O progresso da sociedade depende da capacidade desta mesma em saber captar e incorporar essas contribuições juvenis para o desenvolvimento dos projetos que serão vitalizadores do tecido social, que no futuro levará à construção de uma sociedade melhor. Esta capacidade de inovar e criar, por parte dos jovens, gera a sociabilidade, indiscutível ao longo dos tempos.

Na mesma direção Foracchi (2000), citado por Sofiati (2009), defende que a própria “criação das juventudes é um dos fundamentos da modernidade”. Simultaneamente diz que “(...) não podemos trabalhar com um único conceito de juventude, mas com o termo *juventudes* para compreender uma multiplicidade de condições juvenis presentes em diferentes sociedades”, pois “Há uma pluralidade de juventudes definida a partir de grupos sociais concretos que possuem um recorte sócio-cultural de classe social, estrato, etnia, religião, género, região, mundo urbano e rural (p. 59).

Pais (1990), citado por Lima (2012), entende por culturas juvenis um conjunto de valores, crenças, símbolos, normas e práticas partilhadas pelos jovens, próprios desta fase de vida, já assimiladas por gerações anteriores ou presentes em trajetórias de classe de que eles fazem parte (p.265).

No que toca à juventude,

Convém mencionar que dela muito se tem falado. Suas aspirações, inquietações, frustrações e problemas, na maioria das vezes a partir de um discurso moralista e etnocêntrica que a seu ver tem resultado dos resquícios do nosso passado colonial. (...) os indivíduos serem controlados a partir de uma programação institucionalizada. Isto faz com que a sua agencialidade seja anulada, anulando-o, portanto, enquanto sujeito e reproduzindo a sua dependência institucional (Lima, 2012, pp. 263-294).

Ainda Lima (2012) realça que a juventude cabo-verdiana (...) é quase sempre considerada como uma categoria homogénea (*Corrente geracional: trata a juventude como uma construção social que surge da luta entre os jovens e os adultos*), considerando-a como uma “ (...) unidade social dotada de interesses comuns”, e considera apenas a faixa etária (p. 269).

Das abordagens pós-modernas das juventudes,

O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou héxis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da “*unidade de estilo*” que se entrega diretamente à instituição e que a análise destrói ou recorda-los em universos separados” (Bourdieu, 1976, pp.18-43).

É neste contexto que,

A juventude como questão social em Cabo Verde é recente. Desde muito cedo, as instituições que tutelam a camada juvenil buscaram tratar os jovens a partir de uma visão lockeana, como não agentes, tomando-os apenas como um “vir a ser”. (...) os jovens por seu turno tendem a incorporar a visão romântica da juventude como uma fase de liberdade e de experimentações (Lima, 2010, p. 5).

Esta reflexão do autor vai ao encontro da realidade atual que se vive no país, em que muitas vezes encontramos jovens que ao terminar um curso têm dificuldades em conseguir um emprego, fruto de um mercado restrito e de políticas públicas débeis em relação à criação de emprego para os recém-formados, e de barreiras burocráticas que subjagam o indivíduo, muitas vezes, pelo seu aparente “ser” e não pelo seu profissionalismo. Por outro lado, o “assédio partidário”, em Cabo Verde, é exercido sobre os jovens, impossibilitando-os de exercer a sua autonomia na tomada de decisão e libertação da mente para poder tirar proveito do seu raciocínio.

Para melhor compreender os estudantes cabo – verdianos torna-se necessário conhecer alguns aspetos do seu país, pelo que, de forma sintética, apresentamos a história do arquipélago de Cabo – Verde.

#### **4. Breve contexto histórico-social do arquipélago de Cabo Verde**

Segundo o Governo de Cabo Verde (2019) a República de Cabo Verde é um arquipélago formado por dez ilhas vulcânicas localizadas no centro do Oceano Atlântico. Descoberto e colonizado no século XV, no ano de 1460 por navegadores italianos e portugueses. Santiago foi a primeira ilha a ser povoada. Nele encontramos plantas e animais distintos e nele habitam homens com culturas também distintas.

País essencialmente agrícola, com um clima onde as chuvas são escassas, regista uma forte emigração, embora se sinta crescimento na área turística.

De salientar que

Integrou a CEDEAO em 1976 e, ao nível das Tecnologias de Informação e Comunicação, é o país da África Ocidental que regista o maior/melhor desenvolvimento. A língua nativa é o crioulo cabo-verdiano, oficial é a portuguesa. (...) As religiões existentes são a cristã católica que é professada por 90 % da população. Os restantes 10% estão divididos entre a religião Protestante e a religião professada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. A religião muçulmana foi introduzida pelos cidadãos oriundos da África francófona e anglófona. Um número reduzido de cabo-verdianos professa a religião muçulmana (Ramos, 2016, pp. 21-22).

Segundo Filho (2003) o espaço físico e a distância entre as várias ilhas “(...) criaram condições favoráveis para uma rápida fusão etnocultural. (...) O arquipélago tornou-se um ponto de encontro de culturas recriados permitindo o surgimento de novos elementos a partir da fusão das origens” (p. 31).

Segundo Semedo e Turano, (2007), Cabo Verde teve uma “coesão multicultural tão cedo que se identifica [fruto de mecanismos culturais dinâmicos], com a língua crioula e, em geral, com uma coesão étnico-cultural que os países resultantes das restantes ex-colónias portuguesas ainda estão longe de atingir” (p. 17).

Verifica-se que os processos de povoamento das ilhas de Cabo Verde foram marcados pela presença de diferentes indivíduos com culturas distintas a conviverem no mesmo espaço geográfico.

Provenientes de um país onde se vive uma realidade distinta do país de acolhimento, apresentaremos, de imediato, como é a vivência dos estudantes cabo-verdianos em Portugal, nomeadamente em Bragança.

## **5. A vivência dos estudantes cabo-verdianos em comunidades de acolhimento em Portugal**

É conveniente salientar que o contacto de Portugal com imigrantes oriundos de várias nacionalidades, Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), América Latina e Europa do Leste, não é de agora, uma vez que Portugal sempre teve fluxo

imigratórios. Tem disparado a mobilidade estudantil, sobretudo da CPLP e sobretudo de Cabo Verde, cujos estudantes vêm realizando formações profissionais e acadêmicas em várias regiões do país, nomeadamente em Bragança.

Por esta razão,

Os cabo-verdianos têm uma tradição e uma história migratória que os une a Portugal desde os primórdios do século XVI ou XVII. No século XX porém, consolidada a liberdade individual e o direito de movimento, Portugal foi escolhido por um número crescente de cabo-verdianos para aqui viverem, estudarem ou trabalharem (Góis, 2008, p. 12).

No entender de Silva (2010), “(...) não vivemos num mundo homogêneo e nem igualitário uma vez que existem diferentes culturas a conviver em simultâneo num mesmo espaço e, nem todas têm o mesmo reconhecimento e poder” (p.4).

De modo a prevalecer a democracia, paz e a justiça, Portugal protege os direitos dos alunos migrantes ou filhos de imigrantes (crianças, jovens e adultos) de subculturas/culturas distintas, fazendo-os conviver com os nativos portugueses. Tem normas e princípios legais vigentes que rege a todos, nomeadamente os princípios da integração, igualdade, interculturalidade e qualidade.

Segundo Malheiros (2011) “nesta fase de consolidação da presença dos imigrantes e das suas famílias nas várias regiões do país, torna-se, portanto, necessário aprofundar o trabalho, tanto na frente integração como na frente diálogo intercultural, tornando-o mais assertivo e eficiente” (p. 5).

No dizer de Cucho (1999), citado por Malheiros (2011), é através da interiorização dos modos de pensar, de sentir e de agir, ou seja, dos modelos culturais próprios de uma dada sociedade ou grupo de indivíduos que se torna possível a continuidade das culturas ou subculturas dos diferentes grupos sociais.

Ora, podemos constatar que Portugal, apesar de ter casos de racismo, tem mantido uma política que zela pelo respeito e pela dignidade humana, fazendo sobrepor uma convivência sã de várias culturas, no mesmo espaço geográfico, sem interferências no modo a estabelecer boas relações comunicativas.

Perante este dilema,

Portugal tem feito um trabalho institucional construtivo e bem elaborado no sentido da promoção da interculturalidade e da integração dos imigrantes e não

pode ser interrompido no presente, uma vez que os riscos do aumento das atitudes xenófobas são agora mais elevados.

Vários países europeus proporcionam cursos para o ensino da língua aos recém-chegados, através de programas oferecidos pelo governo central, escolas públicas, municípios e ONG, tais como o programa Sueco para Imigrantes, que remonta a 1965, o programa Portugal Acolhe, oferecido desde 2001 (...) (PNUD, 2009, citado por Malheiros, 2011, p. 5).

É perceptível constatar que Portugal, a nível da integração e inclusão dos estudantes oriundos de outras nacionalidades, tem tido um papel positivo, embora alguns casos de contundência devido a reações, um pouco antipáticas, da sociedade civil.

Os estudantes de Cabo Verde têm tido uma integração na cidade de Bragança de um modo considerável. Portanto a sua inclusão/ integração com outros jovens académicos de outras nacionalidades tem sido boa, embora gostem de fazer as suas convivências particulares sem chamar atenção do grande público.

Olhando para o conceito da integração, Niessen (2007), citado por Malheiros, (2011) integra uma igualdade de oportunidades, quer no ponto de vista social quer no ponto de vista cívico, pois os imigrantes “(...) devem ter oportunidades idênticas às do resto da população. (...). Em termos cívicos, todos os residentes devem comprometer-se com responsabilidades e direitos mútuos, assentes no princípio da igualdade” (p. 27).

Por sua vez,

(...) a duplicidade do processo de integração social, como sendo “(...) a capacidade dos indivíduos de viverem juntos, no pleno respeito pela dignidade individual, pelo bem comum, pelo pluralismo e pela diversidade, pela não-violência e pela solidariedade (...)”, o que evidencia “(...) a sua capacidade de participação na vida social, cultural, económica e política (Conselho da Europa, 2008, p. 10).

De um modo geral, há que trabalhar um conjunto de desafios novos para a promoção de valores ético-morais em benefício de todos e que haja o respeito pelas diversidades culturais.

É nesta linha de raciocínio que Malheiros (2011) salienta que há desafios que é preciso enfrentar, nomeadamente “(...) ao nível do ensino do português e da aquisição

de competências culturais que permitam uma melhor compreensão dos valores, das práticas e das normas sociais associadas às novas vagas de imigrantes.(p. 12).

Para a integração académica dos estudantes cabo – verdianos, o IPB desempenha um papel importante, praticando uma política de aceitação e respeito pela diversidade cultural dos seus estudantes, o que, seguidamente, apresentaremos.

## **6. O papel do IPB perante a diversidade cultural**

Falar sobre a diversidade cultural requer uma reflexão a todos os níveis, uma vez que a formação humana, na sua grande maioria, passa pela instituição educativa que molda a conduta ou comportamento dos indivíduos. Entretanto, sendo um dos agentes de transformação social, a escola tem um papel preponderante na “assimilação e acomodação” dos indivíduos.

Estando em contexto da educação multicultural, como o caso do IPB, deve organizar-se em todas as suas dimensões para colmatar as possíveis lacunas existentes quanto ao pluriculturalismo vivenciado no seio académico, envolvendo a sociedade civil, comunidade educativa, câmaras municipais e as embaixadas das respetivas nacionalidades existentes no IPB.

É oportuno realçar que,

A multiculturalidade é um tema muito atual na sociedade e no contexto escolar, nomeadamente na Europa. As turmas são, cada vez mais, compostas por elementos de culturas diversas, por isso interessa levantar problemas e procurar caminhos no sentido de que todos compreendam melhor os fenómenos educativos. A escola deve prevenir falhas de interpretação cultural ou manifestações de racismo no contacto com as minorias étnicas (Meirinho, 2009, citado por Matos, 2013, p. 6).

Na análise de Matos (2013) “é na mistura de diversas culturas que se educa para uma educação multicultural diversificada e socialmente coesa. Quero com isto afirmar que é necessário existir uma escola multicultural para se formar uma educação multicultural” (p. 6).

Percebe-se que o autor proclama que é através da escola que formamos cidadãos com conhecimentos locais e a nível cosmos ou seja, uma escola multicultural ajuda o

indivíduo a ter um preparo técnico-pedagógico multidisciplinar, interagindo com outras dinâmicas culturais.

Mediante esta lógica, segundo Rodrigues (2013), para que na escola haja uma educação multicultural inclusiva, deve haver respeito pela diversidade e aceitação dos interesses e pontos de vista dos vários atores “Daí, a necessidade de negociações permanentes para que todos façam concessões e todos tenham, ao menos, parte dos seus interesses e valores contemplados no espaço público da escola”. Concordamos com o autor quando refere que “As atitudes negativas para com as diferenças e a consequente discriminação e preconceito na sociedade mostram-se como sendo um sério obstáculo para a educação” (p. 16).

Pode dizer-se que o IPB, apesar de ser pluricultural, tem de trabalhar mais próximo da sociedade, no sentido de mostrar à cidade que o convívio na diversidade não significa ameaça, mas sim um acréscimo de outras dinâmicas culturais. Cabe ao instituto criar mecanismos que fomentem maior inclusão, de modo a fazer com que o indivíduo se sinta integrado no meio onde se encontra inserido ou seja, são necessários elos de ligação entre o instituto, a sociedade civil e os estudantes oriundos de outras nacionalidades.

Por esta razão é perceptível sustentar que,

Não é possível pensar a educação sem, simultaneamente, pensar a cultura e as relações existentes entre ambas. A educação enquanto processo dialógico, formativo e transmissivo, supõe necessariamente um contacto, uma transmissão e uma aquisição de conhecimentos e um desenvolvimento de competências, hábitos e valores que constituem aquilo a que se designa por conteúdo da educação. (Leite, 2002, citado por Rodrigues, 2013, p.19).

A função da escola não é somente uma função de instrução, tem também uma função de educação, que, segundo Touraine (1999), citado por Rodrigues (2013), na medida em que deve promover a diversidade cultural afirmando a sua personalidade, promovendo a autoestima sem qualquer preconceito e/ou discriminação.

Consideramos que, neste caso, o IPB, além de formar o indivíduo independentemente da sua etnia, raça, cor ou género, tem de contribuir para a formação integral do indivíduo. Valoriza muito a educação inter/multicultural, aquilo que Miranda (2002), citado por Marques e Borges (2012), defendem que este modelo educativo propicia o enriquecimento cultural dos cidadãos, partindo do reconhecimento

e respeito pela diversidade, através do intercâmbio e diálogo, na participação ativa de uma sociedade democrática baseada na igualdade, tolerância e solidariedade.

Sendo uma referência na promoção de valores sociais e ético-culturais, tem de dinamizar regras/conduitas claras que permitem aos educandos refletirem o contexto da diversidade cultural, reforçar as relações interpessoais, fomentando atividades recreativas que promovam um elo de ligação entre os traços culturais distintos, zelando pela conduta antirracista não só no meio académico mas também onde estes educandos estão inseridos. Assim sendo,

As novas responsabilidades da educação para o presente e o futuro devem ter como centro a construção da humanidade do ser humano. O sentido do “aprender a aprender” terá de vislumbrar “as possibilidades da convivência dos diferentes com suas diferenças num contexto em que supere as violências, as hierarquias, os preconceitos, as inclusões perversas, as subordinações, as desigualdades económico-sociais e as exclusões culturais” (Sousa, 2001, citado por Silva & Aquino, 2006, p. 8).

O IPB tem proclamado atividades recreativas junto dos seus estudantes, de modo a unificar convívios entre diferentes nacionalidades, dando a conhecer principalmente as suas gastronomias, atividades desportivas, artes demonstrativas, danças e festivais com intervenientes diversificados. Tem criado uma esfera que demonstra o respeito pela diversidade cultural e como a união faz a força para a construção da Humanidade.

Assim como defendeu Freire (1982), citado por Silva & Aquino (2006), “(...) é preciso assumir uma atitude comprometida que pressupõe uma reflexão crítica como algo que não pode ser atingido isoladamente, mas mediante a construção da inteligência coletiva para o desenvolvimento de competências sociais”. Destaca ainda que “(...) é na pluralidade de relações que os indivíduos estabelecem relações uns com os outros, e vão reconstruindo e redirecionando a capacidade de organizar as melhores respostas para responderem às variedades dos desafios” (pp. 9 - 10).

Bukiet (1991), citado por Gomes (2002), criticou a Europa realçando que “no Ocidente com o avanço de uma uniformização sob a hegemonia de uma cultura e língua dominantes, com o passar de tempo a questão das diversidades culturais corre o risco de nelas se diluir” (p.2).

Percebe-se que a ideia deste autor evidencia que apesar da aceitação das diversidades culturais a conviverem no mesmo espaço geográfico, existe alguma

dificuldade em compreender as outras culturas devido à crescente onda de xenofobia, racismo e nacionalismo difundidos em toda a Europa.

Estes contrastes, na sua maioria geram desconfortos e conflitos o que na análise de Segun (1992), citado por Gomes (2002), é referido que “os atuais emigrantes não enfrentam apenas problemas de sobrevivência física em novos ambientes; experimentam também dificuldades de ajustamento emocional a uma nova situação e às inter-relações sociais que a caracterizam” (p. 2).

Perante este contexto estamos em acordo com Silva e Aquino (2006) quando referem que, o uso e o acesso às tecnologias da informação e comunicação não são suficientes, pois é preciso que haja “(...) invenção e reinvenção na diversidade cultural, de modo que haja reconhecimento e aceitação da diferença e a resistência como processos significativos para uma educação voltada para um olhar multicultural e prática de cidadania” (p. 11).

Nota-se que o IPB tem um fundamento baseado numa práxis educativa que valoriza a cidadania global, uma vez que não descarta as questões morais, éticas e de valores, permitindo que os seus estudantes sejam protagonistas na sua aprendizagem e promovam práticas educativas em prol de laços humanos.

Nesta perspetiva Candau e Moreira (2008) “(...) hoje em dia a escola tem de reinventar a educação de modo que possa oferecer espaços e tempos de ensino-aprendizagem significativos e desafiantes para os contextos sociopolíticos e culturais atuais e as inquietudes de crianças e jovens” (p. 12). Ambos dão primazia à (s) cultura (s) e à educação, mostrando que tem de haver um espaço de cruzamento entre elas.

A fim de compreender como o IPB tem dado importância ao acolhimento de estudantes oriundos de vários países apresentaremos, a seguir, algumas opções e estratégias nesse sentido.

### **6.1. A criação da AEAB em Bragança/Mirandela e a estratégia do IPB na implementação do projeto Banco Solidário**

A AEAB, em Bragança e Mirandela, foi criada no dia 04 de julho de 2001, tendo como propósito defender os interesses de todos os estudantes oriundos do continente africano que estudam no IPB.

O intuito desta associação é orientar estes estudantes de modo a que possam ter esclarecimentos sobre a vida social e académica na cidade e como enfrentar os desafios

futuros, nomeadamente o seu bem-estar para que desenvolvam um percurso académico exemplar. Dão a conhecer os custos com a habitação, alimentação, como devem fazer para ter acesso às residências estudantis, saber os valores das propinas e como devem gerir as suas economias para poderem corresponder perante as suas despesas mensais.

Ela tem vindo a implementar várias atividades, nomeadamente, músicas, danças teatro, gastronomia, artes, desporto, entre outras, dando a conhecer as tradições destes estudantes oriundos de diferentes países de África. Esta associação tem tido apoio incondicional do IPB, e ao criar o programa de Voluntariado definiu uma das estratégias primordiais na integração destes académicos.

Este programa de voluntariado criado pelo IPB,

(...) visa auxiliar/estimular a comunidade académica para a importância da educação multicultural, tolerância, prática de ajuda e solidariedade com o próximo, (...) dar atenção aos estudantes mais vulneráveis e com necessidades educativas especiais (NEE) e, mediante a aderência a este programa, consoante as horas praticadas, os alunos terão benefícios nos estudos (AEAB (2019, p. 3).

Os estudantes cabo-verdianos residentes em Portugal promovem o XXIV encontro, em 2019, que será realizado em Bragança nos dias 6, 7 e 8 de dezembro, onde serão apresentadas inúmeras atividades ilustrativas nomeadamente, danças, músicas, gastronomia e onde o convívio entre todos será uma forma de vivenciar novas experiências com outros estudantes de nacionalidades distintas.

É perentório frisar que as viagens abrem-nos portas a inúmeras saídas, mas enfraquecem o coração do ser humano de saudades/angústia e solidão, aumentando a afetividade e a melancolia, devido às ausências do país, família, amigos até namorados (as). Estando ausente do teu lar cria-se um sentimento de solidão que nos assola por muito tempo e que é bem visível no seio dos estudantes.

A razão da criação da associação dos estudantes é apoiar em todos os aspetos estes jovens académicos para poderem prosseguir os seus estudos com êxito e criar um ambiente de integração ou acolhimento sobretudo os que são caloiros, de modo a facilitarem a sua adaptação e integração.

Para Cunha e Carrilho (2005), citado por Ferreira e Fernandes (2015), “a universidade deve dar maior atenção aos novos alunos, implementando intervenções de

apoio psicossocial de forma a minimizar os fatores de dificuldade na transição educacional e, assim, facilitar o sucesso académico” (p. 180).

Na mesma linha de pensamento, Leite (2002), citado por Ferreira e Fernandes (2015), destaca que a diversidade de públicos académicos requer maior reflexão das universidades quanto à organização da prática educativa orientada para o reconhecimento das diferenças culturais, sociais e pessoais dos estudantes.

Contudo, esta associação tem recorrido a uma série atividades de modo a fomentar maior convivência e integração entre os académicos, fazendo-os sentir abertos e resilientes. A nosso ver, existem atividades recreativas que muitas vezes não têm beneficiado uma convivência enriquecedora para estes estudantes nomeadamente as atividades demonstrativas de *marketing* de cada curso ao divulgar uma marca de bebidas alcoólicas.

Estas atividades só demonstram como hoje em dia os *media* e os empresários invadiram o espaço académico, conduzindo o percurso dos jovens estudantes a uma realidade ilusória, caindo no insucesso académico. São aspetos que devem ser pensados e se vale a pena inserir esta atividade no instituto e quais as suas repercussões.

Os estudantes vindos dos PALOPs, normalmente ao chegarem a Portugal para a realização dos estudos, na sua maioria, vem com vagas em vez de bolsas de estudos e mediante esta situação acabam por depender das remessas dos familiares para poder custear a vida, propinas, alimentação e habitação. Muitos conseguem arranjar um emprego, melhorando assim as suas economias face aos dispendiosos gastos durante meses ou anos.

Para proporcionar ajuda, foi criada esta associação no sentido de apoiar os estudantes com dificuldades socioeconómicas, propondo trabalhos de voluntariado, a inserção em atividades desportivas e em muitos casos ajudar a conseguir lugar para residir nas residências estudantis, o que ajuda a ultrapassar algumas adversidades económicas.

Na elaboração do inquérito coordenado pelo Martins; Mauritti; Machado e Costa (2018), sobre as condições socioeconómicas dos estudantes de ensino superior em Portugal, deu-se a conhecer que em “ Portugal o peso relativo de estudantes que acumulam atividades de estudo e de trabalho mantem-se minoritário: envolve cerca de 30% dos estudantes, dos quais 22.3% exercem a atividade durante o período letivo e 8% pontualmente”. Os mesmos investigadores apontam que “os estudantes com pais sem escolaridade superior, e que frequentam instituições de ensino politécnico são mais

propensos a um maior envolvimento laboral” (...), mas também referem que “86% dos estudantes que têm como principal fonte de rendimento o trabalho exercem uma atividade durante o período letivo; esta percentagem desce para 12.4% no segmento que tem como principal fonte de rendimento a família e é apenas de 5.2%” (p. 100).

Entretanto, muitos destes estudantes vindos dos PALOPs, não têm poder económico que lhes permite custear o seu bem-estar nesta cidade de Bragança, sabendo que os custos de vida vêm aumentando e a habitação tem disparado ano após ano. Têm surgido muitos casos de cancelamento das matrículas devido as carências económicas dos estudantes e dos seus familiares, o que requer uma intervenção assertiva e reflexiva das entidades responsáveis pela vinda dos estudantes destes países e o papel do IPB face ao abandono escolar destes estudantes.

O próprio inquérito coordenado por Martins, Mauritti; Machado e Costa (2018), aponta que os estudantes declararam que “não teriam condições de sustentar os estudos caso não trabalhassem” (...) destes 51,3% gostaria de poder investir mais tempo nas atividades educativas (...) (p. 79). O envolvimento na atividade laboral e a dependência face a rendimentos próprios (de trabalho) contribuem também, muito significativamente, para diminuir o tempo dedicado a atividades de estudo.

Face a esta situação, além do apoio psicossocial o IPB criou o projeto de Banco Solidário no sentido de apoiar/ajudar economicamente os estudantes com dificuldades financeiras oriundos da CPLP e dentre outros estudantes internacionais a prosseguirem os seus estudos, minimizando assim o caso de abandono escolar, reforçando a identidade e integração do indivíduo e perpassando no seio académico a forma como o instituto se tornou pluricultural face a crescente procura internacional.

No capítulo II, apresentaremos o estudo empírico com a formulação do problema e dos objetivos, os critérios de seleção e caracterização sociodemográfica dos participantes, bem como os procedimentos utilizados.

## Capítulo II

### Investigação empírica

#### **Contextualização do estudo, o problema, os objetivos, a amostra, metodologia, caracterização dos/das participantes e a recolha dos dados**

Neste capítulo, relativo à investigação empírica sobre o tema *Integração académica, social e cultural dos estudantes cabo-verdianos na cidade de Bragança*, abordaremos a relevância e caracterização do contexto em que o estudo é efetuado, a formulação do problema, a definição dos objetivos, a natureza da investigação, a metodologia e os instrumentos de recolha de dados. Serão apresentados os critérios de seleção e caracterização sociodemográfica da amostra, os procedimentos utilizados, o tratamento da informação e as questões éticas subjacentes a uma investigação.

Começamos por apresentar o contexto em que decorreu este estudo e a sua relevância.

#### **1. Contextualização e relevância do estudo**

A investigação sobre os estudantes cabo-verdianos e a sua integração académica, social e cultural teve lugar na ESE/ IPB.

Hoje, o contexto e a época que vivenciamos, a era da globalização, trouxeram contornos irreversíveis sobre a vivência estudantil, facilitando a convivência de alunos de origens culturais distintas, enriquecendo a si mesma e a sociedade que acolhe. A flexibilidade espacial e a mobilidade humana permitiram que a internacionalização do ensino superior gerasse modificações na forma de estar, viver e de ser dos estudantes que se deslocam dos seus países de origem para outros, no sentido de poderem obter conhecimentos a nível académico e assimilar culturas das localidades que os recebem.

Doravante, esta internacionalização pode ser analisada sob diferentes aspetos, pois, segundo Teichler (2004), ela é analisada em relação à mobilidade, cooperação académica e transferência de conhecimento académico, bem como à educação internacional. Esta mobilidade internacional de estudantes implica a necessidade de conhecer hábitos culturais para que as instituições de acolhimento possam responder o melhor possível às necessidades e aspirações dos estudantes provenientes de outras comunidades.

Na conceção de Almeida (1993), citado por (Capucha, Guerreiro, Bernardo, Madelino, Calado, Correia & Silva), o termo integração social tem sido utilizado como “(...) pluralidade vasta, aberta e mutável de estilos de vida, todos partilhando a cidadania e, conservando, aprofundando e exprimindo capacidades de escolha “ (p.7).

Neste sentido, Cabo Verde tem apostado na formação superior dos seus jovens, proporcionando-lhes a possibilidade de adquirirem formação de nível superior em diversos países, entre os quais Portugal.

Contudo, muitos destes jovens estudantes vêm sempre com vagas para estudar em Portugal e, em alguns casos, devido ao protocolo existente entre as partes, universidades portuguesas, câmaras municipais e Governo de Cabo Verde, tendo estes concedido bolsas de 50% e de 100% para facilitar/ajudar estes estudantes nas estadias/despesas e apostas nos estudos, fruto de inúmeros pedidos solicitados pelos estudantes.

No portal do IPB - <http://portal3.ipb.pt/index.php/pt/guiaects/instituto-politecnico-de-braganca> (2019) constatamos que é uma instituição pública de ensino superior que tem por missão a criação e difusão do conhecimento técnico-científico e profissional, da investigação orientada e experimental. Integra a rede europeia de Universidades de Ciências Aplicadas, visando a transferência de competências profissionais e a integração da investigação aplicada. Fundado em 1983 comporta cinco escolas; quatro no *Campus* de Bragança: Escola Superior Agrária de Bragança (ESA); ESE; Escola Superior de Saúde de Bragança (ESSa); Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Bragança (ESTiG) e em Mirandela a Escola Superior de Comunicação, Administração e Turismo de Mirandela (EsACT). Abrange várias áreas do saber e da tecnologia, entre elas, artes, comunicação e multimédia, turismo, desporto e lazer, formação de professores, saúde e proteção social, ciências empresariais, ciências agrárias e tecnologias. Aposta na aprendizagem ao longo da vida, na melhoria da qualidade da formação, fomenta a mobilidade a nível nacional e internacional, dos seus estudantes, diplomados e funcionários. O IPB consolidou a sua dimensão em cerca de 8000 estudantes e atualmente, mais de 80% do corpo docente do IPB possui doutoramento. A internacionalização do IPB é uma realidade, tendo nos últimos dez anos promovido a mobilidade de mais de 7000 estudantes e 2000 professores e colaboradores. Estes resultados colocaram a instituição em destaque, a nível nacional e internacional.

A presença de uma comunidade de estudantes de PALOPs é também uma realidade na instituição que resulta do envolvimento do Instituto com o ensino superior

em Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné e São Tomé e Príncipe e que contribuiu para a qualificação dos seus recursos humanos e académicos.

O IPB é uma instituição multicultural, 30% dos seus estudantes são estrangeiros e oferece a todos os seus alunos, nacionais e internacionais, a oportunidade de estudar em uma instituição de excelência e de viver um ambiente multicultural.

Na cidade de Bragança vive um elevado número de estudantes estrangeiros, sendo Cabo Verde um dos países com maior número de estudantes a frequentar o IPB, sendo em 2019 – 2020, em que 287 estão a frequentar cursos na ESE (o nosso foco de estudo), segundo os dados fornecidos pelos Serviços Académicos do IPB. A sua integração não é fácil devido a vários constrangimentos que vão desde a adaptação a uma nova cultura, com características e vivências díspares a um clima totalmente aquém do desejado para aqueles que são provenientes de regiões tropicais, como Cabo Verde.

Ora, distante do seu meio, comunidade, país e sobretudo famílias, gerir uma vida longínqua, em muitos casos, tem marcado estes jovens estudantes, não somente por situações económicas e afetivas mas também pelas dificuldades na integração na sociedade de acolhimento.

Em seguida, apresentamos a formulação do problema e a definição dos objetivos para os quais pretendemos obter respostas que nos levem a clarificar como é que os estudantes cabo-verdianos vivem a sua integração académica, social e cultural na cidade de Bragança.

## **2. Formulação do problema e dos objetivos**

A fim de conhecer se os estudantes cabo – verdianos, provenientes de um país insular, como modos de vida cultural e socialmente diferentes, se sentem integrados académica, social e culturalmente em Bragança, formulamos o seguinte problema

*Será que os estudantes cabo – verdianos a estudar no IPB se sentem integrados académica, social e culturalmente?*

Com vista a dar resposta ao problema definimos os seguintes objetivos, com a finalidade de compreendermos se essa integração é uma realidade, nomeadamente:

*- Identificar quais os fatores que levam os estudantes cabo – verdianos a virem estudar para o IPB;*

- *conhecer as dificuldades de integração numa nova sociedade de acolhimento;*
- *verificar que tipos de apoios são prestados pela comunidade de origem e de acolhimento, para que sejam superadas as dificuldades de integração;*
- *analisar como é que estes estudantes vivem a experiência de estudar no IPB;*
- *compreender os desafios e as oportunidades proporcionados por esta experiência.*

Em seguida apresentaremos a metodologia, as técnicas e os procedimentos de recolha de dados, o contexto ambiental, os critérios que levaram à seleção dos participantes e as questões éticas inerentes a uma investigação, dado serem de crucial importância para o estudo em causa.

Abordaremos, de imediato, os critérios e os procedimentos usados na seleção da amostra.

### **3. Seleção da amostra e procedimentos utilizados**

Quando se faz uma investigação é preciso selecionar uma amostra, que segundo Morais (2005) constitui “ (...) um subconjunto da população usado para obter informação acerca do todo” (p.16).

Neste caso concreto é constituída por 56 inquiridos, numa população de 287 estudantes cabo - verdianos na ESE, que segundo Marconi e Lakatos (2003) se caracteriza como uma amostra não probabilística, por conveniência, constituída por indivíduos que se disponibilizaram para participar no estudo.

As respostas dos inquiridos resultaram no preenchimento de um inquérito por administração direta e o critério estabelecido foi apenas o serem estudantes cabo – verdianos a frequentarem cursos na ESE.

Referiremos agora a importância de utilização de uma metodologia, a natureza da investigação, os instrumentos da recolha de dados, as questões éticas associadas ao estudo e o tratamento e discussão da informação.

## **4. Metodologia**

Após a revisão de literatura que serve de apoio teórico a este estudo, cabe agora explicar o método e a natureza da investigação, que darão consistência científica a este trabalho.

### **4.1. Natureza da investigação**

Grawitz (1993) define método “como um conjunto concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objetivos, corpo de princípios que presidem a toda investigação organizada, em conjunto de normas que permitem selecionar e coordenar as técnicas” (pp.569-631).

No âmbito das investigações científicas, Carmo (1998), diz que “Historicamente, as investigações, quantitativa e qualitativa, estão associadas a paradigmas. Cada tipo de método corresponde a uma perspectiva paradigmática distinta e única (...) mas há outros que combinam (...) os dois métodos característicos de cada um dos paradigmas” (p. 177).

Sousa e Batista (2011) referem que “a investigação qualitativa surgiu como alternativa ao paradigma positivista e à investigação quantitativa, os quais se mostravam ineficazes para a análise e estudo da subjetividade inerente ao comportamento e à atividade das pessoas e das organizações” (p. 56).

Por sua vez, Bogdan e Biklen (2013) defendem que “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” e que em uma investigação de natureza qualitativa “O significado é de importância vital” (...) e que “os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (pp. 48 - 50).

Dentro dessa realidade,

A pesquisa toma o caminho qualitativo, onde há contato direto com o ambiente, pelo pesquisador, tratando os dados e inferindo os resultados frente ao material coletado (...) não há preocupação com dados estatísticos ou com a finalidade conclusiva do trabalho, o pesquisador vai ao terreno levantar dados sem interferir com o processo. (Prodanov & Freitas, 2013).

Considerando os tipos de investigação referidos, utilizaremos uma metodologia mista, quantitativa e qualitativa, por nos parecer ser a mais adequada ao trabalho a realizar.

Carmo e Ferreira (2008) referem que os objetivos da investigação quantitativa procuram “encontrar relações entre variáveis, fazer descrições recorrendo ao tratamento estatístico de dados recolhidos (...)”. Procederemos à seleção de uma amostra representativa da população em estudo, através de uma “(...) seleção aleatória dos sujeitos de investigação (amostragem) (...)” (p. 196).

Os dados recolhidos através do inquérito por questionário permitiram análises estatísticas descritivas, e foram tratados através do *Microsoft Office Excel*.

A utilização de uma metodologia qualitativa, segundo Sousa e Batista (2011), tem como objetivo a compreensão de problemas e de comportamentos, atitudes e valores, pelo que através de uma análise de conteúdo, que, de acordo com Lassarre (1978), citado por Amado (2017), “(...) não é senão um instrumento, uma série de operações destinadas a construir uma “grelha de análise”, cuja (...) a análise cobre processos tão diversos como a elaboração de conceitos e a interpretação de resultados” (p. 307).

Para a realização deste estudo e de acordo com o problema, apresentado no ponto 2 deste capítulo, utilizaremos uma metodologia mista, com características associadas ao paradigma de investigação qualitativa e de investigação quantitativa, em que os instrumentos de recolha de dados utilizados serão, respetivamente, a entrevista com guião e o inquérito por questionário.

Seguidamente apresentaremos a descrição dos instrumentos de recolha de dados.

## **4.2. Instrumentos de recolha de dados**

### **4.2.1. Inquérito por questionário**

Segundo Sousa e Baptista (2011) existem questionários com questões abertas, fechadas e mistas, tendo cada uma delas potencialidades e limites, vantagens e desvantagens.

O inquérito por questionário, segundo Tuckman (2012), baseia-se num conjunto de questões e respostas por escrito, em que o sujeito constrói intencionalmente as suas respostas.

O inquérito por questionário, elaborado pelo autor desta investigação, consistiu na aplicação, por administração direta, a 56 estudantes cabo – verdianos, de forma a termos respostas sobre a integração destes estudantes no contexto socioeducativo em Bragança, após a realização de um pré – teste, em que tivemos em conta as sugestões dadas por especialistas na área a investigar e apoiando-nos na revisão da literatura, (Anexo 1).

Após ter sido lavrado o consentimento livre e esclarecido dirigido ao Sr. Diretor da Escola Superior de Educação (Anexo 2), o autor do estudo explicou a sua finalidade, salvaguardado o princípio do anonimato e da confidencialidade e foi aplicado no dia 12 de fevereiro de 2020.

É composto por questões fechadas e abertas e é constituído por duas partes, em que na parte I se pretende fazer a caracterização sociodemográfica dos inquiridos e na parte II obter respostas sobre a integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos na cidade de Bragança.

#### **4.2.2. Entrevista com guião**

A elaboração e aplicação da entrevista com guião consistiu numa conversa que permitiu a interação verbal entre o autor e o/a entrevistado/a, sendo definida por Mateus (2008) como “ (...) uma técnica não documental de observação não participante (...) ” (p. 175).

Apesar de haver vários tipos de entrevistas, tal como refere Posada (2001), a estruturada, a semiestruturada e a não estruturada ou livre, optámos pela entrevista semiestruturada, com questões abertas que, de acordo com Amado (2017), permite responder de forma flexível, sendo possível alterar a ordem das questões, orientando as questões para a obtenção dos resultados pretendidos.

Foi elaborado um guião composto por questões abertas, analisado por especialistas que sugeriram algumas alterações (Anexo 3).

A entrevista foi realizada durante o mês de fevereiro de 2020, gravada, com uma duração média de uma hora e oito minutos., após ter sido lavrado o consentimento livre e esclarecido dirigido ao entrevistado (Anexo 4).

Foi explicada a sua finalidade, referindo os objetivos a alcançar, garantindo o princípio do anonimato e da confidencialidade, foi solicitada autorização para a sua realização e para a transcrição integral das respostas dadas, assegurando que os dados serão apenas utilizados para este estudo académico.

Feita a codificação (E1) do cada participante, utilizamos, no corpo do trabalho, os excertos que julgamos mais adequados ao cumprimento dos objetivos que nos propomos atingir.

Foi feita uma análise de conteúdo (Anexo 5), tendo sido criadas categorias e subcategorias antes da aplicação das entrevistas, baseando-nos no enquadramento teórico e nos objetivos da investigação.

Foi criada a **categoria A** - Associação dos Estudantes Africanos em Bragança (AEAB) na integração académica, social e cultural dos estudantes cabo-verdeanos e as subcategorias **A1**. Caracterização da AEAB; **A2**. Dificuldades; **A3**. Apoios dados aos estudantes e **A4**. Desafios /oportunidades proporcionadas por essa experiência. Para cada subcategoria foram colocadas várias questões.

O ponto a seguir considerado mostra como a informação obtida vai ser tratada.

## **5. Tratamento da informação**

Os dados resultantes da aplicação do inquérito por questionário foram submetidos a um tratamento estatístico no programa *Microsoft Excel*. Os dados obtidos foram representados em tabelas e em figuras, para melhor podermos fazer a sua análise e interpretação.

Para a análise de dados obtidos através da entrevista foi utilizada a análise de conteúdo (Anexo 5) que, de acordo com Silva et al (2005), permitiu a “(...) decomposição do discurso e identificação de unidades de análise ou grupos de categorização dos fenómenos” pelo que “(...) uma reconstrução de significados (...)” torna possível uma melhor compreensão da realidade (p. 70).

Esta técnica, segundo Silva e Pinto (2009) “(...) permite a descrição objectiva sistemática e quantitativa do conteúdo manifestado da comunicação”, pelo que nos permite descrever e interpretar o que foi dito em diferentes situações (p. 103).

A entrevista foi transcrita depois de gravada e procedeu-se à sua categorização, sendo criadas as unidades de registo, que correspondem, segundo Lima (2013) a um “(...) segmento de texto que é objeto de “recorte”, isto é, de seleção para análise (...) (p. 9).

A seguir abordaremos as questões éticas a considerar quando realizamos uma investigação.

## **6. Questões éticas na recolha de dados**

Temos em conta as normas e princípios éticos inerentes a qualquer trabalho de investigação, pelo que adotaremos uma postura rigorosa no cumprimento das regras, e respeitaremos as características de cada participante.

Aquando da realização do inquérito por questionário, pedimos autorização para a sua aplicação (Anexo 2) e, no próprio inquérito por questionário lavramos o consentimento livre e esclarecido), em que todos os/as inquiridos/as foram informados/as sobre a pertinência do estudo, foi garantido o anonimato e confidencialidade das respostas, tal como consta do Anexo 1.

No que respeita à entrevista também foi lavrado o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 4), tendo o E1 sido igualmente informado sobre a finalidade da entrevista, referidos os objetivos a alcançar, solicitada autorização para a realização e transcrição integral das respostas dadas, assegurando que os dados serão apenas utilizados para este estudo académico, tal como referido no ponto 4.2.2. deste capítulo.

A todos foi garantido que os dados serviriam apenas para esta investigação, cabendo a cada um/a o direito de responder ou não às questões colocadas.

No capítulo III, procederemos à apresentação, análise e discussão dos resultados que os instrumentos de recolha de dados permitiram obter.

## **Capítulo III**

### **Apresentação, análise e discussão dos resultados**

Neste capítulo será feita a apresentação, análise e discussão dos resultados tendo por base o enquadramento teórico constante do capítulo II.

Será considerada a análise das respostas do entrevistado e de 56 estudantes inquiridos, partindo da questão-problema e dos objetivos formulados.

É feita a caracterização sociodemográfica dos/as inquiridos/as, com dados obtidos através das respostas da Parte I do inquérito por questionário e na Parte II serão abordadas as respostas às questões sobre a integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos na cidade de Bragança.

Uma entrevista aplicada ao Presidente da Associação dos Estudantes Africanos permitirá cruzar dados com algumas das respostas abertas colocadas estudantes inquiridos.

Apresentamos, com base nas respostas ao inquérito por questionário, a caracterização sociodemográfica dos/as inquiridos/as, constante na parte I do referido inquérito por questionário.

#### **1. Caracterização sociodemográfica dos/as participantes**

##### **1.1. Caracterização dos/as inquiridos/as**

Tal como referido no ponto 4.2.1. do capítulo II, o inquérito por questionário é constituído por duas partes, em que na Parte I são colocadas que permitem a caracterização sociodemográfica dos/as estudantes inquiridos/as.

Como se pode observar na tabela 1 participaram no estudo 56 estudantes de Cabo Verde. Destes 62,5% (35) são do sexo masculino. Apresentavam idade compreendida entre 18 e 31 anos, com média de 20,91 anos e desvio padrão de 2,63 anos, daí que 48,2% (27) tivessem no máximo 20 anos. Somente um afirmou ser casado, todos os outros eram solteiros. Quanto às habilitações literárias dos pais observa-se que prevalece em ambos o 1.º ciclo do ensino básico, 40,0% (22) das mães e 41,1% (21) dos pais. Contudo, de referir que 30,9% (17) das mães são licenciadas e 25,0% (14) dos pais também têm formação superior. Relativamente ao número de irmãos a estudar observa-se que 25,0% (14) afirmaram ter um e 35,7% (20) referiram ter dois irmãos a estudar. Maioritariamente os irmãos estudam nos ciclos de ensino secundário e superior.

Tabela 1  
Caraterização sociodemográfica

|                             | Variáveis  | Frequência absoluta | Frequência relativa |
|-----------------------------|--|---------------------|---------------------|
| Sexo                        | Masculino  | 35                  | 62,5%               |
|                             | Feminino   | 21                  | 37,5%               |
|                             | Total  | 56                  | 100%                |
| Idade (anos)                | Até 20 anos  | 27                  | 48,2%               |
|                             | Superior a 20 anos                                     | 29                  | 51,8%               |
|                             | Total  | 56                  | 100%                |
|                             | Mínimo=18; Máximo =31; Média=20,91; Desvio padrão=2,63 |                     |                     |
| Estado civil                | Solteiro   | 55                  | 98,2%               |
|                             | Casado/União de facto                                  | 1                   | 1,8%                |
|                             | Total  | 56                  | 100%                |
| Habilitações literárias mãe | Sem estudos  | 2                   | 3,6%                |
|                             | 1.º ciclo do ensino básico                             | 22                  | 40,0%               |
|                             | 3.º ciclo do ensino básico                             | 3                   | 5,5%                |
|                             | Secundário   | 11                  | 20,0%               |
|                             | Licenciatura   | 17                  | 30,9%               |
|                             | Total  | 55                  | 100%                |
| Habilitações literárias pai | Sem estudos  | 2                   | 3,6%                |
|                             | 1.º ciclo do ensino básico                             | 23                  | 41,1%               |
|                             | 3.º ciclo do ensino básico                             | 1                   | 1,8%                |
|                             | Secundário   | 16                  | 28,6%               |
|                             | Licenciatura   | 12                  | 21,4%               |
|                             | Mestrado   | 1                   | 1,8%                |
|                             | Doutoramento   | 1                   | 1,8%                |
| Total                       | 56   | 100%                |                     |
| Nº irmãos que estudam       | Sem irmão a estudar                                    | 13                  | 23,2%               |
|                             | Um irmão   | 14                  | 25,0%               |
|                             | Dois irmãos  | 20                  | 35,7%               |
|                             | Três irmãos  | 4                   | 7,1%                |
|                             | Quatro ou mais irmãos                                  | 5                   | 9,0%                |
|                             | Total  | 56                  | 100%                |

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

Todos os estudantes cabo-verdianos inquiridos estudam na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.

Pela tabela 2 observa-se que 50,0% (28) dos inquiridos frequentavam o 1.º ano e 46,4% (26) o 2.º ano. Com exceção de um aluno trabalhador todos os outros são do tipo alunos ordinários. De referir que os/as alunos/as que responderam a este estudo frequentavam essencialmente os cursos de Relações Lusófonas, Arte e Design, Línguas Estrangeiras- inglês e Línguas para relações Internacionais. Quanto à residência em Bragança salienta-se o apartamento partilhado, 62,5% (35) dos/as estudantes afirmaram estar nestas circunstâncias e o quarto alugado foi referido por 35,7% (20). A forma como custeiam as suas despesas é maioritariamente, 87,5% (49), através da ajuda da

família, somente seis referiram que tinham uma bolsa de estudos da câmara do concelho de onde são provenientes e outro estudante afirmou que trabalhava para pagar as suas despesas.

Tabela 2

*Caraterização do meio académico*

|                       | Variáveis                       | Frequência absoluta | Frequência relativa |
|-----------------------|---------------------------------|---------------------|---------------------|
| Ano de estudos        | 1.º ano                         | 28                  | 50,0%               |
|                       | 2.º ano                         | 26                  | 46,4%               |
|                       | 3.º ano                         | 2                   | 3,6%                |
|                       | Total                           | 56                  | 100%                |
| Tipo estudante        | Ordinário                       | 55                  | 98,2%               |
|                       | Trabalhador                     | 1                   | 1,8%                |
|                       | Total                           | 56                  | 100%                |
| Curso                 | Acompanhamento de crianças      | 1                   | 1,8%                |
|                       | Arte e Design                   | 9                   | 16,1%               |
|                       | Desporto                        | 1                   | 1,8%                |
|                       | Educação Ambiental              | 1                   | 1,8%                |
|                       | Educação Social                 | 1                   | 1,8%                |
|                       | Línguas para Relações Int.      | 8                   | 14,3%               |
|                       | Línguas Estrangeiras            | 9                   | 16,1%               |
|                       | Música                          | 3                   | 5,4%                |
|                       | Produção nas Artes              | 2                   | 3,6%                |
|                       | Relações Lusófonas              | 16                  | 28,6%               |
|                       | Secretariado e Línguas          | 1                   | 1,8%                |
|                       | TIC na Educação                 | 4                   | 7,1%                |
|                       | Total                           | 56                  | 100%                |
| Habitação em Bragança | Residência de estudantes        | 1                   | 1,8%                |
|                       | Quarto alugado                  | 20                  | 35,7%               |
|                       | Partilha apartamento            | 35                  | 62,5%               |
|                       | Total                           | 56                  | 100%                |
| Custeia as despesas   | Ajuda da família                | 49                  | 87,5%               |
|                       | Bolsa da Câmara do seu concelho | 6                   | 10,7%               |
|                       | Trabalha                        | 1                   | 1,8%                |
|                       | Total                           | 56                  | 100%                |

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

## 2. Caracterização da AAEE

Segundo E1 a AAEE é constituída por (...) *direção, assembleia geral, concelho fiscal, departamento de multimédia e comunicação, departamento de apoio aos estudantes e departamento de cultura e desporto*, tem (...) *18 anos da existência*, e (...) *teve a sua fundação a 04 de julho de 2001*.

Tem como principal objetivo (...) *defender sempre os interesses dos alunos africanos (CPLP) que venham estudar para o IPB. Também a parte cultural, desportiva e científica fazem parte de um leque de preocupações.*

É referido que (...) *não tem nenhum apoio diretamente das instituições governamentais dos países da CPLP, nomeadamente Cabo Verde e outros países, embora tenha sido (...) promovido um grande leque de atividades no IPB, como o caso dos encontros com os cabo-verdianos, às vezes encontro das diferentes ilhas como tem acontecido com a da ilha do Sal, que são financiadas diretamente pelas Câmaras Municipais e pela embaixada de Cabo Verde em Portugal.*

Em Bragança, tem sido fundamental (...) *o apoio principalmente do IPB, da Câmara Municipal de Bragança, Juntas de Freguesia e tem outras instituições que apoiam direta ou indiretamente nas atividades que esta associação faz para toda a comunidade no geral.*

Desde que foi constituída tem havido mudanças na integração dos estudantes, pois, refere E1 (...) *como em todas as organizações sempre existem mudanças profundas, anos após anos (...): novos presidentes, grupos de trabalho, novas ideias, novas formas de fazer as coisas e isso faz com que a AEAB evolua.*

Há diferenças na forma como foi feita essa integração no passado e como é feita na atualmente, frisando E1 que (...) *devido às novas políticas e forma de pensar diferente, permitindo ganhos positivos. (...) A AEAB é constituída por estudantes e daqui a dois ou três anos não estarei nesta função e futuramente virão outros estudantes a desempenhar esta função, fazendo mais e melhor.*

O entrevistado mostra-se disponível para (...) *colaborar para o sucesso da mesma, ajudar, esclarecer algo, dar sugestões no que for possível e dinamizar mais o que é o associativismo aqui no IPB.*

Uma das preocupações da AAEA é referido por E1 o (...) *Acompanhamento direto aos alunos que terminam ou vão embora, porque muitos vão para outras cidades que apresentam melhores condições e oportunidades de emprego, alguns regressam para os seus países de origem e em muitos casos emigram para outros países da União Europeia de modo a procurar melhores soluções e oportunidades na vida (...).*

Afirma ainda que (...) *os alunos que abandonam, temos mais ou menos um feedback através do contacto com o IPB (...). Quanto às desistências durante o ano letivo e, por acaso, estes números têm crescido bastante, sendo um dos principais focos a questão das carências económicas que fazem com que muitos alunos abandonam os estudos. (...), infelizmente não é algo que está no nosso poder/controlo e na AEAB não temos recursos financeiros para poder colmatar ou responder a esta demanda dos alunos de modo a dar seguimento nos seus estudos, mas sempre fazemos o que for possível para os ajudar.*

Apresentamos, em seguida, as respostas dadas à parte II do inquérito por questionário, cruzados com os dados colhidos através da entrevista realizada.

### 3. Resposta às questões sobre a integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos na cidade de Bragança

Na parte II do inquérito por questionário as respostas às questões sobre a integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos na cidade de Bragança, são apresentadas em tabelas e gráficos, tal como mencionado no ponto 5 do capítulo 2.

Assim:

A tabela 3 mostra que na identificação da principal razão que levou à escolha do IPB destaca-se a facilidade de vagas referida por 37,5% (21) dos/as inquiridos/as e o reconhecimento da instituição identificado por 33,9% (19) dos/as estudantes.

Tabela 3

#### *Caraterização da escolha do IPB*

|   | <b>Variáveis</b>                 | <b>Frequência absoluta</b> | <b>Frequência relativa</b> |
|---|----------------------------------|----------------------------|----------------------------|
| A principal razão da escolha do IPB                           | Custos favoráveis                | 9                          | 16,1%                      |
|   | Reconhecimento da Instituição    | 19                         | 33,9%                      |
|   | Facilidade de vagas              | 21                         | 37,5%                      |
|   | Foi aconselhado                  | 7                          | 12,5%                      |
|   | <b>Total</b>                     | <b>56</b>                  | <b>100%</b>                |
| Como tiveste conhecimento do IPB                              | Comunicação Social               | 9                          | 16,1%                      |
|   | Pela Câmara do teu concelho      | 37                         | 66,1%                      |
|   | Pela DGES                        | 3                          | 5,4%                       |
|   | Por familiares/amigos            | 7                          | 12,5%                      |
|   | <b>Total</b>                     | <b>56</b>                  | <b>100%</b>                |
| Prosseguias estudos no IPB caso pudesses mudar de instituição | Sim, corresponde às expetativas  | 31                         | 55,4%                      |
|   | Não, não corresponde ao esperado | 14                         | 25,0%                      |
|   | Não, não gosto da cidade         | 7                          | 12,5%                      |
|   | Dependia das ofertas             | 4                          | 7,1%                       |
|   | <b>Total</b>                     | <b>56</b>                  | <b>100%</b>                |

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

O conhecimento da instituição IPB acontece essencialmente através da Câmara Municipal do concelho de onde são provenientes os/as alunos/as cabo-verdianos, 66,1% (37) referiram este meio e 16,1% (9) indicaram a comunicação social.

Quando questionados/as sobre a possibilidade de prosseguir estudos no IPB, caso tivessem outra possibilidade, observa-se que 55,4% (31) dos/as alunos/as inquiridos/as referiram que continuavam no IPB porque este corresponde às suas expectativas. Por outro lado, 37,5% (21) afirmaram que não continuavam no IPB, pois 14 referiram que este não corresponde às suas expectativas, 7 disseram que não gostavam da cidade e 7,1% (4) responderam que dependia das ofertas que tivessem.

No gráfico da figura 1 apresentam-se os fatores identificados pelos/as alunos/as para virem estudar para o IPB. Observa-se que dos 56 inquiridos/as 25,0% (14) indicaram as “perspetivas de melhor futuro”; 35,7% (20) referiram o baixo custo de vida na cidade e na instituição; 17,9% (10) concordaram que a existência de alunos cabo-verdianos influenciou a sua decisão e 50% (28) afirmaram que a qualidade da instituição e a facilidade de vagas foi fator de decisão na escolha.

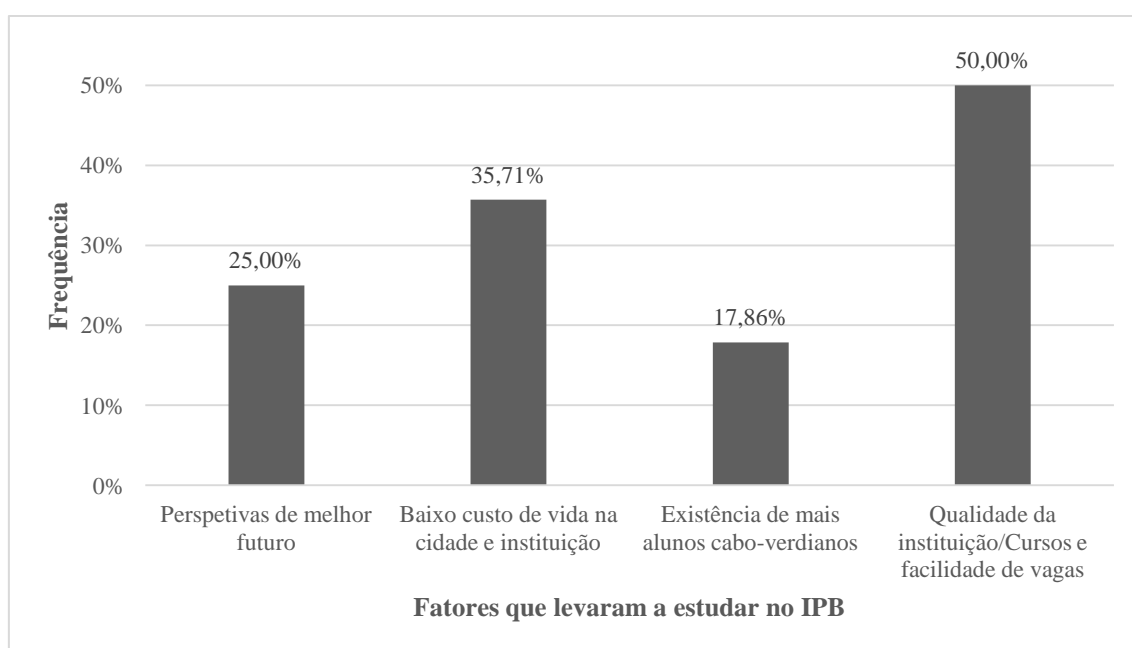


Figura 1 – Fatores que levaram a estudar no IPB (Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário)

No que trata a integração na instituição e na cidade, tabela 4, observa-se que 50,0% (28) classificaram a integração no IPB como boa e 21,4% (12) como muito boa.

Na cidade os resultados são distintos pois 39,3% (22) caracterizaram a integração como boa e 16,1% (9) como muito boa. Relativamente à dificuldade sentida na integração académica 21,4% (12) referiram que lhes aconteceu e cinco destes encontraram apoio nos docentes e amigos; dois em colegas; um referiu o apoio de

docentes, outro de funcionário e docentes, um aluno sentiu apoio da família e dois referiram que não tiveram qualquer ajuda.

A adaptação a uma cidade social e culturalmente diferente do seu lugar de origem é considerada por E1 como (...) *uma mais-valia, sobretudo para os recém-chegados a um país, cidade e Politécnico novo, ao encontrarem pessoas que os acolhem bem, sentem-se logo felizes e não desamparados (...). Muitos escolhem o IPB porque já têm amigos aqui e famílias que facilitam muito a sua adaptação na cidade e no IPB e por ser uma comunidade estudantil com um número elevado, boa organização e adaptada na cidade de Bragança.*

A dificuldade económica por estarem longe de casa foi manifestada por 33,9% (19) e somente três dizem ter algum apoio monetário. Por outro lado, 21,4% (12) referiram ter subsídio social do IPB, dos quais oito dizem usufruir de alimentação, um de pagamento das propinas e outro de aquisição de livros.

Dois estudantes cabo-verdianos do estudo sentiram dificuldades na integração social e cultural na sociedade de acolhimento e apresentaram como razões a antipatia e a discriminação, mas afirmaram ter recebido apoio pela parte da AEAB.

As maiores dificuldades sentidas pelos estudantes, quando chegam a Bragança, são na ótica de E1 (...) *comuns a todas, sejam provenientes de Bissau, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Guiné Equatorial, que ao chegar aqui sentem de antemão as primeiras necessidades básicas como: alojamento, adaptação à alimentação, as condições climáticas em si, e muitas vezes, quando nos abordam as questões financeiras (...).*

Refere ainda que *o problema (...) das habitações (...) níveis de vida têm aumentado e estas informações não tem sido muito reveladas pelos órgãos da comunicação local e pelos órgãos do Governo de Portugal.*

Insiste que (...) *Muitas vezes vêm para aqui de forma iludidos e ao chegarem, deparam com uma realidade completamente diferente daquilo que tinham projetado e entram em choque.*

É importante o papel da AAEEA pois é (...) *o primeiro contacto e O IPB faculta às Câmaras Municipais de diferentes países o nosso contacto, (...). Por outro lado, caso não termos informações suficientes em nosso poder, encaminhamos para quem é devido, mas o nosso objetivo é sempre defender os interesses dos estudantes africanos que vêm estudar para o IPB, e os que já estão a estudar.*

Apesar de as dificuldades dos estudantes cabo – verdianos serem muitas, E1 diz que (...) *a maior preocupação é tentar junto dos serviços competentes ajudar na colmatação destas dificuldades, pois nós não possuímos recursos financeiros para poder responder perante estes problemas e nem estamos capacitados para tal, mas o IPB tem feito um esforço enorme para responder a esta demanda, (...) encaminhando por exemplo para a Cáritas e há pouco tempo o Banco alimentar tem ajudado nesta situação.*

Para ajudar a ultrapassar estes obstáculos, E1 refere que (...) *fazemos campanhas solidários durante o ano para angariação de bens alimentícios, roupas, mantas, cobertores (...).*

Tabela 4

*Caraterização da integração na instituição e na cidade*

|   | <b>Variáveis</b>   | <b>Frequência absoluta</b> | <b>Frequência relativa</b> |
|---|--------------------|----------------------------|----------------------------|
| Classifica a tua integração no IPB                                      | Difícil            | 6                          | 10,7%                      |
|   | Razoável           | 10                         | 17,9%                      |
|   | Boa                | 28                         | 50,0%                      |
|   | Muito boa          | 12                         | 21,4%                      |
|   | Total              | 56                         | 100%                       |
| Classifica a tua integração na cidade de Bragança                       | Ainda em adaptação | 9                          | 16,1%                      |
|   | Razoável           | 16                         | 28,6%                      |
|   | Boa                | 22                         | 39,3%                      |
|   | Muito Boa          | 9                          | 16,1%                      |
|   | Total              | 56                         | 100%                       |
| Dificuldade de integração académica                                     | Não                | 44                         | 78,6%                      |
|   | Sim                | 12                         | 21,4%                      |
|   | Total              | 56                         | 100%                       |
| Dificuldades económicas por estar longe de casa                         | Não                | 37                         | 66,1%                      |
|   | Sim                | 19                         | 33,9%                      |
|   | Total              | 56                         | 100%                       |
| Subsídios sociais dados pelo IPB  | Não                | 44                         | 78,6%                      |
|   | Sim                | 12                         | 21,4%                      |
|   | Total              | 56                         | 100%                       |
| Dificuldade na integração social e cultural na sociedade de acolhimento | Não                | 54                         | 96,4%                      |
|   | Sim                | 2                          | 3,6%                       |
|   | Total              | 56                         | 100%                       |

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

Os apoios, medidas e ações que podem ser dados para garantir uma integração académica com sucesso são, segundo E1, apoiados nos relatos de estudantes (...)

*durante todos estes anos e sabemos que os que apresentam maiores dificuldades financeiras são os que menos tentam mostrar e se dão a cara tentam fazer perante aqueles que dão maior confiança.*

*Quando chegam informações, quase sempre através de conhecidos ou pessoas de fora (amigos ou colegas) (...) tentamos chamar o aluno para explicar a situação e quando não conseguimos ajudar passamos estas informações ao IPB que também, dentro das suas possibilidades, tenta ajudar o aluno, solucionando o problema.*

*Para se sentirem integrados social e culturalmente, segundo E1. (...) Conseguem claramente manter as suas tradições mesmo estando distante dos seus países de origem e seus habitat (...).*

*Para tal, é promovida é (...) a integração dos alunos, realizando (...) a receção aos caloiros.*

*A fim de manter e partilhar as tradições (...) Em termos culturais, fazemos uma sala multicultural na qual os alunos de diferentes países da CPLP apresentam os seus costumes para dar a conhecer as suas riquezas. Fazemos as partes gastronómicas em que os alunos cozinham, apresentando assim pratos típicos e sabores diferenciados de diferentes países.*

*Uma atividade que ganha especial importância é (...) A questão desportiva é realizada por nós, onde apresentamos a modalidade do desporto futsal no sentido de incluir todos os estudantes dos países da CPLP. O nosso objetivo no seu todo é proporcionar e promover os alunos a nível social, cultural, desportivo e não só e a campanha da solidariedade é primordial para ajudar os caloiros na sua inserção e os que necessitam de apoios básicos.*

*E1 salienta que os/as estudantes cabo – verdianos (...) partilham as suas tradições com AEAB, porque participam nas nossas atividades culturais e dentro da associação existem vários núcleos, nomeadamente temos cinco núcleos de Cabo Verde das diferentes ilhas e estes estudantes acabam por desenvolver atividades, dinamizando assim a parte cultural do que é a tradição e os costumes de Cabo Verde.*

*No que respeita a serem recetivos a outras manifestações culturais de outros/as estudantes provenientes de outras nacionalidades mas também às manifestações da cidade de Bragança, E1 refere que (...) o maior desafio é incentivar a participar nas atividades que realizamos de modo a dar a conhecer uns aos outros os nossos valores e costumes. Bem ou mal, estamos numa cidade nova, país diferente e peculiaridades culturais distintas da nossa.*

Desta forma (...) *Ao impor estas tradições permitirá que a sociedade civil aceite como somos e que façamos parte desta cidade também.*

Contudo, existe a noção que nem sempre as coisas acontecem isentas de críticas pois, El diz (...) *convidamos não só os alunos de Cabo Verde a participarem nas atividades da AEAB, mas outros alunos da CPLP (...) pensam que faturamos muito dinheiro com a AEAB, deixando assim de participar. Veem a associação como uma empresa e não são capazes de perceber que a associação é algo de representação dos seus países e dentro da AEAB não conseguimos ter pessoas dispostas para trabalhar connosco de modo a dinamizarmos as nossas culturas, tradições e a própria associação em si.*

Todos/as os/as estudantes cabo-verdianos afirmaram que trabalhavam nas férias, essencialmente em cafés e nas limpezas. Todos afirmaram também que com o seu trabalho não ajudavam a família que estava em Cabo Verde.

Foi pedido aos/às alunos/as deste estudo que identificassem os comportamentos de aceitação da sociedade civil os quais se encontram apresentados de forma sucinta no gráfico da figura 2. DE referir que 33,9% (19) afirmaram que o comportamento de aceitação era razoável; 30,4% (17) referiram o acolhimento “*São acolhedoras, respeitosos e atenciosos*”; 28,6% (16) focaram a simpatia e solidariedade “*A forma acolhedora e simpática*”, somente 7,1% (4) referiram o respeito “*Simpatia e respeito*”.

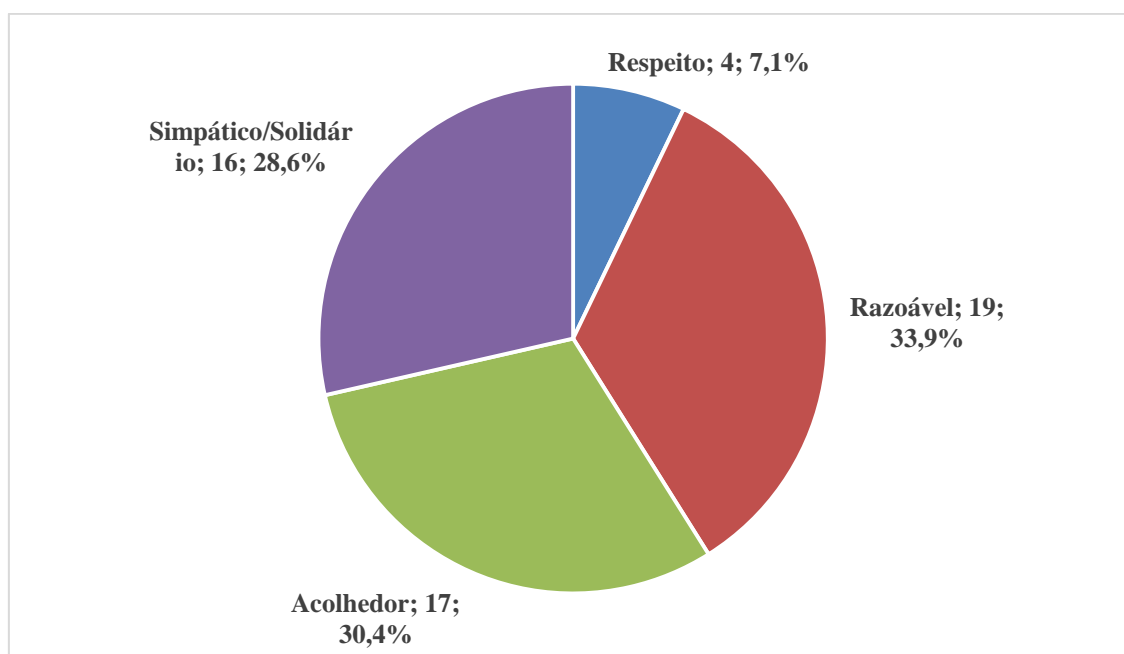


Figura 2 – Caraterização do comportamento de aceitação da sociedade civil (Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário)

Foi pedido aos/às inquiridos/as que identificassem os comportamentos da sociedade civil que classificava como de rejeição. No gráfico da figura 3 apresentam-se os resultados. Destaca-se o *Racismo no aluguer da casa, não se aluga a pessoas da cor; A questão racial sente-se muito por sermos africanos*, identificado por 42,9% (24) dos/as inquiridos/as, seguida da *Discriminação em muitos casos* referida por 16,1% (9) e de salientar que 30,4% (17) estudantes cabo-verdianos afirmaram nunca terem sentido qualquer rejeição *Nunca passei por nada, Não são notórios*.

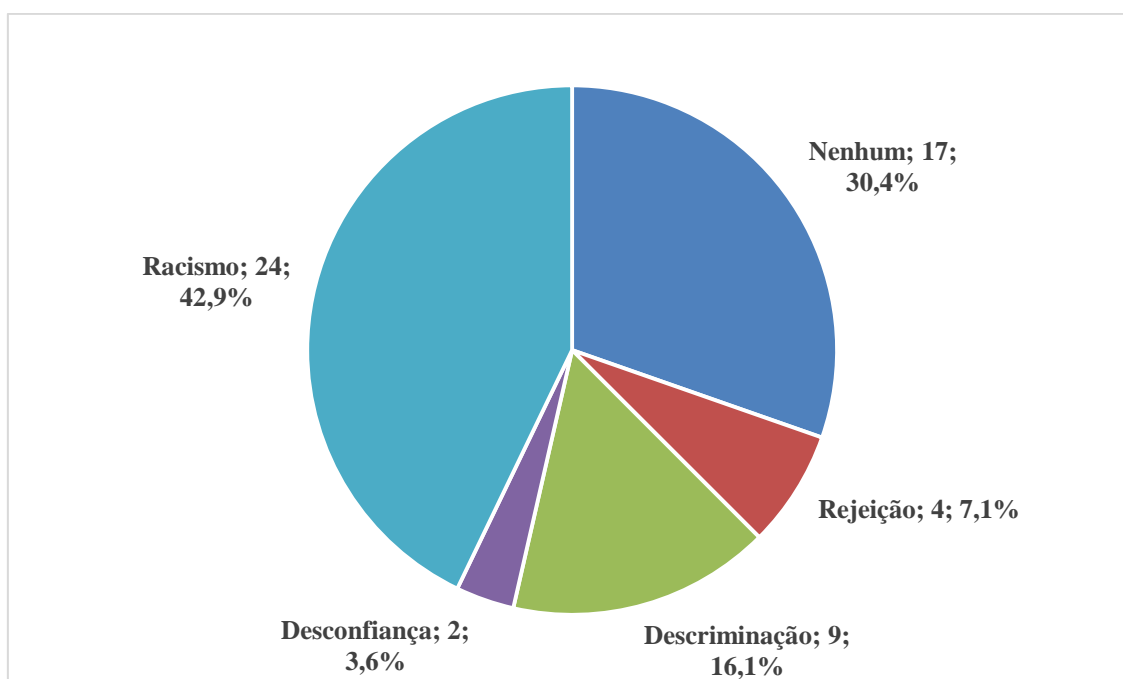


Figura 3 – Caracterização do comportamento de rejeição da sociedade civil (Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário)

Quanto à AEAB, tabela 5, verificou-se que 32,1% (18) dos/as inquiridos/as desconheciam tal instituição - *Nada tenho a dizer porque não conheço, - Não tenho ideias da AEAB*. Por outro lado, os restantes 68% conheciam a AEAB, sendo que 34 deles lhe atribuíam importância na promoção social - *Sim, porque ajuda-nos a integrar melhor tanto socialmente e académico, - Sim, porque ajuda na receção dos estudantes e na sua integração*, mas quatro estudantes referiam que não deviam valorizar tanto as *noitadas, deveria ser mais ativo nas informações na rede social e não expor noitadas para estudantes*.

Quanto ao contributo da AEAB na integração, a maioria, 69,6% (39) afirmou que desconhecia a associação ou que não teve qualquer apoio, 26,8% (15) referiu que

ajudou na socialização e dois alunos afirmaram que os apoiou no pagamento de propinas e rendas.

Relativamente à ajuda articulada entre o Banco Solidário e a AEAB verificou-se que 82,1% (48) dos/as estudantes inquiridos/as desconheciam tal banco, 16,1% (9) referiram que podem articular essa ajuda em termos monetários e um aluno referiu que poderia ser na integração.

Tabela 5

*Caraterização dado conhecimento da AEAB e Banco Solidário*

| <b>Variáveis</b>                     |   | <b>Frequência absoluta</b> | <b>Frequência relativa</b> |
|--------------------------------------|---|----------------------------|----------------------------|
| Considera importante a ajuda da AEAB | Não conheço                               | 18                         | 32,1%                      |
|                                      | Sim, promove a interação social e orienta | 34                         | 60,7%                      |
|                                      | Sim, mas deviam ser mais cuidadosos       | 4                          | 7,1%                       |
|                                      | <b>Total</b>                              | <b>56</b>                  | <b>100%</b>                |
| Contributo da AEAB na tua integração | Não conheço/não me ajudou                 | 39                         | 69,6%                      |
|                                      | Ajudou no pagamento de propinas ou rendas | 2                          | 3,6%                       |
|                                      | Ajudou na socialização                    | 15                         | 26,8%                      |
|                                      | <b>Total</b>                              | <b>56</b>                  | <b>100%</b>                |
| Como o Banco Solidário pode ajudar   | Desconheço                                | 48                         | 82,1%                      |
|                                      | Ajuda monetária                           | 9                          | 16,1%                      |
|                                      | Ajuda na interação                        | 1                          | 1,8%                       |
|                                      | <b>Total</b>                              | <b>56</b>                  | <b>100%</b>                |

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

E1 refere, que vê a adaptação a uma cidade social e culturalmente diferente dos locais de origem como sendo (...) *uma mais-valia, sobretudo para os recém-chegados a um país, cidade e Politécnico novo, mas ao encontrarem pessoas que os acolhem bem, sentem-se logo felizes e não desamparados. Os alunos de Cabo Verde, muitos escolhem o IPB porque já têm amigos aqui e famílias que facilitam muito a sua adaptação na cidade e no IPB e por ser uma comunidade estudantil com um número elevado, boa organização e adaptada na cidade de Bragança*

Contudo, E1 refere que as dificuldades económicas dos/as estudantes cabo-verdianos já se faziam sentir no seu país de origem e não apenas na sua vida quotidiana em Bragança, pois, (...) *As maiores dificuldades são financeiras e os pais auferem rendimentos mínimos que pouco conseguem sobreviver nos seus países, não permitindo*

*envio destas remessas de modo a custear os estudos dos filhos. Muitos acabam por abandonar os estudos devido à realidade deles e das famílias e por razões diversas, muitos vão à procura de um emprego (ful ou par-time) para poderem sobreviver aqui custeando suas despesas e estudos.*

*Mas nem sempre é possível encontrar trabalho, diz E1 pois há (...) poucas ofertas de emprego na Cidade de Bragança. Entretanto, a nossa principal responsabilidade e desafio é informar as famílias e alunos para quem quer estudar em Bragança que têm de ter no mínimo mensal 450 euros (quatrocentos e cinquenta euros) de modo a custear todas as despesas e sabemos que muitas famílias não têm estas condições, culminando com o abandono dos estudos deixando dívidas para trás (...).*

*Sobre o Banco Solidário, criado recentemente, E1 comenta que há (...) parceria com a Cáritas e com a Diocese de Bragança (...). Tem como objetivo dar apoios aos alunos que apresentam maiores dificuldades financeiras e (...) dispõe de bens alimentícios e bens da primeira necessidade (...). Contudo, Muitos deles preferem não ir (...) receiam apresentar a cara.*

*A fim de poder ajudar os estudantes mais carenciados, E1 considera que (...) começamos a fazer distribuição para estes alunos diretamente na associação (...), recebendo-os de forma anónima e confidencial (...). O nosso trabalho tem sido positivo (...) e o IPB integrou a questão de estimular crédito aos alunos que fazem voluntariado, criando mecanismos que lhes permitem desenvolver outras competências, obtendo assim créditos académicos dentro do projeto de voluntariado. A informação sobre o Banco Solidário é passada (...) através das redes sociais e no espaço da sede em si de modo a poderem ter acesso aos apoios e um crédito nos seus diplomas através do Projeto Voluntariado.*

Na tabela 6 apresenta-se a caracterização dos sentimentos com a experiência vivida, assim como proposta de medidas que poderiam facilitar a integração. Como proposta destacam-se a maior inclusão/acolhimento por parte da instituição referida por 46,4% (26) dos/as inquiridos/as e o maior respeito também por parte da instituição é indicado por 42,9% (24) dos/as estudantes. Observa-se que 92,9% (52) afirmaram que o IPB tem permitido enriquecer os horizontes e convivências na diversidade porque permite o conhecimento de pessoas de diferentes nacionalidades. Quanto ao sentimento vivenciado na experiência de estudar no IPB destaca-se o enriquecimento referido por 39,3% (22) e o facto de sentirem que a experiência é boa é defendido por 30,4% (17).

No que trata a experiência de estudar na cidade de Bragança destaca-se a caracterização desta como ótima/boa referida por 66,1% (37) dos/as inquiridos/as.

Tabela 6

*Caraterização dos sentimentos com a experiência*

|  | <b>Variáveis</b>  | <b>Frequência absoluta</b> | <b>Frequência relativa</b> |
|--|---|----------------------------|----------------------------|
| Outras medidas que podiam facilitar a integração                   | Maior ligação com a cidade                                | 1                          | 1,8%                       |
|  | Diversificação de ofertas e atrações culturais            | 5                          | 8,9%                       |
|  | Maior inclusão social/acolhimento                         | 26                         | 46,4%                      |
|  | Maior respeito  | 24                         | 42,9%                      |
|  | Total   | 56                         | 100%                       |
| O IPB tem contribuído na tua multiculturalidade                    | Sim, conhecimento de pessoas de diferentes nacionalidades | 52                         | 92,9%                      |
|  | Não   | 4                          | 7,1%                       |
|  | Total   | 56                         | 100%                       |
| Como sentes e vives a experiência de estudar no IPB                | Boa   | 17                         | 30,4%                      |
|  | Enriquecedora   | 22                         | 39,3%                      |
|  | Bem acolhida  | 9                          | 16,1%                      |
|  | Feliz   | 6                          | 10,7%                      |
|  | Indiferente   | 2                          | 3,6%                       |
| Total  | 56  | 100%                       |                            |
| Como sentes e vives a experiência de estudar na cidade de Bragança | Segura  | 4                          | 7,1%                       |
|  | Não gosto da cidade, mas é boa para estudar               | 8                          | 14,3%                      |
|  | Bem acolhido  | 7                          | 12,5%                      |
|  | Ótimo/Bem   | 37                         | 66,1%                      |
|  | Total   | 56                         | 100%                       |

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

E1 relata que (...) *conviver com diferentes estudantes das mais variadas nacionalidades (...) Em termos da adaptação cada ano tem sido melhor e a comunidade tem crescido muito rápido e acredito que os exemplos para os novos alunos somos nós e sempre auxiliamos os que chegam aqui: arranjanho casas, tratar de documentos no SEF e repartições públicas da cidade que é necessário.*

Salienta, contudo, que (...) *A língua tem sido uma barreira para os estudantes de Cabo Verde porque tem o crioulo como a língua nativa e estando no IPB sentem-se algumas dificuldades em comunicar, mas o IPB já abriu curso de português grátis há pouco tempo para estes alunos, de modo a reforçarem a oralidade, a escrita e se sentirem integrados na cidade e no IPB.*

E1 não tem dúvidas que (...) *O IPB é uma instituição multicultural e tem uma estimativa de setenta nacionalidades diferentes e creio que dentro da comunidade do IPB tem corrido perfeitamente, havendo respeito mútuo (...). Podemos ver que a língua e a cultura são essenciais para uma boa convivência na diversidade entre os académicos.*

Atendendo aos resultados da tabela 7 verifica-se que o principal conselho que os/as estudantes inquiridos/as dão a outros possíveis estudantes que venham para Bragança é que sejam trabalhadores e assertivos.

Tabela 7

*Caraterização das oportunidades e expectativas*

|  | <b>Variáveis</b>                          | <b>Frequência absoluta</b> | <b>Frequência relativa</b> |
|--|---|----------------------------|----------------------------|
| Quais os conselhos que darias a estudantes cabo-verdianos, sobre estudar em Bragança | Venham só se tiverem condições económicas | 3                          | 5,4%                       |
|  | Venham o IPB é excelente                  | 15                         | 26,8%                      |
|  | Sejam trabalhadores e assertivos          | 34                         | 60,7%                      |
|  | Procurem estar bem informados             | 4                          | 7,1%                       |
|  | <b>Total</b>                              | <b>56</b>                  | <b>100%</b>                |
| Desafios e oportunidades desta experiência   | Muitos conhecimentos                      | 22                         | 39,3%                      |
|  | Novas formações                           | 9                          | 16,1%                      |
|  | Aprendizagem de línguas                   | 4                          | 7,1%                       |
|  | Crescimento enquanto pessoa               | 21                         | 37,5%                      |
|  | <b>Total</b>                              | <b>56</b>                  | <b>100%</b>                |
| Carateriza o teu percurso académico em Bragança                                      | Responsável                               | 3                          | 5,4%                       |
|  | Interessante                              | 8                          | 14,3%                      |
|  | Desafiante                                | 14                         | 25,0%                      |
|  | Feliz                                     | 17                         | 30,4%                      |
|  | Trabalhoso                                | 14                         | 25,0%                      |
|  | <b>Total</b>                              | <b>56</b>                  | <b>100%</b>                |
| Expectativas para o futuro   | Ser bom profissional                      | 14                         | 25,0%                      |
|  | Ter sucesso profissional                  | 19                         | 33,9%                      |
|  | Conseguir emprego                         | 23                         | 41,1%                      |
|  | <b>Total</b>                              | <b>56</b>                  | <b>100%</b>                |

Fonte: dados obtidos através de inquérito por questionário

A experiência de estudar em Bragança permitiu a 39,3% (22) dos/as inquiridos/as obter mais conhecimentos e a 37,5% (21) afirmaram que cresceram enquanto pessoas. O percurso académico e social é essencialmente caraterizado como desafiante, feliz e trabalhoso. As expectativas de futuro são profissionais: 41,1% (23) esperam conseguir

arranjar emprego, 33,9% (19) terem sucesso profissional e 25,0% (14) serem bons profissionais.

Quanto ao que a AEAB diria a estudantes que queiram vivenciar a experiência em estudar no IPB, E1 não tem dúvidas em afirmar (...) *Quem vier para o IPB, e nós estamos aqui para os ajudar a nível académico, porque é a melhor instituição politécnica do país e tem um ensino de excelência, por isso não se preocupem porque a nível académico vão ter as melhores formações que desejam e nós estamos aqui para os auxiliar dentro das nossas possibilidades na AAEA.*

Mas também está consciente que (...) *Muitas pessoas pensam que a associação está aqui para resolver os problemas de todos eles, mas não é bem assim porque estamos aqui para ajudar a resolver os problemas e não resolver os problemas. Tudo que precisarem e que tenha a ver com a AAEA, estaremos dispostos em orientar/auxiliar.*

Quanto a estudar no IPB, E1 refere que os estudantes que chegam ao IPB não têm que se preocupar, pois a AEAB, (...) *está aqui para (...) ajudar a nível académico, porque é a melhor instituição politécnica do país e tem um ensino de excelência, (...) a nível académico vão ter as melhores formações que desejam e nós estamos aqui para os auxiliar dentro das nossas possibilidades na AEAB.*

Quanto a ser uma mais-valia para a formação dos estudantes cabo-verdianos estudarem no IPB, E1 responde que (...) *É lógico (...) para o seu currículo e a sua vida profissional, porque quem faz as formações nos seus respetivos países não são as melhores em relação aos que estudam fora, (...), porque ao estudar fora aprimoram sempre mais valências. Ao estar sozinho num país diferente, com culturas, hábitos e o modo de viver distintas em uma nova cidade, tem de se virar, adaptar e abraçar outros desafios na vida para dar respostas aos problemas que vêm aparecendo no seu dia-a-dia num contexto adverso.*

E1 salienta ainda que (...) *A nível académico, o IPB é uma escola de referência, o melhor Politécnico do País e está no ranking dos cinquenta melhores Politécnicos do Mundo e o sítio do IPB ajuda muito o aluno na sua vida profissional futura e se vier estudar para o IPB os alunos de Cabo Verde têm sempre uma melhor valência aqui, devido a diversidades culturais existentes.*

Colocam-se alguns desafios aos/às estudantes que vêm estudar para o IPB, que para E1 passam por (...) *estar consciente de que vai encontrar uma realidade diferente*

*à daquela a que está habituado, que (...) fazem – no crescer, amadurecer e ser a melhor pessoa, aumentando assim as suas qualidades no futuro.*

Também são referidas por E1 as oportunidades de que se abrem aos estudantes, porque (...) *quando terminam o curso, normalmente regressam para os seus países de origens por considerar que, se calhar, têm melhores oportunidades de emprego, mas em muitos casos alguns permanecem aqui em Portugal a viver e a trabalhar, nas suas áreas e não só. (...) Quando se diz alunos do IPB, é sempre visto de forma diferente e com outra cara por ser a melhor instituição superior do país e por ter residido em Bragança, que é uma cidade acolhedora e que tem o hábito de abrigar muito bem os estudantes e os que querem viver aqui.*

As expectativas, segundo E1, que os estudantes cabo-verdianos têm para o futuro vão variar de pessoa para pessoa (...) *porque é algo pessoal e as decisões recaem sempre de forma individual (...).*

Ficar em Bragança, ficar em Portugal, regressar a Cabo – Verde ou ir para outros países? são algumas das hipóteses com que os estudantes cabo - verdianos se debatem, pois segundo E1 (...) *qualquer aluno ao terminar os seus estudos sempre tem em ideia voltar para os seus países de origem (...). Em muitos casos, alguns vão com contactos para se poderem fixar e alguns, por motivos diversos, acham que nos seus países não têm grandes oportunidades e preferem ficar por aqui ou emigrar para outros países onde acabam por ter melhores oportunidades de emprego.*

Mas E1 acredita que a AEAB está (...) *aqui para ajudar os alunos a escolherem as melhores opções e decisões possíveis e sabemos que agora os nossos países têm apostado em diversas formações superiores, o que vem dificultando muitas oportunidades de emprego e apostas na juventude., mas também sabe que (...) muitos acabam por não regressar por achar que ali não vão ter grandes oportunidades o que dificulta muito na decisão se é para voltar ou para ficar (...).*

Em seguida abordaremos o papel determinante do educador social enquanto agente promotor de uma educação social e educativa inclusiva.

#### **4. O educador social no auxílio económico, cultural e pessoal aos estudantes internacionais**

Muito se tem falado sobre o educador social e o seu papel preponderante na sociedade. Ora, o educador social tem um papel preponderante como mediador de situações socioeducativas, ajudando o indivíduo a ser um membro útil e válido para a

sociedade, reforçando a sua (re) construção da identidade (linguagem e autoestima do indivíduo).

Nesta circunstância, a nosso ver, o IPB deveria ter um educador social, na área social, que retratasse as questões da inclusão e integração dos alunos internacionais de modo a criar suportes necessários que permitam uma melhor integração e adaptação no seio do IPB, que aposta na formação de educadores sociais e que, por esta razão, promoveria uma maior convivência entre os alunos, uma cidadania inclusiva e o respeito pelas diferenças.

Para tal, o educador social utiliza muitas ferramentas pedagógicas que Carvalho e Batista, (2004), citado por Mateus (2012), referem ao dizer que “os educadores sociais são reconhecidos como técnicos da relação” (p.62).

São especialistas em intervir nas problemáticas dos indivíduos e na promoção e integração social, fazendo os académicos valorizar o acolhimento do outro, promover o encontro com o diferente, reforçar junto dos estudantes a capacitação subjetiva e cívica de todas as pessoas em contextos sociocomunitários marcados por valores do bem-estar e inclusão social.

#### Ser educador social

(...) não basta apenas saber fazer, mas ser um profissional com motivação, empatia, persistência e compromisso na execução das suas tarefas, porque a sua ação permite moldar uma realidade social. (...) ter em consideração as suas aptidões e capacidade para fazer face aos desafios que se coloca, superando assim os obstáculos evidentes na sociedade. (...) é um dinamizador de grupos, um agente promotor de mudanças e de aproveitamento de recursos humanos e materiais disponíveis, quer local e regional (Mateus, 2012, pp. 60 - 61).

O educador social consegue fazer um trabalho de proximidade com pessoas e grupos humanos desfavoráveis e não deixa de ser um interlocutor intermediário na resolução de conflito e na busca de novas perceções e visões para transformar o meio social, isto é, o ponto estratégico do educador social deriva-se sobretudo das motivações e empatia, fazendo moldar a conjuntura social e o próprio indivíduo em si, tornando-o resiliente.

Diaz (2006), citado por Mateus (2012), realçou que a educação social permite “conceber ao educador social aprimoração de competências sociais, habilidades necessárias para poder alcançar a integração social” (p. 65). Perante isto, cabe ao

educador social atualizar os seus conhecimentos e colocá-los ao dispor de indivíduos fragilizados pela distância a que se encontram das suas raízes e pelas condições económicas precárias que vivem num país onde, por várias razões, as mesmas se agudizam.

Ao articular teoria e prática cria pontes que servirão para ultrapassar dificuldades dos envolvidos, abrindo caminho para resolução de problemas emergentes e para uma melhor integração social.

Segundo Cardoso (2006) o educador social “terá de ser, um mediador entre o indivíduo, a família, as instituições e a sociedade em geral, (...) a sua ação tem sentido nos lares da terceira idade, nos internatos, nas escolas, nas prisões, nos hospitais e nas autarquias, promovendo assim o bem-estar da pessoa e da sociedade” (p. 9).

O reconhecimento do educador social “depende das dinâmicas da sociedade em geral, postura ética profissional, qualidade da sua formação académica, do rigor da sua análise sobre os problemas e da eficácia da sua intervenção” (p.13).

Hoje, apontam-se muitos desafios aos educadores sociais e, é por esta razão que Azevedo; Correia; Machado e Paiva (2017) defendem que o grande desafio que se coloca é a construção de uma intervenção sociopedagógica na qual a educação e a solidariedade assumam um papel central no desenvolvimento humano.

Diante deste cenário nota-se que, no interior de Portugal, sobretudo no Nordeste Transmontano, o IPB tem desafiado a sociedade civil com a formação de diversos quadros nesta área de intervenção, no sentido de dar uma resposta mais consistente à sociedade civil, promovendo capacitações além-fronteiras, catapultando conhecimentos diversificados nesta área, uma vez que a educação social requer uma equipa multidisciplinar que trabalhe em rede, promovendo novas respostas sociais e o bem-estar de todos os indivíduos. Pelas razões apontadas sugerimos uma reflexão, a quem de direito, no sentido de incorporar nos seus órgãos um educador social.

Após a apresentação e análise dos dados é importante proceder à sua discussão, verificando se respondem ao problema formulado e aos objetivos definidos neste estudo.

## 5. Discussão dos dados

Depois de apresentar e analisar os dados obtidos através da aplicação do inquérito por questionário e da entrevista com guião, procedemos à sua discussão, confrontando-os com o problema e os objetivos delineados no ponto 2 do capítulo II.

Os resultados gerais permitem verificar que o problema formulado - *Será que os estudantes cabo-verdianos a estudar no IPB se sentem integrados académica, social e culturalmente?* - foi respondido quando feita a análise da resposta aos objetivos.

Tendo em conta o objetivo - *identificar quais os fatores que levam os estudantes cabo-verdianos a virem estudar para o IPB* corroboramos da opinião expressa por E1 que refere o ensino de qualidade da instituição, mas também a informação que este veicula nos países de origem, os apoios que presta e a vivência numa cidade acolhedora onde a multiculturalidade é uma evidência. A AEAB chama a atenção para o programa de voluntariado criado pelo IPB que

(...) visa auxiliar/estimular a comunidade académica para a importância da educação multicultural, tolerância, prática de ajuda e solidariedade com o próximo, (...) dar atenção aos estudantes mais vulneráveis (...) e, mediante a aderência a este programa, consoantes as horas praticadas, os alunos terão benefícios nos estudos (AEAB, 2019, p. 3).

A partir do argumento do E1 e dos inquéritos realizados, percebeu-se que é preciso maior articulação entre o Banco Solidário e a AEAB, de modo a dar a conhecer o papel do mesmo na promoção e inclusão social e fazer circular estas informações no portal do IPB, exercendo um impacto de maior relevo no seio dos estudantes internacionais, em especial os da CPLP, que provêm de diferentes contextos com fragilidades económicas, e que querem frequentar um curso de ensino superior, impulsionando e diversificando os seus horizontes.

É notório que estes estudantes nunca querem deixar uma imagem negativa a seu respeito e nestas condições muitos não querem dar a cara, não por questão de orgulho mas sim por medo de serem identificados. A nosso ver deveria ser feito um trabalho mais consistente por parte do IPB e da AEAB junto destes alunos de forma a ajudá-los a perceberem que o Banco Solidário foi criado precisamente para estar ao seu serviço.

É perceptível frisar que a grande razão para o abandono dos estudos destes estudantes radica em fatores económicos, pois muitas famílias não têm condições financeiras necessárias para poder custear as despesas dos filhos, sobretudo num

contexto onde os custos de vida vão aumentar e a cidade não oferece mão – de – obra em grande escala, devido a haver poucos investimentos que atraíam grandes receitas para o Estado.

Vê-se que a maioria dos empregos da cidade são exclusivamente os bares, restaurações e a fábrica Faurécia e, nem sempre, estes estudantes demonstram conhecimentos/experiência nestas áreas, o que dificulta a sua empregabilidade, culminando com o fim precoce dos seus sonhos devido a esta realidade.

Face a esta situação pensamos que o sucesso destes estudantes teria impacto positivo, caso houvesse intervenção das entidades do país de origem e do país de acolhimento no fomento do custo de vida destes jovens para poderem alcançar os seus objetivos, apostando na promoção de bolsas de estudos, na retificação de parcerias no que diz respeito ao subsídio da alimentação, habitação, livros, em acionar viagens de ida e regresso a baixo custos em consonância com os transportes aéreos, no sentido de fazer estes jovens se sentirem resilientes perante o distanciamento geográfico e familiar.

Quanto ao objetivo - *conhecer as dificuldades de integração em uma nova sociedade de acolhimento*, notamos que os estudantes de Cabo Verde têm tido uma integração na cidade de Bragança e com outros jovens académicos de outras nacionalidades de um modo considerável. Concordamos com Niessen (2007), citado por Malheiros, (2011) que nos diz que uma integração bem -sucedida permite uma igualdade de oportunidades, quer no ponto de vista social quer no ponto de vista cívico, pois os imigrantes “(...) devem ter oportunidades idênticas às do resto da população. (...). Em termos cívicos, todos os residentes devem comprometer-se com responsabilidades e direitos mútuos, assentes no princípio da igualdade”(p. 27).

Bragança tem vindo a tornar-se terra de acolhimento de estudantes provenientes dos países africanos de língua oficial portuguesa, pelo corroboramos a ideia de Mendes (2010) que esta diversidade se manifesta “(...) não apenas nas variadas formas através das quais o património cultural da humanidade se exprime (...), mas igualmente nas diferentes formas de “(...) criação artística, de produção, difusão e distribuição, e de fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e as tecnologias utilizadas” (p. 33).

Mediante a partilha e trocas de ideias e saberes, construímos um patamar assente no diálogo comunicativo e na promoção de intercâmbios culturais, criando, como refere Matos (2013), uma “(...) existência de seres humanos com normas e hábitos culturais diversificados dentro do mesmo espaço” (p. 4).

Contudo, resta-nos salientar que a diversidade cultural nem sempre é pacífica, fruto do receio da aceitação/compreensão do outro.

Quanto ao objetivo - *verificar que tipos de apoios são prestados pela comunidade de origem e de acolhimento, para que sejam superadas as dificuldades de integração* -

O IPB, deve organizar-se em todas as suas dimensões para colmatar as possíveis lacunas existentes quanto ao pluriculturalismo vivenciado no seio académico, envolvendo a sociedade civil, comunidade educativa, câmaras municipais e as embaixadas das respetivas nacionalidades existentes no IPB.

Concordamos com a análise de Matos (2013) quando afirma que “(...) é na mistura de diversas culturas que se educa para uma educação multicultural diversificada e socialmente coesa. (...) é necessário existir uma escola multicultural para se formar uma educação multicultural” (p. 6).

Percebe-se que uma escola multicultural ajuda o indivíduo a ter um preparação técnico-pedagógico multidisciplinar, interagindo com outras dinâmicas culturais.

Cabe ao IPB criar mecanismos que fomentem maior inclusão, de modo a fazer com que o indivíduo se sinta integrado no meio onde se encontra inserido ou seja, são necessários elos de ligação entre o instituto, a sociedade civil e os estudantes oriundos de outras nacionalidades.

Sendo uma referência na promoção de valores sociais e ético-culturais, tem de dinamizar regras/conduitas claras que permitem aos educandos refletirem o contexto da diversidade cultural, reforçar as relações interpessoais, fomentando atividades recreativas que promovam um elo de ligação entre os traços culturais distintos, zelando pela conduta antirracista não só no meio académico mas também onde estes educandos estão inseridos.

Através da AEAB, o IPB tem como propósito defender os interesses de todos os estudantes oriundos do continente africano, orientando de modo a prestar esclarecimentos sobre a vida social e académica na cidade, como enfrentar os desafios, nomeadamente o seu bem-estar para que desenvolvam um percurso académico exemplar. Dão a conhecer os custos com a habitação, alimentação, como devem fazer para ter acesso às residências estudantis, saber os valores das propinas e como devem gerir as suas economias para poderem corresponder perante as suas despesas mensais. Não descarta também várias atividades, nomeadamente, músicas, danças teatro, gastronomia, artes, desporto, entre outras, dando a conhecer as tradições destes estudantes oriundos de diferentes países de África.

O IPB criou um programa de Voluntariado e o Banco Solidário, sendo uma estratégia primordial na integração, pois

(...) visa auxiliar/estimular a comunidade académica para a importância da educação multicultural, tolerância, prática de ajuda e solidariedade com o próximo, (...) dar atenção aos estudantes mais vulneráveis (...) e, mediante a aderência a este programa, consoantes as horas praticadas, os alunos terão benefícios nos estudos (AEAB, 2019, p. 3).

A fim de - *analisar como é que estes estudantes vivem a experiência de estudar no IPB* – a promoção de uma série atividades de modo a fomentar maior convivência e integração entre os académicos, fazendo-os sentir abertos e resilientes é uma realidade criada pela AEAB que, salvo raras exceções, têm beneficiado uma convivência enriquecedora.

*Quanto a - compreender os desafios e as oportunidades proporcionados por esta experiência* – as relações sociais e culturais entre os estudantes cabo-verdeanos não estão isoladas na sociedade, e concordamos com Leonel (2008) quando diz que “ (...) abrem múltiplas perspectivas para o comportamento individual e coletivo na vida em sociedade” (Leonel, 2008, p. 42).

Ao falar de relações sociais, não podemos, como refere Giddens (2008) não se deixar de falar da interação social. Vamos ao encontro de Duque (2007) que afirma que no contexto social os jovens, em todas as sociedades, são uma mais-valia para a sociedade, veículos de perspectivas inovadora para o progresso social, económico, político e intelectual.

A juventude como questão social em Cabo Verde é recente. Muitas vezes encontramos jovens que ao terminar um curso têm dificuldades em conseguir um emprego, fruto de um mercado restrito, de políticas públicas inadequadas à criação de emprego para os recém-formados, de barreiras burocráticas, de assédio partidário, o que torna quase impossível que os jovens possam exercer a sua autonomia na tomada de decisão.

O educador social consegue fazer um trabalho de proximidade com pessoas e grupos humanos desfavoráveis e não deixa de ser um interlocutor intermediário na resolução de conflito e na busca de novas perceções e visões para transformar o meio social, isto é, o ponto estratégico do educador social deriva-se sobretudo das motivações

e empatia, fazendo moldar a conjuntura social e o próprio indivíduo em si, tornando-o resiliente.

Diaz (2006), citado por Mateus (2012), realçou que a educação social permite “conceber ao educador social aprimoração de competências sociais, habilidades necessárias para poder alcançar a integração social” (p. 65). Perante isto, cabe ao educador social atualizar os seus conhecimentos e colocá-los ao dispor de indivíduos fragilizados pela distância a que se encontram das suas raízes e pelas condições económicas precárias que vivem num país onde, por várias razões, as mesmas se agudizam.

Ao articular teoria e prática cria pontes que servirão para ultrapassar dificuldades dos envolvidos, abrindo caminho para resolução de problemas emergentes e para uma melhor integração social.

Nesta linha de pensamento, Oishi, Graham, Kesebir e Galinha (2013), citados por Mendonça, (2014), realçaram que “as condições económicas precárias podem estar associadas a uma visão frágil da vida, conduzindo a conceitos de felicidade assentes na “sorte” e não no papel ativo dos sujeitos” (p. 26).

Mediante este cenário, o educador social tem de estar voltado para o trabalho laboral, combatendo a exclusão social ou seja, ajudar o indivíduo a ser um membro útil e válido para a sociedade, fazendo desenvolver o seu intelecto e assumir as suas próprias narrativas e iniciativas da vida. O papel do educador no processo da inclusão destes jovens estudantes que vêm para uma sociedade diferente será sempre uma mais-valia, porque ajuda estes jovens a reforçarem e a (re) construírem as suas próprias identidades, melhorando a sua autoestima e a imagem que se constrói deles.

O educador social é capaz de conseguir mostrar à sociedade civil da cidade de Bragança que faz a diferença relativamente ao respeito convivência social baseada na cidadania, para que estes jovens se sintam integrados e bem-sucedidos na cidade.

Os estudantes vindos dos PALOPs, normalmente ao chegarem a Portugal para a realização dos estudos, na sua maioria, vêm com vagas em vez de bolsas de estudos e mediante esta situação acabam por depender das remessas dos familiares para poder custear a vida, propinas, alimentação e habitação. Muitos conseguem arranjar um emprego, melhorando assim as suas economias face aos dispendiosos gastos durante meses ou anos.

## Considerações finais

A pesquisa bibliográfica e documental, que sustentou teoricamente este estudo sobre *Integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos na cidade de Bragança*, assente em um paradigma de análise, permitiu - nos a observação e a recolha de dados no terreno, que nos mostraram perspetivas e posicionamentos dos atores envolvidos.

A interação entre os indivíduos e a sua integração na sociedade que os recebe é sempre algo muito importante e que merece a maior atenção. Falar da internacionalização no contexto atual requer perceber a mobilidade estudantil, uma vez que permitiu maior difusão das culturas, hábitos, costumes, modos de viver e de estar dos jovens académicos nas sociedades de acolhimento.

É importante realçar que a questão norteadora deste estudo - *Será que os estudantes cabo – verdianos a estudar no IPB se sentem integrados académica, social e culturalmente?*- e os objetivos propostos no sentido de identificar os fatores que levam os estudantes cabo - verdianos a estudar no IPB, de conhecer as dificuldades de integração na sociedade de acolhimento, de verificar os apoios que são prestados e analisar as vivências, os desafios e as oportunidades proporcionadas, foram concretizados.

Assim, podemos considerar que o nosso estudo permitiu-nos concluir que os estudantes de Cabo Verde sentem que estão integrados, de um modo considerável, não só na cidade de Bragança mas também com outros jovens académicos de outras nacionalidades.

Destacamos que os fatores identificados pelos/as alunos/as para virem estudar para o IPB se prendem, em primeiro lugar com a qualidade e a facilidade de vagas na instituição, sendo importante também o baixo custo de vida na cidade e na instituição e perspetivas de melhor futuro.

Apesar de considerarem a sua integração como bastante boa, a sociedade civil mostra alguma rejeição, nomeadamente no que diz respeito ao aluguer de casa por os estudantes serem africanos, embora também haja alguns estudantes que dizem não ter sofrido de rejeição.

Torna-se evidente que os apoios económicos dados quer por entidades de Cabo Verde, quer por entidades do país de acolhimento são insuficientes para suprir as suas necessidades. Uma parte considerável destes estudantes tentam ultrapassar estas

dificuldades através de um trabalho que ajude na economia familiar, mas nem sempre conseguem, pois a cidade apresenta poucas oportunidades, dado ser uma região do interior em que há escassez de criação de postos de trabalho.

A nosso ver o IPB, sendo um politécnico multicultural tem a responsabilidade de promover a “*inclusão participativa*”, convocando a sociedade civil nesta proclamação e não somente em ações isoladas, percebendo a razão da “*aceitação do outro*” e incluir no seu dossiê ou currículo aquilo que Silva (2003), citado por Oliveira; Hansel e Damiani (2017), chamou de “*currículo turístico*” que se debruça sobre diversidade e chama a atenção por uma educação reflexiva fazendo com que os/as alunos/as pertencentes às minorias, pudessem promover trocas culturais interessantes, que poderão ser incorporadas à cultura escolar local (p. 115).

Como desafio para esta investigação consideramos que determinados problemas sociais são resolúveis apenas mediante estratégias de intervenção participativa, fundadas em parcerias e corresponsabilização. Há que haver complementaridade entre as autoridades competentes do local de origem e do local de acolhimento. O próprio IPB, numa reflexão conjunta sobre o reforço da cooperação e de políticas a serem implementadas, deve fazer com estejam voltadas para as necessidades/demandas dos académicos, no sentido de não prevalecer desconforto que possa permitir a desistência prematura dos cursos e dos respetivos sonhos, que é realizar um curso superior fora do seu país de origem.

É necessário um trabalho mais assertivo em consonância com a AAEA, junto desta categoria social (jovens académicos) e fazer a união, gestão de esforços e recursos que provoquem efeitos sinérgicos e estimular quem opta por vir estudar para o IPB, realizando um trabalho competente direcionado para uma mudança de mentalidade (comportamentos e atitudes) da sociedade de acolhimento face à presença destes académicos, erradicar a discriminação, trabalhar *marketing* da cidade implementando publicidade com mensagens positivas e inclusivas na aceitação do outro e no enriquecimento dos indivíduos.

Se o educador social é um mediador de conflitos, ao trabalhar em rede, fazendo parte de uma equipa multidisciplinar será de considerar a sua integração num gabinete de apoio criado e fazendo parte dos quadros do IPB, dado o apoio socioeducativo que pode prestar aos estudantes provenientes de outras nacionalidades, ajudando na resolução de problemas e promovendo ou facilitando a integração multicultural.

## Referências bibliográficas

- Amado, J., & Crusoé, N. M. C. (2017). *Referências teóricas e metodológicas de investigação em educação e ciências sociais*. Vitória da Conquista: Edições UESBD. Em [www2.uesb.br/editora](http://www2.uesb.br/editora) (Consultado no dia 28/12/2019).
- André, J. M. (2019). *Interpretações do mundo e multiculturalismo: Incomensurabilidade e diálogo entre culturas*. Em [Doi:http://dx.doi.org/10.14195/0872-0851\\_35\\_1](http://dx.doi.org/10.14195/0872-0851_35_1) (Consultado no dia 18/11/2019).
- Azevedo, S; Correia, F; Machado, E. R., & Paiva, J. S. (2017). *Educação Social: Caminhos percorridos, desafios e oportunidades contemporâneas. Aproximações entre Portugal e o Brasil*. Em <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar> (Consultado no dia 10/12/2019).
- Bacha, M. L.; Santos, J.; & Schaun, A. (2010). *VII SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*.
- Baptista, I. (2008). Pedagogia Social: Uma ciência, um saber profissional, uma filosofia de acção. *Cadernos de Pedagogia Social*, n.º 2, 7-30.
- Bardin, L. (2015). *Análise de conteúdo* (4.ª Ed.). Lisboa: Edições 70.
- Barros, J. M. (2007). *Cultura, mudança e transformação: a diversidade cultural e os desafios de desenvolvimento e inclusão*. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em:<http://www.saogabriel.pucminas.br/csociais/diversidadecultural/odcultural@pucminas.br> <http://www.unb.br/fac/ncint/site/parte10.htm>. (Consultado no dia 30/06/2020).
- Bogdan, R. C.; & Biklen, S. K. (2013). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bourdieu, P., & Saint, M. (1976). *Gostos de Classes e Estilos de Vida*. (Excerto do artigo “Anatomie du gofit”). *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Outubro. N° 5. Traduzido por Paula Montero. São Paulo. pp. 18-43.
- Candau, V. M., & Moreira, A. F. (2008). *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes.

- Capucha, L.; Guerreiro, M. D.; Bernardo, J.; Madelino, F.; Calado, A.; Correia, S. V. & Silva, A. R. C. (2005). *Formulação de Propostas de Conceção Estratégica das Intervenções Operacionais no Domínio da Inclusão Social*. Protocolo entre a Direção Geral de Desenvolvimento Regional e o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Cardoso, A. M. A. S. B. (2006). *Alguns desafios que se colocam à Educação Social*. Cadernos de Estudo. Porto: ESE de Paula Frassinetti. N.º 3 (2006), p.7-15. Em <http://hdl.handle.net/20.500.11796/880> (Consultado no dia 10/12/2019).
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: s/e.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem* (2.ª Edição.). Universidade Aberta.
- Correia, S. A. I. N. (2016). *A Diversidade Cultural como uma vantagem para a Organização*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Sociologia das Organizações e do Trabalho. Universidade de Lisboa.
- D'Adesky, J. E. (1997). *Pluralismo Ético e Multiculturalismo. Racismos e antirracismo no Brasil*. São Paulo.  
Em <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20952> (Consultado no dia 19/11/2019).
- Duque, E. (2007). *Os Jovens e a Religião na Sociedade Atual. Comportamentos Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*. Braga: Council of Europe, Secretaria de Estado da Juventude, Instituto Português da Juventude.
- Ferreira, F., & Fernandes, P. (2015). *Fatores que influenciam o abandono no ensino superior e iniciativas para a sua prevenção: o olhar de estudantes*. Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEPUP) (Porto/Portugal). CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto.
- Fernandes, J. P. T. (2010). *A Ideologia do Multiculturalismo*. Em [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4286/a\\_ideologia\\_do\\_multiculturalismo.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4286/a_ideologia_do_multiculturalismo.pdf?sequence=1) (Consultado no dia 12/11/2019).
- Filho, J. L. (2003). *Introdução à cultura cabo-verdiana*. Praia: Instituto Superior de Educação.

- Finuras, P. (2016). *A origem da(s) Cultura(s) e da diversidade cultural?* CICPRIS-ULHT. Em <https://www.researchgate.net/publication/310590271> (Consultado no dia 02/11/2019).
- Giddens, A. (2008). *Sociologia* (6ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Góis, P. (2008). *Comunidade (s) cabo-verdiana (s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.).
- Gomes, J. A. (2002). *Literatura para a infância e a juventude entre culturas*. NELA - Núcleo de Estudos Literários e Artísticos da Escola Superior de Educação do Porto.
- Governo de Cabo Verde (2019). *O Arquipélago: Histórias*.
- Grawitz, M. (1993). *Méthodes des Sciences Sociales*. (9ª ed.). Paris: Dalloz.
- Gusmão, N. M. M (2008). Antropologia, Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade. *Pro-Posições*, v. 19, n. 3 (57) - set./dez.
- Lakatos, E. M; & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Leonel, G. G. (2008). Estratégias de Resistência e Perspetivas de Controlo, Coerção e Tolerância às Festas do Reinado em Divinópolis- MG. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/n2.html> (Consultado em 28/12/2019).
- Lima, R. W. (2010). *Modernidades, Marginalização e Violência: Estratégias de Sobrevivência e Afirmação dos Jovens em Cabo Verde e Guiné-Bissau*. Lisboa: CEPEA.
- Lima, R. W. (2012). Rappers Cabo-Verdianos e Participação Política Juvenil. In: Marcon, F., & Bordonaro, L. (Orgs.), *Revista Tomo* (Dossiê: Juventudes, expressividades e poder em perspetivas cruzadas), n. 21, São Cristóvão: UFS.
- Lopes, J. (2013). *Cultura, Cidadania e Desenvolvimento*. Trabalho realizado no âmbito da unidade curricular de Fontes de Informação Sociológica. Coimbra. Disponível em: [http://www.freedigitalphotos.net/images/Nations\\_g175\\_International\\_Flags\\_p8006.html](http://www.freedigitalphotos.net/images/Nations_g175_International_Flags_p8006.html). (Consultado no dia 30/05/2020).
- Macedo, F. M. C. (2019). *Interculturalidade vivenciada: itinerário para a construção de valores e de cidadania na educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório de Estágio: Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

- Malheiros, J. M. (2011). *Promoção da Interculturalidade e da Integração de Proximidade*. Lisboa: Alto-comissário para a imigração e diálogo Intercultural.
- Marques, J. F; & Borges, M. G. (2012). Educação Inter/multicultural no Jardim de Infância: Os livros infantis e as suas imagens da alteridade. *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 36, 81-102.
- Mateus; M. E. N. (2012). *O educador social na construção de pontes socioeducativas contextualizadas*. *EduSer: Revista de Educação*, Vol 4 (1), artigo 38. Em <http://hdl.handle.net/10198/7726> (Consultado no dia 10/12/2019).
- Matos, A. R. (2013). *A Abordagem da Multiculturalidade em Educação Pré-Escolar*. ESEJD - Escola Superior de Educação João de Deus. Em <https://comun.rcaap.pt/handle/10400.26/4708> (Consultado no dia 06/11/2019).
- Martins, S. C.; Mauritti, R.; Machado, B.; & Costa, A. F. (2018). *Inquérito às condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal*. Lisboa: ISCTE-IUL, CIES-IUL.
- Mendes, J. M. (2010). *Cultura e Multiculturalidade. 1ª edição*. Editor Escola Superior de Teatro e Cinema. Amadora - Lisboa.
- Mendonça, A. M. B. (2014). *Felicidade, Bem-Estar e Sustentabilidade: Representações e Racionalidades numa Comunidade do Nordeste Transmontano*. Dissertação de Mestrado em Cidadania Ambiental e Participação. Universidade Aberta.
- Ministério Público de Portugal (2001). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Adotada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura na sua 31.ª sessão.
- Ministros dos Negócios Estrangeiros do Conselho da Europa (2008). *Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural "Viver Juntos em Igual Dignidade"*. F-67075 Strasbourg Cedex. 118.ª reunião ministerial. Junho. Em [www.coe.int/dialogue](http://www.coe.int/dialogue). (Consultado no dia 17/11/2019).
- OECD (2018). *Education at a Glance 2018: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris. Retrieved in <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2018-en>
- OECD. (2014). *Indicator C4: Who studies abroad and where?, in Education at a Glance 2014: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris. Retrieved in <http://dx.doi.org/10.1787/888933118656>.
- Oliveira, M. M. D; Mendes, M.; Hansel, C., & M; Damiani, S. (2017). *Cidadania, meio ambiente e sustentabilidade*. Caxias do Sul: Conselho Editorial da EducS. Fundação Universidade de Caxias do Sul, RS.

- Pedreira, I. (2015). *Os estudantes da comunidade dos países de língua portuguesa (cplp) no ensino superior em Portugal*. Lisboa: Edição Direção de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC).
- Posada D., & Crandall, K. A. (2001). *Avaliação de métodos para detectar recombinação de sequências de DNA: simulações em computador*. Proc Natl Acad Sci USA 98: 13757-13762. Em <https://www.researchgate.net/publication/1163881> (Consultado no dia 28/12/2019).
- Teichler, U. (2004), *The changing debate on internationalisation of higher education*, *Higher Education*, 48, 5-26.
- Prodanov, C., & Freitas, E. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. Em Feevale, Hamburgo - Rio Grande do Sul. (Consultado no dia 13/12/2019).
- Ramos, J. A. O. (2016). *Multilinguismo e Multiculturalismo no Processo de Integração da África Ocidental: Importância do papel desempenhado pelo Tradutor e Intérprete na facilitação da comunicação num ambiente Multilingual e Multicultural*. Dissertação de Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas. Porto- Portugal.
- Rodrigues, P. C. R. (2013). *Multiculturalismo – A diversidade cultural na Escola*. Relatório apresentado para obtenção do Grau de Mestre em Professores de 1º Ciclo. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Romero, P. E. B. (2017). *Multiculturalismo: Diversidade cultural na escola*. Dissertação de Mestrado em Docência e Gestão da Educação apresentada à Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Santos, B. S. (2018). *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Coleção Antologias do Pensamento Social Latino-Americano e Caribenho*.
- Semedo, J. M.; & Turano, M. R. (2007). *O Ritual das Festas das Bandeiras da Ilha do Fogo*. Praia: IIPC, s/ed.
- Silva, F. A. S. V. (2010). *Multiculturalismo, Socialização e Integração: os desafios e contributos do ensino/ aprendizagem de uma língua não materna*. Mestrado em Ciências da Educação e da Formação: área de especialização: sociologia da educação e da formação. Universidade do Algarve: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Faro. Portugal.

- Silva, F. M. A.; & Aquino, M. A. (2006). *O olhar multicultural de Paulo Freire como uma prática de cidadania na educação: busca e recuperação*. Em [http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=916](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=916) (Consultado no dia 19/11/2019).
- Silva, R. C; Gobbi, C. B; Simão, A. A (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, vol. 7, núm. 1. Universidade Federal de Lavras Minas Gerais, Brasil. Em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87817147006> (Consultado no dia 18/01/2020).
- Sofiati, F. M. (2009). *Religião e Juventude: os jovens carismáticos*. Tese de Doutorado apresentado ao programa de Pós- Graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia. São Paulo.
- Sousa, E. F. (2004). Bourdieu e Elias: Para uma Construção Teórica e Metodológica Acerca da Arte e Cultura. Esporte/DEF/UFPE. Recife. Brasil. Disponível em:<http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anas8/artigos/EdilsonFernandesdeSouza.pdf>. (Consultado no dia 30/05/2020).
- Sousa, M. J.; & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer Investigações, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: PACTOR.
- Weissmann, L. (2018). *Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade*. São Paulo. Em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v26n27/04.pdf> (Consultado no dia 18/11/2019).
- Tuckman, B. W. (2012). *Manual de investigação em educação: metodologia para conceber e realizar o processo de investigação científica* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## **Anexos**

## **Anexo 1 – Inquérito por questionário e consentimento livre e esclarecido aos estudantes cabo - verdianos na cidade de Bragança**

Eu, José Micael Gonçalves Pereira, mestrando do curso de Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Bragança, estou a realizar uma dissertação de mestrado sobre o tema *A integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos em Bragança*, sob orientação da Doutora Maria do Nascimento Mateus.

O objetivo é a obtenção de dados que nos permitam *conhecer as dificuldades de integração, que tipos de apoios são prestados pela comunidade de origem e de acolhimento e analisar desafios e oportunidades proporcionados por esta experiência.*

Para tal, solicito a cada um de vós a possibilidade de aplicar este inquérito por questionário, garantindo que todas as informações serão confidenciais e os dados obtidos serão exclusivamente utilizados neste estudo, para cumprir o objetivo desta investigação, tendo cada um /a o direito de não responder a questões que considere serem de âmbito pessoal.

É muito importante a tua resposta. Agradecemos a tua colaboração!

Assinala com **uma cruz (X)** ou **escreve** a opção que melhor traduz a tua opinião às respostas que te são colocadas. Cada questão admite apenas uma opção de resposta.

### **Parte I**

#### **Caracterização sociodemográfica dos/das inquiridos/as**

**1. Sexo:**

**1.1. Feminino**

**1.2. Masculino**

**2. Idade (anos):** \_\_\_\_\_

**3. Estado civil:**

**3.1. Casado/a**

**3.2. Solteiro/a**

**3.3. Separado/a**

**3.4. Divorciado/a**

**3.5. União de facto**

4. Escola \_\_\_\_\_

5. Curso \_\_\_\_\_

5.1. Ano do curso \_\_\_\_\_

5.2. Tipo de frequência:

5.2.1. Aluno/a ordinário/a

5.2.2. Trabalhador/a - estudante

6. Agregado familiar:

6.1. Idade, habilitações académicas e profissionais dos pais:

6.1.1. Idade da mãe \_\_\_\_\_

6.1.2. Idade do pai \_\_\_\_\_

6.1.3. Habilitação académica da mãe \_\_\_\_\_

6.1.4. Habilitação académica do pai \_\_\_\_\_

6.1.5. Profissão da mãe \_\_\_\_\_

6.1.6. Profissão do pai \_\_\_\_\_

6.2. Número de irmãos do:

6.2.1. Sexo masculino

6.2.2. Sexo feminino

6.2.2. São estudantes do:

6.2.1. 1.º Ciclo do Ensino Básico?

6.2.1 2.º Ciclo do Ensino Básico?

6.2.3. 3.º Ciclo do Ensino Básico?

6.2.4. Ensino Secundário?

6.2.5. Ensino Superior?

7. Situação de residência em Bragança

7.1. Vives em uma residência para estudantes?

7.2. Vives em quarto alugado?

7.3. Partilhas apartamento com outros estudantes?

7.3.1. Se sim, quais as suas nacionalidades? \_\_\_\_\_

## Parte II

### Integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos na cidade de Bragança

8. Porquê a escolha do IPB para estudar fora do teu país? \_\_\_\_\_

**9. Como tiveste conhecimento das ofertas formativas do IPB?**

**9.1. Pela comunicação social?**

**9.2. Pela Câmara Municipal do teu concelho?**

**9.3. Pela tua escola/universidade?**

**9.4. De outras formas?**

**9.4.1. Quais?** \_\_\_\_\_

---

**10. Consideras que a tua preparação académica anterior é adequada à nova realidade?**

**10.1. Sim**

**10.2. Não**

**11. Consideras que a tua formação tem afinidade com o curso que frequentas?**

**11.1. Sim**

**11.2. Não**

**12. Consideras que as estratégias pedagógicas e de avaliação utilizadas são adequadas?**

**12.1. Sim**

**12.2. Não**

**13. Sentes/sentiste dificuldades na tua de integração académica?**

**13.1. Sim**

**13.2. Não**

**14. Se respondeste sim, que tipo de apoio, na escola que frequentas, te tem ajudado a superar as tuas dificuldades?**

**14.1. Apoio docente?**

**14.1.1. Sim**

**14.1.2. Não**

**14.1.3. Indica qual?** \_\_\_\_\_

**14.2. Apoio dos colegas?**

**14.2.1. Sim**

**14.2.2. Não**

**14.2.3. Indica qual?** \_\_\_\_\_

**14.3. Apoio dos funcionários?**

**14.3.1. Sim**

**14.3.2. Não**

**14.3.3. Indica qual?** \_\_\_\_\_

15. Sentes dificuldades económicas uma vez que estás longe de casa?

15.1. Sim

15.2. Não

16. Se sim, que tipo de apoio tens tido no sentido de te ajudar a superar as tuas dificuldades a nível económico?

16.1. Tens apoios dos Serviços de ação social?

16.1.1. Sim

16.1.2. Não

17. Se sim, que tipo de apoio?

17.1. Alojamento?

17.2. Pagamento de propinas?

17.3. Alimentação?

17.4. Aquisição de livros e/ou outro material didático?

17.5. Outros?

17.5.1. Quais? \_\_\_\_\_

18. Trabalhas para ultrapassar as necessidades económicas?

18.1. Sim

18.2. Não

19. Se sim, que tipo de trabalho? \_\_\_\_\_

20. Como custeias as tuas despesas?

20.1. Tens ajuda da tua família?

20.1.1. Sim

20.1.2. Não

20.2. Tens bolsas de estudo dadas por alguma instituição Cabo – verdiana?

20.2.1. Sim

20.2.2. Não

20.2.3. Indica qual ou quais? \_\_\_\_\_

20.3. Tens subsídios sociais dados pelo IPB?

20.3.1. Sim

20.3.2. Não

21. Ajudas com o teu trabalho a tua família que vive em Cabo - Verde?

21.1. Sim

21.2. Não

**22.** Tens sentido dificuldades na tua integração social e cultural na sociedade de acolhimento?

**22.1.** Sim

**22.2.** Não

**22.2.1.** Se sim, indica quais. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**23.** Tens recebido apoios da comunidade de acolhimento que te ajudem a superar as dificuldades de integração?

**23.1.** Sim

**23.2.** Não

**23.2.1.** Se sim, indica quais. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**24.** Descreve alguns comportamentos da sociedade civil que identifies como sendo de aceitação da tua presença? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**25.** Descreve alguns comportamentos da sociedade civil que identifies como sendo de rejeição da tua presença? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**26.** Indica medidas/ações que a sociedade civil poderia desenvolver para facilitar a tua integração social e cultural? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**27.** Consideras importante a Associação Académica dos Estudantes Africanos na ajuda aos estudantes cabo – verdianos?

**27.1.** Sim

**27.2.** Não

**27.3.** Justifica a tua resposta. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**28.** Qual o contributo da Associação Académica dos Estudantes Africanos na tua integração académica, social e cultural? \_\_\_\_\_

**29.** Como achas que o Banco Solidário, em consonância com Associação académica dos estudantes africanos, pode ajudar os jovens estudantes cabo - verdianos?

---

---

**30.** Indica outras medidas/ações que poderiam facilitar a integração académica? \_\_\_\_\_

---

---

**31.** Sendo o IPB um politécnico multicultural tem permitido enriquecer os teus horizontes e convívências na diversidade?

**31.1.** Sim

**31.2.** Não

**31.3.** Justifica a tua resposta. \_\_\_\_\_

---

---

**32.** Refere, em breves palavras, como sentes e vives a experiência de estudar no IPB, convivendo com diferentes grupos étnicos e culturais? \_\_\_\_\_

---

---

**33.** Refere, em breves palavras, como é que sentes e vives a experiência de estudar na cidade, com os cidadãos que vivem em Bragança? \_\_\_\_\_

---

---

**34.** Que aconselhamentos darias a outros estudantes cabo-verdianos que queiram seguir o mesmo percurso que tu? \_\_\_\_\_

---

---

**35.** Quais os desafios e as oportunidades que esta experiência te proporciona/proporcionou na tua formação académica? \_\_\_\_\_

---

---

**36.** Refere um adjetivo que caracterize o teu percurso académico e social em Bragança.

---

---

**37.** Quais as expectativas para o teu futuro? \_\_\_\_\_

---

---

**Obrigado pela colaboração**

## **Anexo 2 - Consentimento livre e esclarecido ao Sr.º Diretor da ESE**

Exm.º Sr.º Diretor da Escola Superior da Educação:

**Assunto:** Pedido de autorização para a aplicação de um inquérito por questionário aos alunos de Cabo Verde que estudam na ESE, cujo objetivo é de recolha de dados para um estudo sobre *A integração académica, social e cultural dos estudantes – cabo – verdianos em Bragança*

Eu, José Micael Gonçalves Pereira, mestrando do curso de Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Bragança, estou a realizar uma dissertação de mestrado sobre o tema *A integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos em Bragança*, sob orientação da Doutora Maria do Nascimento Mateus.

O objetivo é a obtenção de dados que nos permitam *conhecer as dificuldades de integração, que tipos de apoios são prestados pela comunidade de origem e de acolhimento e analisar desafios e oportunidades proporcionados por esta experiência.*

Para tal, solicito autorização para aplicação de um inquérito por questionário a estudantes cabo – verdianos que frequentam a ESE. Todas as informações recolhidas serão confidenciais e os dados obtidos serão exclusivamente utilizados neste estudo, tendo o/a inquirido/a o direito de não responder a questões que considere serem de âmbito pessoal.

Escola Superior de Educação de Bragança, 06 de fevereiro de 2020

O autor do estudo

---

José Micael Gonçalves Pereira

### Anexo 3 - Guião da entrevista semiestruturada

**Tema:** *Integração académica, social e cultural de estudantes cabo – verdianos em Bragança*

**Objetivo geral:** verificar se a integração académica social e cultural dos estudantes cabo – verdianos a estudar no IPB é uma realidade.

Após a apresentação pessoal do autor do estudo, solicitamos autorização para a realização da entrevista, referindo os objetivos a alcançar e assegurando que os dados obtidos através das respostas serão apenas utilizados para este estudo académico.

| <b>Categoria A.</b> A Associação Académica dos Estudantes Africanos na integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos |  |
|--|--|
| <b>Subcategorias</b>   | <b>Questões</b>  |
| <b>A1.</b> Caracterização da Associação Académica dos Estudantes Africanos   | <p><b>1.</b> Como foi constituída a Associação Académica dos Estudantes Africanos?</p> <p><b>2.</b> Qual/quais o (s) seu (s) objetivo (s)?</p> <p><b>3.</b> Beneficia de apoios? Quais? Esses apoios são dados pelos países que têm estudantes ano IPB? São dados pelo próprio IPB?</p> <p><b>4.</b> Desde que foi constituída, considera que tem havido mudanças na integração dos estudantes que representa? Há diferenças na forma como foi feita essa integração no passado e atualmente? Como pensa que poderá ser feita no futuro?</p> <p><b>5.</b> Faz acompanhamento de ex-alunos já formados? E dos que abandonam os estudos?</p> |
| <b>A2.</b> Dificuldades  | <p><b>6.</b> Quais considera serem as maiores dificuldades dos estudantes cabo – verdianos quando chegam a Bragança?</p> <p><b>7.</b> Como é que a Associação ajuda esses estudantes a superar essas dificuldades?</p> <p><b>8.</b> Considera que alguns estudantes têm dificuldades económicas? Essas dificuldades já se faziam sentir na origem ou apenas agora na vida quotidiana em Bragança?</p> <p><b>9.</b> Como é conviverem com diferentes estudantes das mais variadas nacionalidades?</p>   |

|   |  |
|---|--|
|   | <p><b>10.</b> Como vê a adaptação a uma cidade social e culturalmente diferente do seu lugar de origem?</p> <p><b>11.</b> O que pode ser feito para ultrapassar os obstáculos que vão encontrando?</p> <p><b>12.</b> O que faz para ultrapassar os problemas e obstáculos com que se confrontam?</p>   |
| <b>A3.</b> Apoios dados aos estudantes                                  | <p><b>13.</b> Que apoios, medidas, ações podem ser dados para garantir uma integração académica com sucesso?</p> <p><b>14.</b> E para se sentirem integrados social e culturalmente? Mantêm as suas tradições? Partilham essas tradições? Como? Com quem?</p> <p><b>15.</b> São recetivos a outras manifestações culturais, não só de outros estudantes provenientes de outras nacionalidades mas também às da própria cidade? Pode exemplificar?</p> <p><b>16.</b> Pode o Banco Solidário, criado recentemente, em consonância com a Associação académica dos estudantes africanos ser um apoio para os jovens estudantes cabo - verdianos? Como?</p> |
| <b>A4.</b> Desafios e oportunidades proporcionados por esta experiência | <p><b>17.</b> Considera ser uma mais – valia para a formação dos estudantes cabo – verdianos estudarem no IPB? Porquê?</p> <p><b>18.</b> O que é que considera ser mais desafiante para estes estudantes?</p> <p><b>19.</b> Que oportunidades se abrem para o futuro destes estudantes?</p> <p><b>20.</b> Que diria a estudantes que queiram vivenciar a experiência de estudar no IPB?</p> <p><b>21.</b> Pela sua experiência na Associação, quais as expectativas que considera que os estudantes cabo – verdianos têm para o futuro? Voltar ao país de origem? Ficar em Bragança? Ficar em Portugal? Migrar para outros países? Quais?</p>          |

## **Anexo 4 - Consentimento livre e esclarecido à AAEA**

Exm.º Sr.º Presidente da Associação Académica dos Estudantes Africanos:

**Assunto:** Pedido de autorização para a aplicação de uma entrevista, com o objetivo de recolha de dados para um estudo sobre *A integração académica, social e cultural dos estudantes – cabo – verdianos em Bragança*

Eu, José Micael Gonçalves Pereira, mestrando do curso de Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Bragança, estou a realizar uma dissertação de mestrado sobre o tema *A integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos em Bragança*, sob orientação da Doutora Maria Nascimento Mateus.

O objetivo é a obtenção de dados que nos permitam *conhecer as dificuldades de integração dos estudantes cabo - verdianos, que tipos de apoios são prestados pela comunidade de origem e de acolhimento e analisar desafios e oportunidades proporcionados por esta experiência.*

Para tal, solicito autorização para a realização de uma entrevista ao presidente da referida associação. Todas as informações recolhidas serão confidenciais e os dados obtidos serão exclusivamente utilizados neste estudo, tendo o entrevistado o direito de não responder a questões que considere serem de âmbito pessoal.

Escola Superior de Educação de Bragança, 21 de janeiro de 2020

O autor do estudo

---

José Micael Gonçalves Pereira

## Anexo 5 - Análise de conteúdo

Os dados recolhidos na entrevista dirigida ao Presidente da Associação dos Estudantes Africanos em Bragança foram descritos e analisados em função do problema e dos objetivos propostos no início do estudo. As perguntas levantadas foram conduzidas no sentido de se aproximar o máximo possível das respostas que permitissem concluir pela concordância ou refutação, em pleno ou parcialmente, das questões previamente definidas como guia desta investigação. A entrevista serviu igualmente como um suporte de grande valia para que se alcançassem os objetivos pretendidos nesta pesquisa.

|  |  |
|--|--|
| <b>Legitimação e motivação da entrevista</b>   | Apresentação pessoal; Explicar a finalidade e objetivos do estudo; Assegurar a confidencialidade; Solicitar autorização para realizar, gravar a entrevista em áudio e fazer a transcrição integral das respostas dadas.  |
| <b>Categoria A - Associação Académica dos Estudantes Africanos (AAEA) na integração académica, social e cultural dos estudantes cabo – verdianos</b> |  |
| <b>Subcategoria A1. Caracterização da AAEA</b>   |  |
| <b>Questões</b>  | <b>Unidades de registo</b>   |
| 1. Como foi constituída a AAEA?  | <i>(...) A AAEA é constituída por vários órgãos, com 31 elementos divididos por vários departamentos: direção, assembleia geral, concelho fiscal, departamento de multimédia e comunicação, departamento de apoio aos estudantes e departamento de cultura e desporto.</i>   |
| 2. Qual/quais o (s) seu (s) objetivo (s)?  | <i>(...) A AAEA foi criada há muito tempo, teve a sua fundação a 04 de julho de 2001 e já tem 18 anos de existência. O objetivo desta associação é defender sempre os interesses dos alunos africanos (CPLP) que venham estudar para o IPB. A parte cultural, desportiva e científica constitui um leque de preocupações que, enquanto membros da associação, devemos ter como preocupação, quando o assunto são os estudantes africanos no IPB.</i> |

|   |  |
|---|--|
| <p>3. Beneficia de apoios? Quais? Esses apoios são dados pelos países que têm estudantes no IPB? São dados pelo próprio IPB?</p>  | <p><i>(...) Relativamente ao apoio, a AAEA, em si, não tem nenhum apoio diretamente das instituições governamentais dos países da CPLP, nomeadamente Cabo Verde e outros países, mas há atividades em que os núcleos tem promovido um grande leque de atividades no IPB, como o caso dos encontros com os cabo-verdianos, às vezes encontro das diferentes ilhas como tem acontecido com a da ilha do Sal, que são financiadas diretamente pelas Câmaras Municipais e pela embaixada de Cabo Verde em Portugal, promovendo realizações de vários eventos culturais cabo-verdianos em Bragança.</i></p> <p><i>(...) Quanto ao apoio do IPB, a AAEA, têm apoio principalmente do IPB, da Câmara Municipal de Bragança, Juntas de Freguesia e tem outras instituições que apoiam direta ou indiretamente nas atividades que esta associação faz para toda a comunidade no geral.</i></p>  |
| <p>4. Desde que foi constituída, considera que tem havido mudanças na integração dos estudantes que representa? Há diferenças na forma como foi feita essa integração no passado e atualmente? Como pensa que poderá ser feita no futuro?</p> | <p><i>(...) Sim, como em todas as organizações sempre existem mudanças profundas, anos após anos surgem mudanças novas como: novos presidentes, grupos de trabalho, novas ideias, novas formas de fazer as coisas e isso faz com que a AAEA evolua.</i></p> <p><i>(...) É obvio que a associação de hoje é totalmente diferente da de outrora, como da de quatro anos atrás, devido às novas políticas e forma de pensar diferente, permitindo ganhos positivos.</i></p> <p><i>(...) A AAEA é constituída por estudantes e daqui a dois ou três anos não estarei nesta função e futuramente virão outros estudantes a desempenhar esta função, fazendo mais e melhor. Espero que enquanto estivermos aqui juntos com outros colegas faremos de tudo para que as coisas corram bem e os próximo presidente, ao assumir a AAEA, se precisar de mim estarei disposto a colaborar para o sucesso da mesma, ajudar, esclarecer algo, dar sugestões no que for possível e dinamizar mais o que é o associativismo aqui no IPB.</i></p> |
| <p>5. Faz acompanhamento de ex-alunos já formados? E dos que abandonam os estudos?</p>  | <p><i>(...) Acompanhamento direto, nós não faremos aos alunos que terminam ou vão embora, porque muitos vão para outras cidades que apresentam melhores condições e oportunidades de emprego, alguns regressam para os seus países de origem e em muitos casos emigram para outros países da União Europeia de modo a procurar melhores soluções e oportunidades na vida e daí perde-se o contato direto com todas as atividades que nós desenvolvemos e a associação em si.</i></p>   |

|   |  |
|---|--|
|   | <p>(...) No que diz respeito aos alunos que abandonam, temos mais ou menos um feedback através do contacto com o IPB que nos faculta informações destes alunos. Quanto às desistências durante o ano letivo e, por acaso, estes números têm crescido bastante, sendo um dos principais focos a questão das carências económicas que fazem com que muitos alunos abandonam os estudos, mas infelizmente enquanto presidente e membro da associação não é algo que está no nosso poder/controlo e na AAEA não temos recursos financeiros para poder colmatar ou responder a esta demanda dos alunos de modo a dar seguimento nos seus estudos, mas sempre fazemos o que for possível para os ajudar.</p>   |
| <b>Subcategoria A2. Dificuldades</b>  |  |
| <b>Questões</b>   | <b>Unidades de registo</b>   |
| <p>6. Quais considera serem as maiores dificuldades dos estudantes cabo-verdianos quando chegam a Bragança?</p> | <p>(...) A maior parte dos alunos da CPLP são provenientes de Cabo Verde e, quanto às dificuldades acredito que são comuns em todas elas, sejam provenientes de Bissau, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Guiné Equatorial, que ao chegar aqui sentem de antemão as primeiras necessidades básicas como: alojamento, adaptação à alimentação, as condições climáticas em si, e muitas vezes, quando nos abordam as questões financeiras que são comuns entre estes estudantes da CPLP.</p> <p>(...) Cada dia que passa as habitações tem sido outras, níveis de vida têm aumentado e estas informações não tem sido muito reveladas pelos órgãos da comunicação local e pelos órgãos do Governo de Portugal.</p> <p>(...) Muitas vezes vêm para aqui de forma iludidos e ao chegarem, deparam com uma realidade completamente diferente daquilo que tinham projetado e entram em choque. Nós somos as primeiras pessoas que vão entrar em contacto com estes estudantes e, neste momento já recebi contactos de outros alunos que pretendem vir estudar para o ano letivo 2020/2021, solicitando ajudas para se inscreverem no IPB.</p> <p>(...) Contudo, é um exemplo de que estes alunos antes de vir para cá estão a contactar a AAEA e acabamos por aconselhar estes alunos dando informações primordiais para o sucesso nas inscrições e oportunidades das vagas no IPB.</p> |

|   |  |
|---|--|
| <p>7. Como é que a Associação ajuda esses estudantes a superar essas dificuldades?</p>  | <p><i>(...) Nós somos os primeiros contactos e o IPB faculta às Câmaras Municipais de diferentes países os nossos contactos, em caso de alunos que eles tenham e ensaios para que os possamos informar. Por outro lado, caso não termos informações suficientes em nosso poder, encaminhamos para quem é devido, mas o nosso objetivo é sempre defender os interesses dos estudantes africanos que vêm estudar para o IPB, e os que já estão a estudar.</i></p>  |
| <p>8. Considera que alguns estudantes têm dificuldades económicas? Essas dificuldades já se faziam sentir na origem ou apenas agora na vida quotidiana em Bragança?</p> | <p><i>(...) A maior dificuldade destes alunos são financeiras e os pais auferem rendimentos mínimos que pouco conseguem sobreviver nos seus países, não permitindo envio destas remessas de modo a custear os estudos dos filhos. Muitos ao chegarem aqui acabam por abandonar os estudos devido à realidade deles e das famílias e por razões diversas, muitos vão à procura de um emprego (ful ou par-time) para poderem sobreviver aqui custeando suas despesas e estudos.</i></p> <p><i>(...) Embora muitos conseguiam e outros nem por isso devido poucas ofertas de emprego na Cidade de Bragança. Entretanto, a nossa principal responsabilidade e desafio é informar as famílias e alunos para quem quer estudar em Bragança que têm de ter no mínimo mensal 450 euros (quatrocentos e cinquenta euros) de modo a custear todas as despesas e sabemos que muitas famílias não têm estas condições, culminando com o abandono dos estudos deixando dívidas para trás o que tem sido a nossa maior preocupação na AAEA a ter em conta.</i></p> |
| <p>9. Como é conviver com diferentes estudantes das mais variadas nacionalidades?</p>   | <p><i>(...) Em termos da adaptação penso que em cada ano tem sido melhor e a comunidade tem crescido muito rápido e acredito que os exemplos para os novos alunos somos nós e sempre auxiliamos os que chegam aqui: arranjando casas, tratar de documentos no SEF e repartições públicas da cidade que é necessário.</i></p> <p><i>(...) A língua tem sido uma barreira para os estudantes de Cabo Verde porque tem o crioulo como a língua nativa e estando no IPB sentem-se algumas dificuldades em comunicar, mas o IPB já abriu curso de português grátis há pouco tempo para estes alunos, de modo a reforçarem a oralidade, a escrita e se sentirem integrados na cidade e no IPB.</i></p>   |

|  |  |
|--|--|
|  | <p>(...) O IPB é uma instituição multicultural e tem uma estimativa de setenta nacionalidades diferentes e creio que dentro da comunidade do IPB tem corrido perfeitamente, havendo respeito mútuo e as coisas têm indo no bom sentido. Podemos ver que a língua e a cultura são essenciais para uma boa convivência na diversidade entre os académicos.</p>   |
| <p>10. Como vê a adaptação a uma cidade social e culturalmente diferente do seu lugar de origem?</p> | <p>(...) É uma mais-valia, sobretudo para os recém-chegados a um país, cidade e Politécnico novo, mas ao encontrarem pessoas que os acolhem bem, sentem-se logo felizes e não desamparados. Os alunos de Cabo Verde, muitos escolhem o IPB porque já têm amigos aqui e famílias que facilitam muito a sua adaptação na cidade e no IPB e por ser uma comunidade estudantil com um número elevado, boa organização e adaptada na cidade de Bragança.</p>  |
| <p>11. O que pode ser feito para ultrapassar os obstáculos que vão encontrando?</p>                  | <p>(...) As dificuldades são imensas e a nossa preocupação na AEAB é tentar junto dos serviços competentes ajudar na colmatação destas dificuldades que os alunos apresentam e nós não possuímos recursos financeiros para poder responder perante estes problemas e nem estamos capacitados para tal, mas o IPB tem feito um esforço enorme para responder a esta demanda dos alunos com maiores dificuldades financeiras e não só, encaminhando por exemplo para a Cáritas e há pouco tempo o Banco alimentar tem ajudado nesta situação.</p>  |
| <p>12. O que faz para ultrapassar os problemas e obstáculos com que se confrontam?</p>               | <p>(...) Nós da AAEA fazemos campanhas solidárias durante o ano para angariação de bens alimentícios, roupas, mantas, cobertores e não só, com o objetivo de facultar aos alunos que apresentam maiores dificuldades, identificando-os.</p> <p>(...) Temos que saber que a AAEA, particularmente, não é suficiente para poder dar uma resposta a todos os níveis porque nós também somos estudantes, a nossa vida não é somente a associação porque temos compromissos com os nossos estudos. Enfim, sempre tentamos auxiliar os estudos e ajudar no que for preciso os nossos colegas.</p> <p>(...) Por outra razão, penso que devem ser procurados mais parceiros no sentido de ajudar os alunos que apresentam maiores dificuldades económicas.</p> |

| <b>Subcategoria A3. Apoios dados aos estudantes</b>  |   |
|--|---|
| <b>Questões</b>  | <b>Unidades de registo</b>  |
| 13. Que apoios, medidas, ações podem ser dados para garantir uma integração académica com sucesso?                             | <p>(...) <i>A nossa preocupação baseia-se sempre naquilo que os alunos têm relatado durante todos estes anos e sabemos que os que apresentam maiores dificuldades financeiras são os que menos tentam mostrar e se dão a cara tentam fazer perante aqueles que dão maior confiança.</i></p> <p>(...) <i>Muitas vezes chegam informações na AAEEA destes alunos por conhecidos ou pessoas de fora (amigos ou colegas) e não propriamente os que estão mediante esta situação difícil de apoios e nós tentamos chamar o aluno para explicar a situação e quando não conseguimos ajudar passamos estas informações ao IPB que também, dentro das suas possibilidades, tenta ajudar o aluno, solucionando o problema.</i></p>   |
| 14. E para se sentirem integrados social e culturalmente? Mantêm as suas tradições? Partilham essas tradições? Como? Com quem? | <p>(...) <i>Conseguem claramente manter as suas tradições mesmo estando distante dos seus países de origem e seus habitat, porque nós da AAEEA durante o ano realizamos diversas atividades com o objetivo de promover a integração dos alunos como, por exemplo, a receção aos caloiros que é uma atividade que nós fazemos aqui todos os anos no sentido de promover a integração.</i></p> <p>(...) <i>Em termos culturais, nós, por exemplo, fazemos uma sala multicultural na qual os alunos de diferentes países da CPLP apresentam os seus costumes para dar a conhecer as suas riquezas. Fazemos as partes gastronómicas em que os alunos cozinham, apresentando assim pratos típicos e sabores diferenciados de diferentes países.</i></p> <p>(...) <i>A questão desportiva é realizada por nós, onde apresentamos a modalidade do desporto futsal no sentido de incluir todos os estudantes dos países da CPLP. O nosso objetivo no seu todo é proporcionar e promover os alunos a nível social, cultural, desportivo e não só e a campanha da solidariedade é primordial para ajudar os caloiros na sua inserção e os que necessitam de apoios básicos.</i></p> <p>(...) <i>Os alunos de Cabo Verde partilham as suas tradições com AAEEA, porque participam nas nossas atividades culturais e dentro da associação existem vários núcleos, nomeadamente temos cinco núcleos de Cabo Verde das diferentes ilhas e estes estudantes acabam por desenvolver atividades, dinamizando</i></p> |

|   |   |
|---|---|
|   | <p><i>assim a parte cultural do que é a tradição e os costumes de Cabo Verde.</i></p>   |
| <p>15. São recetivos a outras manifestações culturais, não só de outros estudantes provenientes de outras nacionalidades mas também às da própria cidade? Pode exemplificar?</p>        | <p><i>(...) Sim, por acaso esta tem sido a nossa preocupação, porque o número de estudantes africanos na cidade anos-após-anos tem crescido e quanto maior o número de pessoas numa atividade da AAEA, torna-se difícil identificar, controlar, incentivar e conseguir fazer com que as pessoas deem valor e atenção a certas atividades, em que não só referimos aos alunos de Cabo Verde mas também de outras nacionalidades.</i></p> <p><i>(...) Portanto, o nosso maior desafio é incentivar a participar nas atividades que realizamos de modo a dar a conhecer uns aos outros os nossos valores e costumes. Bem ou mal, estamos numa cidade nova, país diferente e peculiaridades culturais distintas da nossa.</i></p> <p><i>(...) Ao impor estas tradições permitirá que a sociedade civil aceite como somos e que façamos parte desta cidade também.</i></p> <p><i>(...) Nós convidamos não só os alunos de Cabo Verde a participarem nas atividades da AEAB, mas outros alunos da CPLP que acabam por não demonstrar interesses e pensam que faturamos muito dinheiro com a AAEA, deixando assim de participar. Veem a associação como uma empresa e não são capazes de perceber que a associação é algo de representação dos seus países e dentro da AEAB não conseguimos ter pessoas dispostas para trabalhar connosco de modo a dinamizarmos as nossas culturas, tradições e a própria associação em si.</i></p> |
| <p>16. Pode o Banco Solidário, criado recentemente, em consonância com a Associação académica dos estudantes africanos ser um apoio para os jovens estudantes cabo-verdianos? Como?</p> | <p><i>(...) O Banco Solidário do IPB foi criado em parceria com a Cáritas e com a Diocese de Bragança juntamente com todas as associações académicas existentes no IPB. Tem como objetivo dar seguimento e apoios aos alunos que apresentam maiores dificuldades financeiras e não só porque atualmente dispõe de bens alimentícios e bens da primeira necessidade na qual os alunos podem passar por lá e ter estas ajudas. Muitos deles preferem não ir e nós da AAEA acabamos por contactar o IPB e o Banco Solidário de modo a saber como ajudar estes alunos que receiam apresentar a cara.</i></p> <p><i>(...) Neste sentido, acabamos por ter em nossa posse grandes quantidades de produtos alimentícios e começamos a fazer distribuição para estes alunos diretamente na associação envés de ir no Banco</i></p>  |

|   |   |
|---|---|
|   | <p><i>solidário. Temos feito esta parceria com o IPB no sentido de apoiar da melhor forma, auxiliando estes alunos e, quando não conseguimos ajudar encaminhamos para o Banco.</i></p> <p><i>(...) Na AAEA quando estamos na posse de ajudas do Banco contactamos estes alunos para procurarem a associação, recebendo-os de forma anónima e confidencial porque não querem apresentar a própria pessoa. O nosso trabalho tem sido positivo neste aspeto e para fomentar esta parte solidária o IPB integrou a questão de estimular crédito aos alunos que fazem voluntariado, criando mecanismos que lhes permitem desenvolver outras competências, obtendo assim créditos académicos dentro do projeto de voluntariado.</i></p> <p><i>(...) Sim, muitos alunos africanos têm a noção deste Banco Solidário porque nós passamos informações através das redes sociais e no espaço da sede em si de modo a poderem ter acesso aos apoios e um crédito nos seus diplomas através do Projeto Voluntariado.</i></p>                |
| <b>Subcategoria A4. Desafios /oportunidades proporcionadas por essa experiência</b>                             |   |
| <b>Questões</b>   | <b>Unidades de registo</b>  |
| <p>17. Considera ser uma mais-valia para a formação dos estudantes cabo-verdianos estudarem no IPB? Porquê?</p> | <p><i>(...) É lógico que para um aluno que vem estudar para o IPB sempre será uma mais-valia para o seu currículo e a sua vida profissional, porque quem faz as formações nos seus respetivos países não são as melhores em relação aos que estudam fora, mas isto não quer dizer que não têm uma boa formação, porque ao estudar fora aprimoram sempre mais valências. Ao estar sozinho num país diferente, com culturas, hábitos e o modo de viver distintas numa nova cidade, tem de se virar, adaptar e abraçar outros desafios na vida para dar respostas aos problemas que vêm aparecendo no seu dia-a-dia num contexto adverso.</i></p> <p><i>(...) A nível académico, o IPB é uma escola de referência, o melhor Politécnico do País e está no ranking dos cinquenta melhores Politécnicos do Mundo e o sítio do IPB ajuda muito o aluno na sua vida profissional futura e se vier estudar para o IPB os alunos de Cabo Verde têm sempre uma melhor valência aqui, devido às diversidades culturais existentes.</i></p> |
| <p>18. O que é que considera ser mais desafiante para estes estudantes?</p>                                     | <p><i>(...) Desafios são muitos, porque a sua vinda para Portugal, para o IPB já é um desafio porque ele tem de estar consciente de que vai encontrar uma realidade diferente à daquela a que está habituado e estes desafios, que vão encontrando ao longo da sua vida académica, fazem – no crescer, amadurecer</i></p>   |

|   |   |
|---|---|
|   | <i>e ser a melhor pessoa, aumentando assim as suas qualidades no futuro.</i>  |
| 19. Que oportunidades se abrem para o futuro destes estudantes?   | <p><i>(...) Muitos estudantes quando terminam o curso, normalmente regressam para os seus países de origens por considerar que, se calhar, têm melhores oportunidades de emprego e não só ali, mas em muitos casos alguns permanecem aqui em Portugal a viver e a trabalhar ou seja, em muitos casos trabalham nas suas áreas e não só.</i></p> <p><i>(...) Quando se diz alunos do IPB, é sempre visto de forma diferente e com outra cara por ser a melhor instituição superior do país e por ter residido em Bragança, que é uma cidade acolhedora e que tem o hábito de abrigar muito bem os estudantes e os que querem viver aqui.</i></p>   |
| 20. Que diria a estudantes que queiram vivenciar a experiência de estudar no IPB?   | <p><i>(...) Quem vier para o IPB, e nós estamos aqui para os ajudar a nível académico, porque é a melhor instituição politécnica do país e tem um ensino de excelência, por isso não se preocupem porque a nível académico vão ter as melhores formações que desejam e nós estamos aqui para os auxiliar dentro das nossas possibilidades na AAEA.</i></p> <p><i>(...) Muitas pessoas pensam que a associação está aqui para resolver os problemas de todos eles, mas não é bem assim porque estamos aqui para ajudar a resolver os problemas e não resolver os problemas. Tudo o que precisarem e que tenha a ver com a AAEA, estaremos dispostos em orientar/auxiliar.</i></p>  |
| 21. Pela sua experiência na Associação, quais as expectativas que considera que os estudantes cabo-verdianos têm para o futuro? Voltar ao país de origem? Ficar em Bragança? Ficar em Portugal? Migrar para outros países? Quais? | <p><i>(...) Vai depender de pessoa para pessoa, porque é algo pessoal e as decisões recaem sempre de forma individual e, qualquer aluno ao terminar os seus estudos sempre tem em ideias voltar para os seus países de origem independentemente de terem alguns contactos profissionais. Em muitos casos, alguns vão com contactos para se poderem fixar e alguns, por motivos diversos, acham que nos seus países não têm grandes oportunidades e preferem ficar por aqui ou emigrar para outros países onde acabam por ter melhores oportunidades de emprego.</i></p> <p><i>(...) Acredito, no que depender da AAEA, que estamos aqui para ajudar os alunos a escolherem as melhores opções e decisões possíveis e sabemos que agora os nossos países têm apostado em diversas formações superiores, o que vem dificultando muitas oportunidades de emprego e apostas na juventude.</i></p> <p><i>(...) Acredito que muitos acabam por não regressar por achar que ali não vão ter grandes oportunidades o que dificulta muito na decisão se é para voltar ou para ficar. Muitos deles, com o</i></p> |

|  |  |
|--|--|
|  | <i>passar do tempo desligam da AEAB e do IPB, mas mantêm contactos com colegas e amigos que deixaram aqui.</i> |
|--|--|